

# A DEFESA NACIONAL

— REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES —

DIRECTOR-PRESIDENTE:

Tristão de Alencar Araripe

SECRETARIO:

Lima Figueirêdo

GERENTE:

A. da Silva Chaves

Anno XXIV

Brasil — Rio de Janeiro, Abril de 1937

N.º 275

## S U M M A R I O

PAG.

Alerta . . . . . 371

LITERATURA — HISTORIA — GEOGRAPHIA — SCIENCIA

A Tcheco-Slovaquia — *Henrique Paulo Bahiana* . . . . . 378

O Canal de Suez . . . . . 386

### SECÇÃO DE TACTICA GERAL

Reaprovisionamento e Communicações nos Exercitos —

Ten. Cel *Gaussot* . . . . . 390

### SECÇÃO DE INFANTARIA

A transformação necessaria da infantaria francesa — A organização das pequenas unidades de infantaria —

Major *T. A. Araripe* . . . . . 403

O Batalhão no combate — Cap. *João Baptista de Mattos* . . . . . 409

### SECÇÃO DE CAVALLARIA

Ainda o transporte das armas automaticas na cavallaria —

Ten. *Umberto Peregrino* . . . . . 426

Notas sobre o emprego da D. C. — Cap. *Ferlich* . . . . . 430

## SEÇÃO DE ARTILHARIA

	PAG.
A artilharia divisionaria no combate defensivo — Major <i>Djalma Dias Ribeiro</i> . . . . .	446
Decisões do General Commandante de uma D. I. no que diz respeito ao emprego da sua artilharia — Cap. <i>Maurell Filho</i> . . . . .	460

## SEÇÃO DE INTENDENCIA

Serviço de intendencia — Ten. <i>Francisco Guido Wandler</i>	469
--	-----

## NOTICIARIO E VARIEDADES

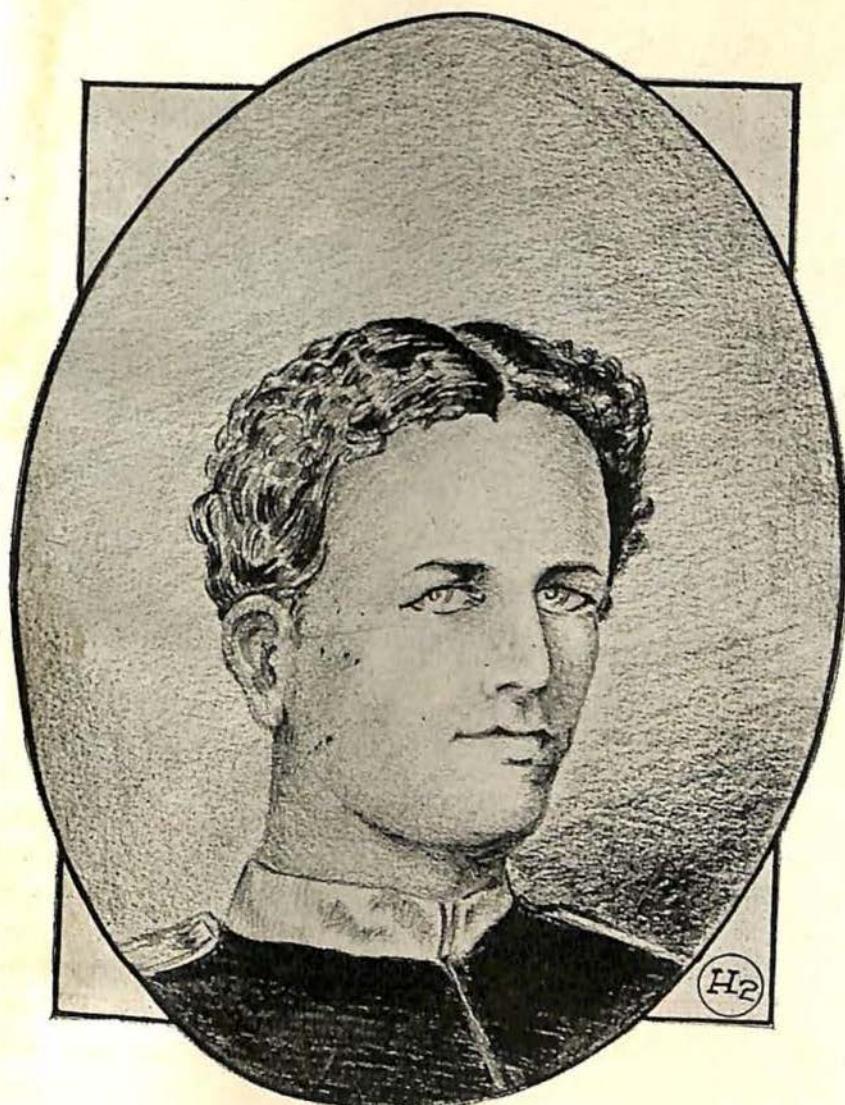
O espirito militar — <i>Affonso Celso</i> . . . . .	473
Machado de Assis — Ten. <i>Umberto Peregrino</i> . . . . .	477
Engajamentos e reengajamentos — Ten. <i>A. Paiva</i> . . . . .	481
Secretario de "A Defesa Nacional" . . . . .	494

## AVISO

Pedimos aos nossos annunciantes a gentileza de comunicarem ao Snr. Director Gerente desta revista, quando procurados por pessoas que usam do nome da "A Defesa Nacional" afim de obterem annuncios para outras revistas militares estranhas ao Exercito. Os nossos auxiliares da secção de Publicidade são portadores de carteiras de identidade da "A Defesa Nacional", que deverão ser exigidas pelos snrs. annunciantes.

A DIRECTORIA

# VISCONDE TAUNAY



Alfredo Escragnolle Taunay

# GENERAL GOMES CARNEIRO



O heroe da Lapa

## ALERTA

Sobre a superficie apparentemente serena e tranquillisadora da vida nacional irrompem, de vez em vez, certos factos de caracter morbido, — verdadeiros tumores — que symptomatizam uma situação de corrupção, capaz de arrastar a Nacionalidade para uma destruição imminente.

Não vae nisso affirmação pessimista ou derrotista. Mas vale como brado de alerta, dos muitos que "A Defesa Nacional" tem feito soar desassombradamente em todos os tempos; brado dos que vivem na atalaia, vigilantes, luctadores intemeratos, obreiros persistentes e silenciosos da defesa e do engrandecimento do Exercito e da Patria e que sentem a hora opportuna do toque de rebate, que desperte as consciencias adormecidas, detenha os levianos, os ignorantes e os maldosos intencionaes que nos levam á decomposição.

Não nos pesa o temor do escandalo e dos males presuppostos que possam decorrer do exagero ou da deturpação dos phenomenos apontados. Todos elles vivem no dominio publico, dando cuidados á pequena maioria de patriotas ou merecendo o desprezo e não conseguindo abalar a despreocupação da quasi totalidade dos brasileiros que tem uma parcella de responsabilidade pelos destinos da Patria. Mesmo quando negados, nenhum dos phenomenos que vamos commenatar pode ser ignorado por estes brasileiros. Por isso o nosso brado, dirigido principalmente aos camaradas das Forças Armadas, impõe-se, justificadamente e com oportunidade, para reaffirmar a **necessidade da cohesão** em presença desses phenomenos que são forças dissociadoras da integridade nacional.

\* \* \*

"Um golpe de vista rapido sobre o actual momento brasileiro e que remonte um pouco sobre o passado mais proximo, revela logo que a idéa da Patria se enfraquece dia a dia na alma da nossa gente, principalmente daquella que mais devera defendel-a e guardala bem viva para orientar e guiar a propria acção sobre a causa publica".

Persistem e se reaccendem as tentativas de predomnio politico dos grandes Estados; apezar das vozes que se levantaram e protestaram, mostrando o perigo nacional que é o desenvolvimento excessivo das forças militares estaduaes, estas continuam a crescer. Estados ha que detem, sob varias formas e pretextos, os menos rasoaveis e logicos, grande copia de armamento e efectivos, mais fortes do que o Exercito Nacional em seus territorios, como se este fosse insufficiente, incapaz, ou não inspirasse confiança. Tornou-se mais accentuada, nos ultimos tempos, a corrida armamentista das forças estaduaes, com as acquisições no estrangeiro de armamento vultoso, no qual se encontra material que o Exercito, apezar da incessante grita, ainda não conseguiu ver siquer. A crêr nas divulgações da imprensa e nas declarações publicas de deputados, algumas dessas forças, alem de disporem de material que o Exercito ainda não possue (morteiros modernos, metralhadoras ante-aereas, fuzis dos ultimos modelos, etc.) contam com maior numero de armas automaticas do que as existentes no Exercito. E, emquanto crescem "exercitos regionaes", definham o Exercito e a Marinha Nacionaes, á mingua de material para o seu apparelhamento, não digamos completo, mas apenas minimo, isso porque o ouro consumido com as acquisições estaduaes ha de fazer falta ás necessidades federaes.

E o que é peor, muitos dos homens publicos e, ás vezes mesmo, camaradas nosos defendem abertamente o **armamentismo** das unidades federadas, sem que se manifeste formal opposição a esse erro e crime de lesa patria, sem que as vozes se levantem em prol do fortalecimento do Exercito, sem que se pugne por esse unico caminho que assegurará a **defesa nacional**.

A intelligencia de grande numero desses homens publicos deveria poder abarcar quadro maior do que o do **regionalismo** em que foi alimentada.

Esses homens deveriam mostrar-se capazes de ascender acima das considerações e dos interesses pessoaes, egoistas e regionaes que nelles predominam. Talvez não lhes falte desenvolvimento intellectual e capacidade de amor á Patria, nem tão pouco o senso das verdadeiras necessidades e conveniencias nacionaes.

O que falta a alguns é sinceridade, a outros desprendimento, a outros o senso da realidade.

\* \* \*

Ha ainda outros symptomas dessa **anemia patriótica**. Quando os povos fracos se precatam contra os fremitos expansionistas e conquistadores das nações imperialistas, sob a pressão dos exemplos recentes e convincentes e das manifestações descaradas de cubiça pela terra alheia, é de pasmar que haja brasileiros a advogar a liberdade de immigração, depois da conquista consagrada pela constituição de 16 de Julho nesse particular. E o pasmo ainda é maior e de tristecer, quando se vislumbra nos gestos de protecção ao estrangeiro concupiscente, a imposição arrogante do mais forte ou as manobras cavilosas do ouro sobre as consciencias frageis. Contra esse inimigo tentador e pe-

rigoso, urge fazer guerra tenaz, guerra difficult, quasi contra moinhos de vento.

Guerra de caracter. Guerra moral. Mas, cuidado ! O campo está tomado, quasi inteiramente. Bradaremos e não mais ouviremos Miguel Couto; e não temos na imprensa muita gente a batalhar comnosco; nem tão pouco no Congresso.

Mas é preciso alertar a Nação e vencer, a despeito do poderio, do ouro e das manhas dos potentados, sejam elles japonezes, israelitas, allemães, italianos, etc.

O imigrante é, sem duvida, factor poderoso de progresso, mas a imigração em massa, sem controle, sem possibilidades de adaptação e de absorção do imigrante, acarretará males que é preciso reconhecer e, sobretudo, saber neutralizar, para preservação e consolidação da Patria.

\* \* \*

Outra manifestação alarmante dessa mesma anemia é a que se vem observando em presença do surto comunista. Ha como que accentuada **tendencia ac-comodaticia** no animo da mór parte de nossa gente. As jornadas de sangue de Novembro de 1935 produziram, em todos os sectores da vida brasileira, reacções pathéticas de vitalidade, de disposição para a lucta contra o inimigo bolchevista, solerte e audacioso, de firmeza na correccão e no castigo dos que tentaram destruir o nosso sagrado patrimonio moral para impor-nos sistemas e doutrinas forjados por judeus ardilosos e por asiaticos ainda retardados.

Fomos attingidos pela fé e pela segurança de que a serpente havia sido esmagada e não mais se ergueria para innocular a sua vil peçonha.

Mas o tempo, mesmo ainda curto, nos patenteou que laborámos em erro. A bonança apparente desfez as prevenções de quasi todo o mundo e hoje não se lembra o perigo imminente, pouco se obra em defesa da sociedade. O numero dos que não dormiram sobre os louros, dos que se mantem, attentos, na estacada é por demais diminuto. Do outro lado, não estão só os que calam e se aquietam por displicencia e por menosprezo; ha os que se ageitam e se accommodam por interesse e por temor, ha os que manobram e se collocam promptos a passarem ao campo vencedor e mais seguro. Os factos são concludentes. A campanha anti-communista, iniciada pelos jornaes e sociedades de radio, pouco durou, talvez sob pseudo-ameaça dos remanescentes filiados bolchevistas. Ouvimos certa vez de pessoa de grande projecção industrial que determinada estação de radio suspendera as suas irradiações anti-communistas pelo simples facto de suspeitar o seu director de estar sendo rondado por individuos suspeitos. Nada mais symptomatico.

As reacções communistas ante o Tribunal de Segurança são apresentadas ao publico com certa sympathy por varios jornaes, ao mesmo tempo que deturpam, visando o ridiculo, as decisões dos juizes e autoridades. De algozes que eram até bem pouco tempo, far-se-ão em breve victimas e, talvez, martyres, no caminho em que vamos.

Em presença da lucta na Hespanha o mesmo facto se observa. Ha jornaes que só não cantam lóas aos communistas porque a Delegacia de Segurança Social está alerta.

Em quanto isso o inimigo não dorme. Continúa trabalhando para armar a desordem. Ao encontro dos

seus desejos, a Nação regressa á apathia, ao pouco caso, ao desinteresse, ás competições de politica mesquinha, que dividem, que distraem a attenção e que enfraquecem, dando aso á acção dissolvente dos inimigos da Patria.

\* \* \*

Já escreviamos em 1933:

"Aquellas vozes raras que se levantam e pr etc. tam contra estes anniquilamentos continuos da coh :sao patria, que por taes maneiras se processam, perdem-se neste immenso "deserto de homens e de idéas", perdem-se no espaço indefinido, sem écho nem repercusão, porque as abafa o **vacuo** de comprehensão das conveniencias do conjunto, vacuo dos verdadeiros sentimentos nacionaes !

Sim, quando a idéa e o amor da Patria animam a todos que agem, quando reina o espirito da Nação e nunca o de aldeia, quando um patriotismo sincero e luctuoso estimula a collectividade, qualquer que seja a esphera de acção de cada um, não se constatam impossibilidades de compreender e de attender ás grand necessidades e principaes conveniencias nacionaes !

Seja como fôr, é preciso reagir, formar **barreira** capaz de deter a marcha macabra dos phenomenos de decomposição da Patria, que dia a dia se aggravam e se amontoam "

Hoje, a situação é mais grave do que naquella data e por isso mais se impõe o nosso **alerta**.

A nós, do Exercito, cabe-nos manter firme, indistructivel, essa **barreira**, verdadeiro **baluarte** em que se apoiará a defesa da independencia não só politica, mas tambem moral, social e economica; a defesa do lar,

da propriedade, da cultura e da consciencia, de toda uma civilisação, de toda uma historia.

Para sermos, porem, esse baluarte, é preciso cohesão, unidade de sentir, de pensar e de agir; que não nos dividamos em dissensões partidarias; que não nos deixemos arrastar pelas intrigas dos maus brasileiros, na satisfação mesquinha de interesses pessoaes; e que sajamos crear, pela nossa fé, pela noção do dever, dem, sentimento de disciplina e de ordem, pelo espirito structivo, o ambiente sadio de brasiliade capaz de ellir os inimigos da Patria.

Sejamos unidos em torno desses ideaes, cegos na manutenção da ordem interna, como melhor meio de preservarmos a Integridade Nacional.

E por ser assim e, por não sermos capazes por convicções politicas ou interesses pessoaes, de deixar de cumprir os nossos deveres de soldados em guerra externa, parodiemos o nosso grande guia, o Duque de Caxias: **A manutenção da ordem interna, com a cohesão e disciplina do Exercito é presentemente, na hora grave que atravessamos, a melhor garantia da integridade patria. Por isso, as nossas espadas não pertencem a homens nem a partidos e servem para combate a quem pretenda perturbar essa ordem.**

## Livros á venda na «A Defesa Nacional»

### FORMULARIO PARA OS PROCESSOS DE DESERÇÃO —

Cap. <i>Nizo Montezuma</i> . . . . .	5\$000
INDICADOR ALPHABETICO — Sub. Ten. <i>Odilon Braga</i> . . . . .	4\$500
REGULAMENTO DE EDUCAÇÃO PHYSICA — 3. <sup>a</sup> parte . . . . .	8\$000
1. <sup>a</sup> parte, no prélo	8\$000
REG. N. <sup>o</sup> 3 (Administração) Ten. <i>Aristarco G. Siqueira</i> . . . . .	7\$000

# LITERATURA · HISTÓRIA GEOGRAPHIA · SCIENCIA

## A Tcheco Slovaquia

HENRIQUE PAULO BAHIANA

### FANAL DOS SLAVOS OPPRIMIDAS

Escriptores estrangeiros já traçaram com admiração a história do grande povo da Bohemia, tenaz, pleno de seiva e cuja resistencia obstinada aos furiosos assaltos do germanismo após a derrota da Montanha Branca lhe permitiu a resurreição e lhe restituiu, no concerto das nações, um logar que os geographos ainda lhe negavam.

Queremos hoje dar aos brasileiros uma idéa mais complexa desse povo intemperato que, curvado como os povos irmãos, sob o jugo estrangeiro, soube elevar-se mais alto ainda do que elles, numa cultura eminentemente slava, embora sob verniz germanico, a ponto de tornar, na noite interminavel da raça, o fanal para que se dirigiam os olhares angustiosos de quantos clamavam pela liberdade.

### O CARACTER DOS TCHECOS

Charles Rivet, num magistral estudo sobre o caracter dos tchecos, diz que antes de mais nada elles são, tal como todos os slavos, profundamente individualistas, mas de um individualismo que não é o frances, nem o inglez. O slavo, na verdade, é refractario ao principio de autoridade. Donde quer que ella venha, esta autoridade lhe desagrada e se lhe torna intoleravel quando emana de gente de seu proprio meio. O seu democratismo, tingido com a anarchia do sonhador, é um sentimento simplista, rustico e patriarchal, que se matiza de mysticismo e religiosidade.

Enthusiasma-se facilmente e passa com a mesma facilidade á melancolia mais profunda.

Adquiriu do germano qualidades incontestaveis, dentre as quaes a coragem e a tenacidade. A resistencia, por exemplo, da Bohemia, nas garras da aguia dos Habsburgo, ficará como inesquecivel prova de que não se mata a idéa de patria, como aliás nenhuma outra, por meio de bayonetas.

Do exemplo alemão o povo bohemio tirou outros proveitos, qual o de se tornar mais pratico e mais ponderado do que os slavos da Russia, da Polonia ou da Croacia.

Idealista, é certo, como as nações irmãs, a nação tcheca não se abysma, entretanto, nas chimeras que absorvem a energia do russo. A sua fé não vai até o mysticismo e a sua philosophia não procede do fatalismo.

Mas, frisa Rivet, onde o tcheco permaneceu eminentemente slavo, é na sua inclinação para o apostolado. De facto o tcheco se caracteriza pelo seu messianismo. Vem-l-o até contaminando os proletarios israelitas russos que querem impôr ao mundo a panacéa social do bolchevismo.

E' precisamente deste apostolado, oriundo de seu passado e facilitado pela situação geographica do paiz que o tcheco retira a prudencia e a reserva nas relações com os vizinhos.

Na vanguarda do movimento tendente a manter o espirito e a individualidade da raça, o tcheco desempenha admiravelmente a sua missão de chefe "sokol", de conductor, de orientador, agora mais do que nunca, quando outras nações slavas, mais irrefletidas, se lançam aos horizontes rasgados pela victoria dos aliados na grande guerra mundial.

O tcheco é — e isto o define muito bem — o menos visionário de todos os slavos, e o melhor preparado para uma vida politica propria.

#### FÓRMA GEOGRAPHICA

Estudando a Tchecoslovaquia, não podemos escapar a varias contradições. Por exemplo classifica-se entre os pequenos Estados, sem duvida porque de norte a sul ella é apenas um pouco maior que a Belgica ou a Hollanda; mas, por outro lado, de oeste a este ella é tão comprida quanto a Alemanha, da Bohemia ao golfo de Dantzig; quanto a Inglaterra, das Orcadas a Plymouth; quanto a França, de Calais aos Pyrineus e quanto a Italia, dos Alpes ao golfo de Tarento. Donde se conclue que si os paizes fossem considerados conforme o tamanho, como o grande Frederico fazia com os seus granadeiros, a Tchecoslovaquia ficaria entre os grandes paizes. Occupa, porém, entre os Estados europeus o decimo quarto logar, sob o ponto de vista da superficie e o nono sob o ponto de vista da populaçao.

## MINIATURA DA EUROPA

Esta linha traçada de oeste à este significa muito mais ainda: exprime tanta diferença em matéria de civilização, que um traço partindo de Manchester ou de Paris e indo até o Caucaso. No oeste da Tchecoslovaquia encontrareis o noroeste typico da Europa: grande industria muito especializada, agricultura intensa e racionalizada, vida urbana extremamente activa. Mas si fordes descendo a linha oeste-leste, vereis regiões e vida cada vez mais rústicas, mais pittorescas e de um carácter mais primitivo, a tal ponto que no oeste verdadeiro sereis obrigados a percorrer a floresta virgem munidos de espingarda, por causa dos ursos e só cruzareis pastores semi-nomades ou aldeias de madeira, que já não se distinguem das pequenas aglomerações russas.

No oeste ha regiões tão industrializadas que se confundem com Birmingham, Charleroi ou Pittsburgh. No este outras ha em que a natureza, a gente, o traje, os costumes conservam uma gravidade secular, millenar mesmo, unica no continente. Esses 800 ou 900 kilómetros representam um afastamento, na civilização, muito maior do que qualquer outro que encontrareis nos demais Estados europeus.

A Tchecoslovaquia não é, portanto, um paiz tão pequeno assim: é a Europa em miniatura.

## ENCRUZILHADA DE CIVILIZAÇÃO, RAÇAS E IDÉAS

Se considerarmos o mappa da Europa, veremos que a massa alongada da Tchecoslovaquia ocupa, entre o norte e o sul, o oeste e o este, quasi o meio do continente. O facto de ficar no centro da Europa significa que o paiz não pôde deixar de sofrer as consequencias de embates historicos. Com efeito não escapou a nenhum choque de raças, de civilização ou de idéas.

Talvez em nenhum outro lugar se tenha retirado das entranhas da terra tantos testemunhos das épocas prehistoricais; desde o homem das cavernas até ás aglomerações dos caçadores de mammouths todas as camadas culturais se superpõem ali e as ossadas das raças humanas se accumularam durante cincuenta mil annos. Ali passava a fronteira septentrional do Imperio romano. Por cima daquellas montanhas vieram as hostes dos gaulezes, dos germanos, dos slavos. Ali pararam as invasões vindas do este, as

dos tartaros e dos turcos. Houve ali, no decimo quarto seculo, uma ponta da cultura romana, dirigida para o Oriente, e, hoje, como ha mil annos atraz, a Igreja Oriental e a Igreja Occidental se encontram. Naquelle solo nasceu a Reforma e se desencadeou a guerra entre o catholicismo meridional e o protestantismo do norte.

### RESISTENCIA AOS INVASORES

Reflictamos agora um momento, acerca da posição deste pequeno paiz, localizado entre Estados e Povos muito mais poderosos e bellicosos do que elle. Que força de resistencia, que tenacidade na defesa ! Essas fronteiras, que vêde no mappa, tremeram sob a pressão céga dos conquistadores; elles se estenderam ás vezes até o Baltico e o Mediterraneo, para que o povo, suffocado, pudesse respirar.

### ENCRUZILHADA DA NATUREZA

A Tchecoslovaquia é tambem uma encruzilhada da natureza — um paiz formado pelo fogo dos vulcões, os sedimentos do mar e a erosão dos geleiros. Conheceu todos os periodos geologicos. Encontram-se fossilizadas, florestas tropicaes de araucarias, os morenios do geleiros arcticos e prolongamentos das steppes ponticas. Hoje ainda penetrareis em florestas virgens, que ha dois mil annos fecharam o caminho ás legiões romanas lançadas para o norte.

### A DESNACIONALIZAÇÃO

O primeiro Estado slavo, fundado sobre o actual territorio tchecoslovavo, pelo chefe Samo, contra os Avaros, data do setimo seculo. No nono seculo desenvolve-se o imperio da Grande Moravia, destruido no decimo seculo pelos magyares. A parte oriental deste Imperio (a Slovaquia actual), ficou sob o dominio hungaro até 1918.

Após a destruição do Imperio da Grande Moravia, Praga foi o centro politico em torno do qual se organizaram os paizes tchecoslovacos. O reino da Bohemia adquiriu grande importancia, sob a dynastica dos Luxemburgos, em particular sob Carlos quarto (1346 - 1378), que fez de Praga a capital dos paizes vizinhos,

fundando ali a primeira universidade da Europa Central e embel-  
lezando-a com magnificos monumentos.

Em 1526, com a eleição de um Habsburgo para o throno da Bohemia e da Hungria, os paizes tchecos só foram reunidos aos paizes alpinos e á Hungria na pessoa do soberano commum a esses paizes. Mais tarde, quando recomeçaram as lutas religiosas, principalmente por occasião da tentativa de revolta, em 1620, reprimida com execuções, confiscos e terrivel perseguição, o povo tchecoslovaco perdeu a sua independencia e ficou á mercê do perigo da germanização.

Durante 300 annos a dynastia dos Habsburgos reinou sobre a Tchecoslovaquia, destruindo-lhe a liberdade religiosa, distribuindo funcões e propriedades á nobreza estrangeira. Do velho Estado fizeram uma província mal administrada e do povo uma minoria sem forças.

O povo tchecoslovaco teve que manter contra os alemães da Austria e contra os hungaros uma luta incessante em prol da existencia, da lingua e de um pouco de liberdade.

Esta luta quotidiana contra a desnacionalização e contra um regimen humilhante e injusto foi penosa e amarga.

Privada, embora, de sua independencia, de sua vida propria, a Bohemia resistiu corajosamente ás tentativas dissolventes, enfeixadas num vasto plano de magyarização.

#### O DESPERTAR DA NACIONALIDADE

O despertar nacional teve logar no decimo nono seculo. Toda a historia do paiz, nessa época, é uma luta incansavel pela conquista dos grandes direitos nacionaes, politicos e intellectuaes.

Alguns patriotas animados pelo grandioso exemplo da Revolução Franceza e inspirados por um glorioso passado iniciaram a obra titanica do reerguimento do paiz.

Classes operarias e outras, conscientes da nacionalidade, reappareceram na primeira metade do 19.<sup>o</sup> seculo. Em 1848 a burguezia despertou. De 1870 ao fim do seculo, são creadas numerosas usinas, bancos, escolas; constituem-se forças economicas e culturaes graças ao trabalho de chefes cultos; congrega-se uma elite intellectual disposta a restituir á patria o logar que lhe pertencia e que fôra usurpado.

Em 1914 a Bohemia constituida de um novo corpo nacional harmonicamente organizado, uma entidade a que só faltava a emancipação.

#### OPPORTUNIDADE PARA A INDEPENDENCIA

Iniciando o conflicto mundial de 1914 os tchecos, vislumbrando uma brecha na velha structura do Imperio austro-hungaro, activaram o movimento pró-independencia. Varios patriotas, ardentes de zelo — conspiradores de idéas largas mas sem dinheiro algum — percorrem a Europa e a America; declararam ás potencias aliadas não só que a nação tchecoslovaca deseja a liberdade, mas tambem que é necessário reconstruir a Europa. Não defendem apenas causa propria, pois tentam persuadir as grandes nações que devem libertar do domínio estrangeiro os polacos, os yugoslavos, os rumenos, os tchecos e os slovacos. Não viajam com o mappa do seu paiz, mas sim com o mappa da Europa.

O centro de propaganda pró-independencia da Tchecoslovacia era o "Conselho Nacional", funcionando em Paris, sob a direcção de T. Masaryk. A organização das legiões tchecoslovacas que lutaram ao lado dos aliados, na França, na Russia e na Italia, foi obra do referido Conselho.

Em particular a historia das legiões tchecoslovacas que ocuparam a Siberia até o fim da guerra é um episodio altamente dramático.

Esses 70.000 soldados mal armados abrem caminho através das steppes siberianas, combatendo sem cessar, e — facto extraordinario — publicando simultaneamente um jornal ilustrado, editando livros, e organizando festas desportivas. Após uma epopeia homérica embarcaram em Vladivostok em navios japonezes e regressaram á patria, onde chegam, em regimentos disciplinados. Não é um grande feito phisico e moral o desses 70.000 jovens guiados por generaes de 30 annos ?

#### OBTIDA A ALMEJADA INDEPENDENCIA

A partir de junho de 1918 o Conselho Nacional era oficialmente reconhecido como futuro governo tchecoslovaco e o exercito tchecoslovaco como exercito combatente e aliado. A França, a Inglaterra, a Italia e os Estados Unidos, havendo assim reconhe-

cido o Conselho Nacional, em 14 de outubro, constituiu-se em Paris um governo provisório em nome do qual o professor Masaryk proclamou em 18 de outubro a independência do Estado tchecoslovaco. Pouco após, em 28 de outubro, a independência era proclamada em Praga e o governo provisório, completado por personalidades de Praga se transformava em governo definitivo.

Houve poucas revoluções cujos chefes tenham sido sustentados por um consentimento popular tão geral, como aconteceu com a revolução de 1918 na Tchecoslováquia. Não foi a obra de uma minoria decidida, a dominar o resto da massa indiferente da população e a arrastá-la a efectuar actos revolucionários. O povo estava tão decidido quanto os seus chefes e pôde-se dizer que o Estado Tchecoslovaco nasceu do esforço revolucionário de toda a nação.

Foi a unanimidade dos cidadãos e a sua compreensão dos acontecimentos, no momento em que ruia o poder militar da Áustria, que fizeram do golpe de Estado não uma revolução propriamente dita, mas sim uma manifestação solemne, celebrada sem perturbações e sem derramamento de sangue.

Esse povo de rebeldes, libertou-se em 28 de outubro de 1918, mas sem se vingar. Dois ou três dias após a revolução, o governo tchecoslovaco oferecia aos chefes da minoria alemã lugares na Assembléa Nacional Revolucionária. Hoje os representantes dos alemães participam do governo do país, que fôra outrora teatro de conflitos entre as nacionalidades.

#### CONSOLIDAÇÃO DO REGIMEN

A Assembléa Nacional Revolucionária, formada de delegados dos partidos tchecos e slovakos, proclamou o estabelecimento do Estado Tchecoslovaco sob fórmula de República Democrática, tendo Masaryk como presidente eleito. Em 29 de fevereiro de 1920 promulga-se a Constituição do país, de acordo com a qual tiveram lugar, em abril do mesmo ano, as primeiras eleições regulares. Assim foi criada a primeira Assembléa Nacional Constituinte. E apesar dos obstáculos o novo Estado conseguiu consolidar rapidamente a sua posição. Temos uma bella prova de estabilidade da República na presença constante de T. Masaryk na direcção da nação tchecoslovaca.

## CONCLUSÃO

A Tchecoslovaquia, como vimos, é um paiz antigo e novo, grande e pequeno, aqui muito cultivado, ali inculto, industrializado em certas partes, desprovido, em outras, dos refinamentos da vida moderna.

Pôde haver paizes mais bellos, mais ricos, mais cultos. Mas nenhum outro deu provas de tão extraordinaria tenacidade nem de tal aptidão á vida, como a nação tchecoslovaca, que se manteve no centro da Europa e nelle se manterá.

Tem a Tchecoslovaquia paragens magnificas, um folk-lore admiravel, castellos que se parecem com os dos contos antigos, preciosos monumentos historicos, costumes encantadores. Mas o que ha nella de mais romantico e de mais sublime é a propria historia desse povo trabalhador e valoroso, que desempenhou e continuará desempenhando na historia uma missão de principal e transcendenté significação.

---

## Secção de Aviação

O appello que fizemos no frontespicio do numero passado foi attendido: o Ten.Cel. Armando de Souza e Mello Ararigboia offereceu-se, solicitamente, para dirigir a redacção de tão importante secção. Aos nossos leitores ramos a alviçareira nova de que no numero proximo já teremos optima collaboração referente á sexta arma. Ao gesto captivante do Ten. Cel Ararigboia só podemos corresponder com a nossa eterna gratidão.

Não deixando escapar o ensejo, solicitamos aos collegas da Engenharia que frequentem as paginas da "A Defesa" com assumpto tangente ás multiplices applicações da arma de Cabrita e Malan d'Angrogne.

# O Canal de Suez

## UM POUCO DE HISTORIA

“Vale a pena historiar seguidamente a abertura do Canal de Suez e referir-se ás normal juridicas internacionaes que regulam o seu transito.

As tentativas para a abertura do Canal de Suez remontam a uma época muito remota. Um corte parcial do isthmo, para estabelecer a communicação entre a Asia e a Africa, foi seguramente effectuado sob o reino dos Pharaós, e posteriormente utilizado no tempo de Dario, rei dos Persas, para ser mais tarde tornado a encher pelo califa Al Mansur.

O traçado inicial, porém, obedecia a estabelecer a comunicação entre Suez e o Nilo.

A direcção actual, longitudinal, começou a preoccupar os estudiosos, logo após a descoberta do cabo da Boa Esperança. E é assim que, em 1641, Leibnitz apresentou um relatorio a Luiz XIV e, desde então, a França procurou dar-lhe realização.

## O INICIO DOS TRABALHOS

Graças á genialidade do consul francez Ferdinando de Lesseps, a despeito da formidavel oposiçao da Inglaterra, em 1859, dava-se inicio aos trabalhos do gigantesco emprehendimento. Dez annos depois, e precisamente a 17 de novembro de 1869, o Canal de Suez foi inaugurado.

Technicos, entre os quaes o glorioso trentino Negrelli, e braços italianos, concorreram poderosamente para essa realização, para a qual foram necessarios quatrocentos milhões de francos ouro, subscriptos pela Compagnie Universelle du Canal Maritime de Suez.

Entre os socios fundadores, resultam as comunas de Genova, Veneza e Trieste, em quanto brilha pela ausencia a Inglaterra.

Esta nação, porém, emenda seu erro de falta de comprehensão adquirindo, em 1875, do Kedivé do Egypto, muito necessitado de dinheiro, cerca da metade das acções da companhia, realizando, outrossim, um excellente negocio financeiro, cujos lucros se tornaram, cada vez mais leoninos.

Si se lembrar, de facto, que em 1934 passaram através do Canal de Suez 25 milhões de toneladas e que para cada tonelada se paga uma media entre 3 e 4 francos ouro de taxa de transito (em quanto se paga a quantia de 10 francos para cada pessoa) verificar-se-á facilmente qual o valor financeiro do Canal para o Estado sob cuja soberania elle permanece.

### PARA SERVIR AO TRAFEGO MUNDIAL E AO PROGRESSO DA HUMANIDADE

Na mente do engenheiro Lesseps o canal deveria servir para o desenvolvimento do trafico mundial e para o progresso da humanidade ! Mas, como para a maior parte das celebradas conquistas humanitarias, a sua função tem tambem um notavel valor estrategico em vista de que surgiu a necessidade de regular o seu transito, mediante accordos juridicos internacionaes bem definidos.

Esses accordos foram fixados na Convenção de Constantino-pla, em 29 de outubro de 1888 e contém as clausulas seguintes, que reproduzimos textualmente:

“Art. 1.º — O Canal marítimo de Suez ficará sempre livre e aberto, em tempo de guerra como em tempo de paz a todo navio de commercio e de guerra, sem distincção de bandeira. Por isto, as altas partes contractantes estabelecem não perturbar de qualquer forma a liberdade de uso do canal, seja em tempo de guerra, seja em tempo de paz. O canal jamais ficará sujeito ao exercicio do direito de bloqueio”.

Art. 4.º — “O canal marítimo permanecendo aberto em tempo de guerra, como passagem livre, tambem aos navios de guerra dos belligerantes nos termos do artigo 1.º do presente Tratado, as altas partes contractantes estabelecem que nenhum acto de hostilidade ou nenhum acto que tenha por escopo difficultar a livre navegação do canal poderá ser levado a effeito no canal e nos seus portos de accesso, como tambem num raio de tres milhas maritimas de distancia, ainda quando o Imperio Ottomano fosse uma das potencias belligerantes”.

Art. 8.º — “Os agentes no Egypto das potencias firmatarias do presente Tratado serão encarregados de fiscazilar a sua execução. Em qualquer circumstancia que se verificar a ameaça contra a segurança ou a livre passagem do Canal, os referidos

agentes deverão reunir-se, após a convocação de tres delles e sob a presidencia do decano, afim de proceder ás constatações necessarias.

Art. 12.<sup>o</sup> — "As altas partes contractantes acham-se de acordo, para a applicação do principio de igualdade, relativo a tudo quanto concerne o livre uso do Canal, principio que constitue uma das bases do presente Tratado, que nenhuma dellas procurará obter vantagens territoriaes ou privilegios nos accordos internacionaes que poderão intervir com relação ao Canal".

### O ACCORDO DE 1888 E' APPLICAVEL SEM RESTRICÇÕES E RESERVAS

Em 1898, a Inglaterra se oppoz á passagem dos navios hespanhóes em derrota para as Philippinas. Em 8 de abril de 1904 porém, mediante um acordo estipulado com a França, a Grã-Bretanha retirou todas as clausulas limitativas, declarando que o acordo de 1888 deverá ser applicado sem restricções e reserva de especie alguma.

E desta nova orientação, o mundo teve a prova durante a guerra russo-japoneza de 1904 na qual, não obstante a mal disfarçada hostilidade ingleza contra a Russia, não foi criado o menor obstaculo á passagem da esquadra do almirante Falkerston, composta de tres couraçados, tres cruzadores e de outro navio auxiliar.

O resto da esquadra, como é notorio, dobrou o cabo de Boa Esperança, porque o volume d'agua do Canal de Suez não era sufficiente para o calado de navios de guerra de grande dimensão.

### MAIS UM EPISODIO A COMPROVAR A LIVRE NAVEGAÇÃO DO SUEZ

Tambem durante a guerra mundial registrou-se um symptomatico episodio, que veio reaffirmar a solidez do principio que regula a livre utilização do canal. Queremos referir-nos á resposta dada por um alto funcionario francez da Companhia do Canal, o qual interpellado sobre o eventual pedido de passagem que fosse apresentado pelos cruzadores allemães "Goeben" e "Bresláo", declarou que não poderia recusar-se a attendel-o.

No apôs-guerra, a plena vitalidade da Convenção de 1888 permanece assegurada, pois o Tratado de Versailles, no seu artigo 152, lhe confirma todo o vigor.

### A SOBERANIDADE DO EGYPTO

Falámos da Inglaterra, como si essa nação fosse a principal fiadora da liberdade do transito do canal. Effectivamente, porém, essa garantia pertence sobretudo ao Egypto que sobre o Canal de Suez exerce sua soberanidade e que — é conveniente revelal-o — usufrue vantagens financeiras e económicas notaveis através do trafego ali existente.

Uma tentativa de lesão da Convenção de 1888, sem contar com a reprovação que provocaria em todos os países europeus e extra-europeus, interessados em conservar livre a passagem do canal suscitaria um fermento plenamente justificado nos ambientes nacionalistas egypcianos que, na manutenção do livre transito do canal, não encontram sómente uma contingencia favorável para a economia do seu paiz, mas tambem — e sobretudo — uma garantia da sua independencia".

("O Jornal", 6-X-935).

### Agradecimento

*Deixando o cargo de secretario desta revista por ter que me ausentar do Rio de Janeiro, expresso meu profundo reconhecimento a todos os redactores e auxiliares das nossas diferentes secções, assim como a todos os colaboradores que, comprehendendo a alta finalidade deste orgão de publicidade, foram solícitos em nos enviar matéria attrahente e valiosa, anciósos em cooperar na preparação intellectual do Exercito.*

LIMA FIGUEIRÊDO  
Secretario

# SECÇÃO DE TACTICA GERAL

Redactor: A. DA SILVA CHAVES

## Reaprovisionamentos e Comunicações nos Exercitos

(CONSIDERAÇÕES SOBRE A RECENTE CAMPANHA  
DA ETHIOPIA)

Conferencia realizada na Escola de Estado Maior no dia 21 de Outubro de 1936 pelo Ten-Cel. GAUSSOT da M. M. F.

(Continuação do n.º 273)

### III — OS SERVIÇOS DE REABASTECIMENTO E DE EVACUAÇÃO

Antes de expôr os problemas propostos e de Evacuação do Exercito Italiano e de examinar as soluções que lhes foram dadas, convém fazer uma observação preliminar sobre a organização geral dos Serviços.

Leu-se com efeito em notícias da imprensa, e mesmo — o que é, sobretudo para nós, interessante — escripto pela pena de certos criticos militares — que, na Ethiopia, o Serviço de Intendencia tinha sido o fornecedor exclusivo da frente, não somente de viveres, forragens, objectos de campanha e equipamento, mas ainda de munições, material de fortificação e transmissão, etc.... E' assim por exemplo que o S. de Intendencia teria fornecido para as duas batalhas de Sciré e de Tembien: 250.000 mochilas, 85.000 estacas de ferro, 43 toneladas de arame farpado, etc.... D'ahi se concluir falsamente ter o Exercito Italiano realizado a unificação, em um só serviço, de todos os serviços fornecedores especializados.

Na realidade, não ha senão um mal entendido, apenas uma questão de palavras.

O que os Italianos designam pelo vocabulo "Intendencia" é o conjunto de serviços reabastecedores, collocados sob a autoridade de um Intendente Geral, que em nosso vocabulário, teria o título de Director Geral dos Serviços.

Quanto ao Serviço de Intendencia, tal qual o entendemos, isto é, encarregado de fornecer ao Exercito viveres, forragens, equipamento e material de acampamento, é designado, no Exercito Italiano pelo vocabulo "Serviço do Commissariado".

A despeito das apparencias não ha pois, na organização geral dos Serviços no decurso da campanha da Etiópia, nenhum abandono dos dois principios sobre os quaes até hoje esta organização tem reposado em todos os Exercitos modernos:

— especialisaçāo dos Serviços, correspondendo a necessidades technicas;

— centralisaçāo dos Serviços sob uma Direccāo Gerai, dependente directamente do Commandante, unico senhor da manobra em todos os seus dominios.

Estudaremos successivamente, em seguida:

— o Serviço de Engenharia;

— o Serviço de Saúde;

— o Serviço de Intendencia (ou do Commissariado);

— o Serviço de Artilharia (ou de Material Bellico).

### O SERVIÇO DE SAÚDE

O Serviço de Saúde do Exercito Italiano, desempenhou papel capital e assaz particular. As difficuldades a enfrentar provinham menos do inimigo, corajoso e numeroso, mas mal armado do que do clima, um dos mais hostis ao Europeu, que vive sempre agglomerado e em actividade. O papel do Serviço de Saúde foi pois essencialmente a preservação dos efectivos.

As perdas causadas pelo inimigo foram relativamente fracas. As avaliações officiaes e outras, si bem que não concordem de um modo absoluto, estão de acordo sobre sua ordem de grandeza.

Os comunicados officiaes accusam para a batalha de **Enderta**, que durou 6 dias, as seguintes perdas:

Mortos: 12 officiaes e 122 soldados.

Feridos: 24 officiaes e 499 soldados.

Para a segunda batalha de **Tembien**, que durou 4 dias:

Mortos e feridos: 30 officiaes, 600 soldados, dos quaes 500 metropolitanos.

Para a batalha de **Sciré** que durou 4 dias:

Mortos e feridos: 56 officiaes, 747 soldados dos quaes 629 metropolitanos:

No total as perdas attingiram até a tomada de **Addis Abbeba**: Mortos: 2.500 metropolitanos, dos quaes 250 officiaes; 1.600 africanos.

Feridos: um total de 10 a 12 mil.

Assim em 7 meses de campanha e depois de 5 batalhas que duraram, cada uma, varios dias, as 17 Divisões do Exercito Italiano, tiveram menos baixas do que teriam numa unica jornada de batalha, travada na frente occidental em 1918. (1)

Cumpre observar além disso que a maior parte das perdas italianas ocorreram na frente estabilisada — Sul de Makallé e margem N. do Tacazze — onde o Exercito Italiano se fixou de principio de Novembro até o começo de Março. As pouco numerosas evacuações sanitarias consecutivas, não apresentaram nenhuma dificuldade porque foram feitas sobre retaguardas organizadas. (2).

As principaes dificuldades a vencer provinhão das condições climatericas: o clima tropical e geralmente clima tropical de altas montanhas, exigia que as tropas fossem empregadas sómente mediante certas precauções; de outra parte tinha-se de enfrentar todas as molestias dos paizes quentes. As medidas tomadas deviam pois visar a aclimatação das tropas, sua hygiene e a prophylaxia das doenças tropicaes.

Massaua é certamente um dos portos mais quentes do mundo. No verão o thermometro marca de dia á sombra, 40 a 45 gráos e geralmente não desce á noite abaixo de 30°. Calor humido, sem nenhuma brisa que o tempere. Ora, foi no verão, de Maio a Outubro de 1935, que o Exercito Italiano atravessou Massaua, ponto de passagem obrigatorio para elle, entre a Italia e a Erythréa. E foi lá que se organizou obrigatoriamente a base ma-

(1) As perdas ethiopes parecem ter sido infinitamente mais pesadas. Os comunicados italianos falaram em: 18.000 homens fóra de combate, dos quaes 6.000 mortos, na batalha de Enderta; 10.000 homens fóra de combate na segunda batalha de Tembien; 5.000 homens fóra de combate na batalha de Sciré. Essa desproporção é muito explicavel não só pela superioridade do armamento italiano, como tambem pelos processos de combate archaicos das tropas do Negus.

(2) Não temos informações sobre a organização do S. de Saúde no decurso da marcha das columnas motorizadas sobre Condar e sobre Addis Abbeba. As disposições que teriam sido certamente previstas para o caso de combate, não foram executadas, porque essas duas operações foram realizadas sem luta.

○ Makalle

△ Amba Alagi

○ Quoram

ESCALA

0 100 Km.

Addis - Abbeba

Uorra - Ilu

Dessié

Macfud

Col de Tarmaber

Debra Sina

Ankober

ritima da expedição e, por consequencia, onde foram manipuladas centenas de milhares de toneladas de mercadorias diversas.

Para as tropas destinadas á frente, foi relativamente facil subtrahil-as aos perigos d'uma estadia prolongada em um tal iogar; elles eram com effeito evacuadas logo após o desembarque, por caminhões ou por curtas etapas feitas de noite para a zona na frente do planalto. Quanto aos estivadores, dos quaes uma larga proporção (cerca de 1.500) eram italianos recrutados nos portos da peninsula, trabalhavam, na medida do possivel, segundo um horario que evitava os momentos mais quentes da jornada, e sua alimentação, hygiene e alojamento eram objecto de cuidados particulares.

Desde que se chega a **Asmara**, o clima offerece uma outra surpresa.

A 2.400 metros de altitude, mesmo no verão desfructa-se temperatura mais agradavel. A media annual é de 17 gráos e meio, nos mezes do verão de 22 gráos, com os maximum e minimum absolutos de 30 e 5 gráos. Mas esta temperatura deliciosa se acompanha d'uma pressão atmospherica extremamente baixa; a de Agosto de 1935 oscillava em **Massaua** em torno de 750, enquanto que na mesma época, em **Asmara** era de 580. D'onde certos disturbios physiologicos, particularmente graves nos individuos nervosos ou cardiacos: palpitações, dores de cabeça, insomnias, corrimentos sanguineos do nariz e das orelhas. Como consequencia um arfar rapido ao menor esforço (1); impossivel em principio, correr, fazer sport, carregar fardos. Grande "handicap" para os naturaes da região mediterranea sobre tudo em presença de um adversario que, aclimatado por definição, é um dos melhores marchadores do mundo, capaz de fazer 70 kms. por dia, a 7 kms. por hora.

Para remediar, na medida do possivel, os inconvenientes do clima das montanhas, as tropas vindas da Italia foram mui progressivamente treinadas. Assim é que as unidades desembarcando na Erythréa, antes de attingir **Asmara**, se detinham alguns dias em **Nefasit**, a 1.200 metros. E, quando após um segundo

(1) Esta falta de pressão teve outras consequencias sobre os motores dos automoveis e os aviões: o consumo de essencia era maior e as decollagens mais difficeis; teve-se que modificar as caracetristicas de certos apparelhos e aumentar as pistas.

lanço attingiam o planalto, só eram ahi submettidas a esforços medios (as marchas por exemplo não ultrapassavam 10 kms.).

Em continuaçāo, no curso das operaçōes que fizeram sucessivamente passar o Exercito Italiano pelos valles humidos, de forte temperatura, e por collos de 3.000 metros, onde o ar faltava, as longas marchas a pé e os deslocamentos rapidos foram, de resto, geralmente pedidos aos contingentes erythréanos, em quanto tiveram antes tendencia a reservar as Divisões Metropolitanas para as acções de choque. Pode-se mesmo perguntar si os processos empregados para executar a marcha sobre **Addis Abbeba** não respondiam, numa certa media, á preocupação de ordem hygienica; os erythréanos marcharam a pé, em esclarecedores, enquanto os europeus seguiam em caminhões.

A obra de aclimataçāo foi naturalmente completada por medidas que visavam mais directamente a preservação e a conservação dos effectivos; medidas de ordem hygienica e medidas de ordem prophylatica.

No dominio da hygiene é preciso notar, em particular, as medidas tomadas: — para assegurar um abundante e difficult reabastecimento de agua, no qual intervieram os Serviços de Intendencia e de Engenharia;

— para compor racionalmente a raçāo de viveres, que continha de alcool, apenas pouco vinho, mas ao contrario limões, á razāo de 3 por semana e por homem, afim de compensar a falta de legumes frescos;

— para assegurar o asseio individual dos soldados, particularmente num paiz onde pullulam todas as especies de parasitas cada batalhāo era dotado dum caminhāo com duchas;

— para que o vestuario correspondesse ás necessidades do clima: capacete colonial, cinta de lá, etc.

Quanto ás molestias a temer, sua enumeraçāo, mesmo limitada ás mais communs, é muito longa: paludismo, dysenteria amebiana, variola, febre typhoide, typho, cholera, lepra, etc.

A Ethiopia, na opinião dos observadores, pela ignorancia que seus habitantes têm, de um modo absoluto, dos mais comezinhos principios da hygiene, é a terra abençoada de todas as doenças.

O typho e a dysenteria, em particular, lá se acham em estado endemico; o paludismo reina em todas as regiões baixas, a peste se encontra nas fronteiras do Sudāo, e, enfim, em 1935, as pro-

vincias do Norte do Imperio estavam precisamente, devastadas por uma epidemia de meningite cerebro espinhal.

Estando ao par do perigo, o governo italiano confiou a "Inspeção geral dos serviços sanitários da África oriental" àquelle que, no inicio deste seculo, descobriu o "trepanosome" da molestia do sono e que, após longas peregrinações na África e na Ásia, dirigiu, depois de 1931, o Instituto romano das doenças tropicaes — ao proprio **Aldo Castellani**. E, sob a alta impulsão deste grande sabio, a campanha prophylatica foi conduzida da maneira a mais científica e a mais energica.

Todos os medicos designados para a África Oriental, entre os quais os medicos de reserva, foram convocados por séries, para fazer um estagio no Instituto das doenças tropicaes.

O pessoal, officiaes e soldados, foi, antes de sua partida para Italia, não sómente submettido a selecção rigorosa, mas tambem vacinado contra a variola, a febre typhoide, as paratyphoide A, B, e T, e o cholera.

In loco, a luta antipaludica foi dirigida pelos processos classicos da quinização e da petrolagem das aguas estagnadas. A travessia do valle do **Mareb** foi precedida e seguida de 15 dias de quinização para todo o effectivo.

Emfim, desde que houve possibilidade, o mal foi atacado em sua base, isto é, nas populações ethiopes: exames sanitários minuciosos das regiões ocupadas, abertura de dispensarios, vacinação obrigatoria dos habitantes contra a variola, internação dos leprosos, muito numerosos, em particular no Tigré, etc.

Apezar de tantas precauções, o Serviço de Saúde teve a sabedoria de prever que os evacuados seriam numerosos. Desde Outubro de 1935 havia na Erythréa perto de 20.000 leitos de hospital e na Somalia cerca de 3.000.

Além disso, uma dezena de paquetes, entre os maiores e os mais luxuosos, foi convertido em navios hospitais e assegurava as evacuações de **Massaua**, não para a Italia, que recebeu muito poucos feridos e doentes, mas para as ilhas do Dodecaneso, muito mais proximas.

O numero dos evacuados por doença foge, até este momento, a qualquer avaliação precisa.

Em Outubro de 1935, antes mesmo do inicio das hostilidades, haviam passado em Suez mais de 12.000 evacuados.

Entre estes milhares de doentes, a grande maioria era de operarios civis. As relações mais ou menos officiaes têm insistido e varias vezes repetido a excellencia do estado sanitario do Exercito.

Disto tudo, sem duvida, conclue-se que:

— graças ás precauções tomadas, as perdas por doenças, si bem que mais importantes que as causadas pelo fogo, ficaram, entretanto, longe das cifras catastrophicas attingidas em certas campanhas coloniaes;

— os trabalhadores civis foram mais affectados que os combatentes, provavelmente por haverem trabalhado em condições mais insalubres e por terem applicado, de modo mais restricto, as medidas de hygiene prescriptas.

### O SERVIÇO DE ENGENHARIA

co...

O serviço de Engenharia teve de resolver tres problemas principaes que de importancia, podem se classificar assim:

— co<sup>r</sup>re a tir<sup>o</sup> de vias de comunicação;

— cr<sup>r</sup>ere a qual<sup>e</sup>va de agua;

— reap<sup>r</sup>va das unidades quanto a ferramenta e material de for<sup>r</sup>mação.

Já tivemos occasião de sublinhar quão estreita e constante foi, durante a Campanha da Ethiopia, a relação entre o estado de avanço da rede de estradas e o rythmo das operações.

O Commando Italiano havendo decidido usar contra os ethiopes todos os engenhos em serviço num grande exercito moderno, viu-se na contingencia de adaptar preliminarmente o terreno ao funcionamento desses meios.

Isto reflectiu na propria organização do Exercito Italiano, tanto como consequencia, entre outras, a formidavel proporção de trabalhadores da retaguarda em relação aos combatentes da frente.

So o ponto de vista technico, a construcção das vias de comunicação realizou-se progressivamente, tendo por escopo a construção duma rede susceptivel de supportar a circulação intensa de automoveis, mesmo durante a estação das chuvas.

Em 1935, após 50 annos de occupação da Erythréa, existia sómente, de Massaua a Asmara uma mediocre pista que, depois de cada tempestade, necessitava reparações. Em Março de 1935, quando os primeiros preparativos davam ao porto de Massaua uma

actividade nunca vista, fez-se mistér, em virtude da precaridade e perigo oriundos do emprego do caminhão, utilizar por vezes o comboio de camellos para desembaraçar o caes. Mas logo chegaram os pioneiros civis. No meio do verão, em toda zona litoreana, creou-se uma nova estrada enquanto na montanha, se limitava a rectificar o antigo traçado.

No mez de Setembro, a estrada já estava empedrada e alcatroada ;mas a corrente só era possivel num sentido unico, fazendo-se, por dia, 12 horas no sentido ascendente e 12 horas no sentido descendente.

Em territorio ethiope, notava-se o mesmo adiantamento progressivo dos trabalhos. Na esteira das unidades da frente, as unidades de reserva se engajavam incontinente, no trabalho, melhorando as tenues pistas existentes, de maneira que permittissem, o mais cédo possivel, a passagem de vehiculos ~~auto~~<sup>peças</sup> ligeiros: auto-carretas e viaturas de turismo. Durante ~~esta~~<sup>essa</sup> phase, uma unica preocupação commandava tudo — a de ir depressa: não se perdia tempo em procurar o melhor traçado; ~~o~~<sup>o</sup> trânsitario, adaptava-se o que existia, isto é, em regra, ~~o~~<sup>o</sup> traçado ~~estagnado~~<sup>que</sup> tinha recta que permitte o trafego de muares, mas ~~que~~<sup>seguida</sup> de 15 em, aliás, ao caminhão. Limitava-se a alargar a via existente, onde se creavam as obras necessarias, fazendo saltar o basalto após haver cavado por meio de pequenas perfuratrizes o oleo pesado, transportados em cargueiros. Algumas vezes, quando se achavam sobre um terreno movele, ou, quando encontravam asperezas do sólo difficéis de reduzir, lançavam uma verdadeira via artificial por um dos dois processos seguintes:

— construcção de duas faixas de rolamento constituidas por placas de cimento juxtapostas; essas duas faixas afastadas uma da outra, pela largura correspondente á via dum caminhão;

— estabelecimento duma trama de travessas metallicas entre as quaes se escoa, em seguida, o cimento.

Mais tarde, vieram os engenheiros encarregados de resolver quanto ao traçado definitivo pois os inumeraveis obreiros construiram, segundo as suas necessidades, ou uma simples pista para automoveis, ou uma verdadeira estrada para todos os vehiculos em todas as estações.

No fim de Abril de 1936, o esforço do Serviço de Engenharia em relação á construcção de estradas podia medir-se pelas cifras seguintes:

— 3.500 kms. de estradas, dos quaes 875 macadamisadas, alcatroadas e permittindo a circulação em duplo sentido;

— 1.114 metros de pontes de mais de 20 metros, das quaes 451 de cimento armado e 238 de ferro.

Entre as sérias dificuldades que esperavam na Africa Oriental o Exercito do General de BONO, figurava a falta dagua. Uns, prophetisavam que os italianos seriam vencidos pelos Exercitos do NEGUS, sempre invenciveis até 1936, outros, que o seriam pelas doenças e ainda outros, pelo terreno. Em Setembro de 1935, um dos chefes do Exercito Ethiope, o general turco WEHIB PACHA declarava que "a falta d'agua provocaria certamente a derrota dos invasores".

De facto, os historiadores são unanimes em considerar, até 1936, a parte Norte da Ethiopia uma região sem mananciaes, sem poços, com raras fontes e com pantanos de aguas estagnadas. Nunca, e todo o Imperio, com excepção de alguns centros, se realizou qualquer tentativa para a captação de um filete dagua. O ethiope vae tirar a agua de que necessita do rio ou do pantano; e ha sempre a quantidade sufficiente porque si elle bebe, nunca porém se lava.

Ora, era necessario reabastecer um Exercito de 400.000 homens e 60.000 animaes, temendo como base uma ração quotidiana de 10 litros para os homens e 20 litros para os animaes.

Mas, a natureza era, no fundo, muito menos "secca" do que deixava prever a falta de hygiene de seus habitantes. Logo após a posse da região de Adua, os serviços Hydrotechnicos do Exercito Italiano se entregavam a pesquisas cujos resultados foram extremamente satisfactorios. O sub-sólo revelou-se em toda parte muito rico e bastava perfurar, para que dos pontos mais baixos jorrasse uma agua clara e abundante. As duas companhias do Serviço de Aguas empregadas nesta região, perfurando poços, installando bombas, crearam nuns 10 dias mais de 120 nascentes, resolvendo assim o problema da agua que, até então, exigira da parte do Serviço de Intendencia disposições particularmente onerosas.

O reabastecimento da frente quanto a ferramenta e material de fortificação, ocupou apenas um logar secundario no esforço consideravel, em seu conjunto, dispendido pelo Serviço de Engenharia. A organização da frente estabilizada na qual o Exercito Italiano se deteve desde os principios de Novembro até fins

de Fevereiro, consumiu centenas de milhares de saccos de terra, de estacas para redes e milhares de toneladas de arame farrapado. Mais, ante as informações bastante contraditorias fornecidas sobre os consumos realizados, não é possível fazer uma ideia exacta do grão de organização da frente, extensa de 400 kilómetros, mas descontinua e sem profundidade.

### SERVIÇO DE INTENDENCIA

A ração quotidiana do soldado italiano é relativamente fraca: 750 grammas de pão, 350 de carne, 25 de açúcar, 15 de café, massas e um pouco de vinho. E não parece ter sido ella escrupulosamente obedecida, a crer pelo menos em certos testemunhos oculares que se admiravam — com razão — de que homens submetidos a tamanhos esforços pudessem satisfazer-se com um só prato de carne por dia, dois de massa e café.

O sobriedade tradicional do soldado italiano e seu moral elevado, contribuiram, sob o ponto de vista da quantidade, para simplificar a tarefa do Serviço de Intendencia, que, aliás, teve de enfrentar sérias dificuldades de outra natureza.

Os famosos "recursos locaes" com os quaes se tem o direito de contar com maior ou menor facilidade, revelaram-se, com efeito, tanto na Erithréa como na Etiopia do Norte quasi nulos. E de outro lado, a propria Italia foi obrigada, como seria ainda hoje, a appellar para o estrangeiro afim de obter uma grande parte de sua subsistencia.

Para o pão não houve dificuldades especiaes, fabricado como foi no local com farinhas importadas da metropole.

Mas, o reabastecimento de carne — desde que se esgotou o escasso rebanho erithréano, exigiu contractos para o seu fornecimento — em particular com o Brasil — de milhares de toneladas de carne congelada que após o desembarque, eram armazenadas nos grandes entrepostos frigoríficos constituidos especialmente em Massaua e em Asmara.

Os legumes frescos só raramente entraram na composição das rações e foram substituídos — sob o ponto de vista hygienico — por milhares de limões.

A agua, inicialmente, foi trazida em barcos cisternas de Aden a Port-Soudane e ás vezes, mesmo da Italia, por meio de milhares de garrafas de agua mineral. No proprio theatro de operações, o transporte da agua foi realizado já por caminhões

cisternas (existiam cerca de 500), já por caminhões frigoríficos transportando pedras de gelo.

O fornecimento de objectos de vestuário e acampamento consistiu approximadamente numa collecção completa de roupas, por homem, no decorrer dos oito primeiros meses de campanha:

550.000 pares de calçado;

500.000 pares de meias;

450.000 uniformes;

300.000 cobertores;

250.000 pannos de barraca.

Póde-se frizar que, o reabastecimento de lã, sendo difficult, a Intendencia italiana, comprou no curso do inverno de 1935-1936 em Addis Abbeba mesmo, todos os couros de carneiro disponível.

#### SERVIÇO DE MATERIAL BELLICO (ARTILHARIA)

Para as grandes batalhas de Fevereiro, os stocks de munição tinham sido constituídos do seguinte modo:

— para a batalha de Enderta, travada pelo 1.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup> Corpo de Exercito (17 Divisões) de 10 a 15 de Fevereiro:

219.000 projectis de artilharia;

22 milhões de cartuchos;

— para a 2.<sup>o</sup> batalha de Tembien, travada pelo 3.<sup>o</sup> Corpo e o Corpo Erythreano (5 Divisões) de 27 de Fevereiro a 1.<sup>o</sup> de Março:

48.000 projectis de artilharia;

7 milhões de cartuchos;

— para a batalha de Sciré na qual deviam tomar parte o 2.<sup>o</sup> e o 4.<sup>o</sup> Corpos (6 Divisões) de 229 de Fevereiro a 3 de Março:

50.000 projecteis de artilharia;

12.000 milhões de cartuchos.

Supondo — o que não é exacto, mas esta inexactidão deixa de pé o raciocínio e a conclusão — que os Corpos de Exercito e Divisões italianas dispuzessem do mesmo numero de canhões que os Corpos de Exercito e Divisões typo "frente occidental 1918" (1), o consumo de munições de artilharia, previsto para as grandes batalhas da frente ethiope do Norte, correspondiam a 1,5 unidade de fogo, quantidade extremamente fraca para 5 dias de batalha.

(1) 5 Grupos por Divisão, 4 Grupos por Corpo de Exercito.

E, fazendo a mesma suposição sobre a constituição da Infantaria nas Divisões italianas, as quantidades de cartuchos de infantaria correspondem a 6 Unidades de fogo, d'onde um consumo quotidiano que se approxima muito sensivelmente dos de 1918.

O fogo da campanha da Ethiopia parece pois ter sido — e mesmo do lado italiano — sobretudo um *“fogo de Infantaria”* — no que respeita pelo menos ao fogo terrestre.

Entretanto a Aviação fez no dominio do consumo, para não falar senão nelle, uma séria concurrence á Artilharia, particularmente durante a perseguição após cada batalha, aos bandos ethiopes em fuga mais ou menos desordenada.

A Aviação lançou de Outubro a Abril, mais de 1.700 toneladas de bombas. (1) Supondo que ella empregasse bombas de uma dezena de kilos e que os projectéis lançados pela artilharia tenham sido em media do mesmo peso, verifica-se que o consumo de bombas de aviação approximou-se da metade do consumo de projectis de artilharia.

\* \* \*

As reflexões acima, são baseadas em informações fragmentárias e não pretendem esgotar assumpto tão vasto quanto cheio de interesse e ainda insufficientemente conhecido. E' ainda muito cedo para firmar definitivamente os ensinamentos da recente campanha da Ethiopia e para estimar, com precisão, a medida em que elles influirão em campanhas travadas n'outras regiões do globo.

Na organização e no funcionamento dos Serviços de Reabastecimento e de Comunicações, os italianos se chocaram na Africa Oriental, com difficuldades muito sérias, mas de carácter muito particular, que não se encontrariam exactamente sobre nenhum outro continente.

As decisões tomadas foram por sua vez methodicas e energicas: o material mais moderno foi posto em serviço nos territorios mais afastados do globo; e foi, no geral, no estylo o mais classico que se puzeram em accão, processos os mais avançados.

O bom exito coroou integralmente o emprehendimento.

Elle foi devido:

---

(1) Durante as batalhas de Enderta e Tembien (2.º) ella lançou 173 e 795 toneladas de bombas.

— de uma parte á atmosphera na qual se desenrolou a campanha: a vontade de vencer rapidamente inspirou constantemente o Commando, os executantes e o Governo; e é a esta vontade que é preciso, em particular, attribuir a générosidade com a qual se dotou o Exercito expedicionario de effectivos bem como de engenhos de toda especie. Fez-se larga previsão e gastou-se á vontade: 12 milhões de liras a 1.º de Maio de 1936;

— de outra parte, ás facilidades resultantes da fraqueza do adversario e ás condições de inteira segurança que cercaram a preparação e a execução material da operação: os italianos dispuseram, antes de franquear o Mareb, de um periodo de 8 meses, durante o qual puderam, sem jamais ter sido inquietados, realizar a mobilização, o transporte e a concentração de seu exercito; e uma vez as operações começadas, puderam organizar suas retaguardas sem jamais terem sido ameaçados por incursões ou tiros, terrestres ou aereos, do inimigo.

Entretanto, nem tudo se passou sem dificuldades.

A crise que se marcou, em Novembro de 1935, pela mudança de Commando em chefe, foi uma crise mais "logistica" do que estratégica. Mas o restabelecimento da continuidade foi rápida e vigorosamente pronunciado.

Os riscos por vezes foram grandes e certas audacias pareciam antes golpes de temeridade: que teria acontecido á columna motorizada, lançada sobre Addis Abbeba, si a estação das chuvas em lugar de a attingir ás portas da Capital, a tivesse bloqueado a meio caminho de seu lanço prodigioso?

Com um maior recuo e informações completas, será sem dúvida mais facil penetrar na minucia dos acontecimentos: então as conclusões se precisarão.

O que é desde agora evidente, é uma conclusão de ordem muito geral, que os espiritos avidos de synthese formularam numa palavra, dizendo que a campanha da Ethiopia marcou o triumpho da logistica. Jamais, com efeito, o desenvolvimento das operações foi tão visivelmente função do desenvolvimento e de articulação dos serviços da retaguarda. Isto prorem não é uma novidade.

"La direction des affaires militaires n'est que la moitié du travail d'un général; établir et assurer ses communications est un des objects les plus importantes".

Foi Napoleão quem o disse.

# SEÇÃO DE INFANTARIA

Redactor: BAPTISTA DE MATTOS

Auxiliar: MANOEL GUEDES

## A transformação necessaria da Infantaria Franceza — A organização das pequenas unidades de Infantaria

(Continuação do n.º 274)

Pelo Major T. A. ARARIPE

### III — OS PROGRESSISTAS

OS QUE QUEREM MELHORAR A SITUAÇÃO ACTUAL. — *Depois de termos ouvido os separatistas e os conservadores vamos hoje tomar conhecimento com os progressistas.*

*Este são em maior numero e delles só apontaremos alguns. Caracterizam-se pelos mesmos desejos:*

- evitar a agglomeracão em torno do F. M., e dar maior desenvolvimento á tarefa do cabo fuzileiro;
- realizar o commando effectivo dos volteadores no grupo, em certos momentos, do pelotão;
- aumentar o numero de volteadores e diminuir o de municiadores.

*São os progressistas verdadeiros "moderados" que se collocam entre os separatistas e os conservadores.*

*Ouçamos, em primeiro lugar o General MAIGNAN em "E' preciso modificar a constituição do nosso pelotão?"*

*Acha que a deficiencia dos quadros inferiores da infantaria é uma questão de recrutamento, porque a infantaria recebe o rebotalho das outras armas. Para isso aconselha uma campanha que eleve a rainha das armas e desperte nas classes cultas o gosto pelo esforço e o amor pela arma.*

*Qualquer que seja a constituição do pelotão, o seu commando será muito mais delicado do que uma secção de metralhadoras, de petrechos, de carros ou mesmo uma peça de artilharia. "Na bateria, por exemplo, o chefe de peça e, na maioria das vezes, o Commandante de secção tem um papel puramente mecanico. Explico-me, nesse escalão, para dez tiros diferentes, as modalidades de execução pouco variam. O mesmo não acontece na Infantaria. As situações de combate nunca são identicas e, mesmo que o*

fossem, ahi estão o terreno, a manobra adversa, o dispositivo, o estado moral para tornarem tudo variavel. Além disso, o commandante do pelotão de Infantaria é, no combate, senão independente, pelo menos largamente autonomo em muitos casos e o mesmo acontece com o commandante do grupo, em escala menor. Conclusão: a tarefa do infante é mais difficult (nos escalões de que tratamos)".

*Para a difficultade de commando do pelotão propõem-se dois remedios:*

- a separação do fogo e do movimento;
- a redução da frente.

O autor longe de concordar com a redução da frente do pelotão, quer que seja augmentado de 150 ms. para 200 ms. ou 250 ms. Na approximação coberta e de 100 ms. para 150 ms. no ataque, sem modificar a frente e a profundidade do grupo. Serão evitadas as agglomerações, permitida a infiltração e o tiro por intervallo.

Quanto á separação do fogo e do movimento, elle pensa que a passagem do sistema antigo (esquadras diferentes) para o dos tres grupos homogeneos foi acolhida com entusiasmo por grande maioria dos infantes que acabavam de fazer a guerra. A separação do fogo e movimento aumenta as difficultades de commando dos 3 elementos; sinão, vejamos:

O commandante do pelotão, nos dois systemas, tem tres subordinados a dirigir; no sistema adoptado o afastamento dos commandantes de grupos não excede a 100 ms.; no sistema proposto essa distancia augmentará tornará impossivel o commando á voz;

O commandante do grupo de volteadores, no sistema proposto, não tem tarefa mais simples, pois deve coordenar a acção dos volteadores em frente larga e sem poder actuar contra objectivos interessantes a mais de 400 ms.

O commandante do grupo de fuzileiros, esse sim, tem a sua tarefa de fogo simplificada, mas terá a difficultade de ligar-se com os volteadores, de atirar sem molestá-los. A coordenação da acção dos elementos do pelotão torna-se quasi impossivel.

O General MAIGNAN pensa que se deslocou o problema, expondo-o em outros termos, sem resolvê-lo. Diz que o remedio está em uniformizar completamente o grupo, com as seguintes medidas:

- A) suprimir qualquer distincção entre volteadores e remuniadores;
- B) dar-lhes armamentos e equipamentos identicos;
- C) reduzir o numero de serventes a 2: atirador e municiador;
- D) fazer do cabo fuzileiro verdadeiro alter ego do commandante do grupo, suprindo a sua falta lá onde não se encontrar.

- e) só reunir os granadeiros atiradores em grupamento, na iminência do assalto; até lá esses granadeiros actuam no grupo como patrulhadores ou agentes de ligação e transmissão.

Isso importa em tornar evidente a afirmação do Prefácio do Regulamento — "o grupo forma um todo indivisível".

Acha que a maioria dos graduados estará à altura de sua missão, se activarem às seguintes regras simples:

- a) Até 1200 ms. do inimigo (ou até que elle se tenha manifestado) os volteadores precedem o F. M. (olhos);
- b) de 1200 ms. a 600 ms., por ser o F. M. só utilisavel, elle precede aos volteadores;
- c) a partir de 600 ms. todo o grupo utiliza o fogo (400 ms. e pouco para o tiro de fuzil);
- d) O commandante do grupo fica com o elemento cuja missão é, no momento, essencial; o cabo ficará com a outra parte;
- e) o grupo é indivisível e quer elle se desloque em bloco, por esquadras, homem a homem, não deve haver, nem de facto, nem no pensamento, a separação de um elemento fogo e de um elemento movimento.

Insiste em que o grupo não se dispersa e nem manobra.

A prudencia do General MAIGNAN conclue: "si a immobildade é a negação do progresso, o mesmo se pode dizer da agitação continua e das mudanças intermenáveis.

Ouçamos agora o Commandante MAUNIER-CONDROYER em "Reorganização da Infantaria".

Elle relembra o opusculo do Capitão MAISONNEUVE — "Infanterie sous le feu" de 1924 que já advogava a separação dos elementos do fogo dos de movimento.

Si o argumento a favor da separação é a lentidão da progressão, acha que se deve combater essa lentidão curando a "psychose du feu" — preocupação exacerbada da potencia fogo prejudica o movimento.

O remedio que aconselho reside em dar o grupo duas mentalidades (avanço rápido na approximação e inicio da tomada do contacto) a do volteador; (acção fogo na tomada do contacto e no ataque) a do fuzileiro.

A constituição actual do grupo e do pelotão satisfaz perfeitamente desde que admittamos ser o F. M. uma arma de vulgarisação (homens do grupo intermutaveis) e se dê ao grupo mentalidade dynamica de volteadores

Pensa que se pode diminuir o numero de fuzileiros em proveito de voltadores.

Trata da organização da Companhia de Fuzileiros para pedir que ella seja reforçada com elementos de fogo mais poderosos (metralhadoras e um pequeno morteiro).

Combatte o argumento de que o grupo actual é de "difficil commando" dizendo que isso só acontece quando erradamente se pede ao grupo manobras complicadas e antiregulamentares.

Para evitar esse erro, aconselha que se treine o combate do grupo no ambito do pelotão e da companhia e se habituem os chefes de pelotão e de grupo a serem modestos e a serem "simples".

O argumento da nova organização allemã é justamente a favor da actual organização francesa: quando o valor do seu enquadramento diminui com o serviço obrigatorio é que abandonam o sistema da separação — de commando difficult — pelo sistema da unificação — que assim elles reconhecem tacitamente ser mais favoraveis aos quadros fracos.

Vamos ver agora o que diz o Capitão PAQUETTE em "Banalités sur l'organisation des petites unités". O autor não se sente convencido pelos argumentos dos "separatistas", embora elles sejam seductores, algumas vezes.

Acha que seus autores ou desprezam os ensinos da guerra e insistem em "desejos" irrealizaveis ou exageram as conclusões.

Reconhece que a organização actual não é perfeita mas que é perfeitamente valida.

Certamente, o ideal seria que o commandante do pelotão tivesse a sua preeminencia como chefe e não abandonasse a direcção do combate aos seus commandantes de grupos. Mas isso não corresponde á realidade, porque, "na guerra, o chefe não pode commandar directamente a um grupo de homens que se reparta sobre mais de 50 ms. de frente, o que, dada a dispersão obrigatoria do campo de batalha, corresponde a um grupamento de uma duzia de homens, approximadamente". Por isso é uma verdade pouco agradavel, mas indiscutivel, que o commandante do pelotão não poderá commandar directamente, pela voz e pelo gesto, o grupamento complexo de 40 homens. A melhor solução, em boa logica, seria dar aos grupos commandantes adextrados, officiaes ou sargentos antigos.

Comvem, contudo, reconhecer que, na actual regulamentação o commandante do pelotão não tem o papel passivo que lhe querem attribuir.

Praticamente, elle acompanha o grupo cuja missão lhe parece ser mais delicada (grupo base, na approximação; grupo de manobra, na tomada de contacto; grupo que dá o signal de assalto, no ataque).

*Em regra, os dois outros grupos "imitam" aquelle com que está o comandante do pelotão. O sistema é defeituoso, mas funciona porque a manobra e o commando ficam reduzidos á expressão mais simples. Isso permite que em 3 grupos haja um impulsionado e praticamente comandado pelo commandante do pelotão.*

*A' critica de descentralização excessiva, o autor oppõe as dificuldades que terá o commandante do pelotão proposto em montar a manobra, collocar os seus F. M. em posição, já sob o fogo inimigo. Em compensação, no sistema adoptado, é quasi certo ter, pelo menos um F. M. collocado satisfactoriamente para actuar contra a resistência manifestada*

*E quando se iniciar a progressão por lanços alternados — "marcha em acordeon" — não será o commandante do pelotão quem dirigirá o movimento, porque não haverá direcção possível.*

*Pensa que não se pode imputar á composição do pelotão a perda do espirito offensivo da infantaria.*

*E' partidario que se melhore o grupo de commando do pelotão; que se torne, de facto, o grupo indivisível; que se melhore a instrucção da tropa; e que se habitue o commandante do grupo a commandar, no verdadeiro sentido, habito que se tem perdido em França.*

*Temos agora o Capitão RENOU em "L'organisation des unités d'infanterie".*

*Acha que não se deve alterar o Regulamento por partes porque isso feriria a harmonia do conjunto. As modificações só serão possíveis quando houver uma revisão completa. Sem revolucionar, contudo, sugere nova organização para o grupo e indica processos de commando para o pelotão. Este compor-se-á de tres grupos quasi identicos e um orgão de commando (effectivo: 40 homens), os dois primeiros grupos tem um commandante, 4 fuzileiros, um cabo e 6 volteadores, o terceiro grupo tem tambem um commandante, 4 fuzileiros, um cabo e 6 volteadores, o terceiro grupo tem tambem um commandante, 4 fuzileiros, um cabo e 6 volteadores (3 granadeiros atiradores e 3 volteadores que podem ser utilizados como volteadores, observadores auxiliares, e agentes de transmissão); o orgão de commando tem um cabo, 2 soldados (observador e agente de transmissão e um sargento serra-fila).*

*Na idéa do Cap. RENOU, o Commandante do pelotão emprega os dois primeiros grupos em primeiro escalão e conserva o terceiro como reserva. Admitte que os dois primeiros grupos possam ser commandados á voz e gesto pelo commandante do pelotão. Julga mesmo que este poderá, em casos de necessidade, reunir os seus volteadores num só grupamento —*

elemento de movimento, fazendo cosa semelhante com os F. M. — elemento fogo, mantendo, contudo, um terceiro grupamento, reserva de fogo e de munição

O Commandante POPHILLAT, em estudo sumário, mantém a constituição do grupo, mas bate-se pela unificação das funções.

Elle quer:

- o grupo indivisível;
- armas que atirem o mesmo cartucho;
- possibilidades de maior transporte de munição;
- equipamento podendo se decompor

Finalmente, a redacção da revista suggera a conveniencia do commando attender a algumas das suggestões do General BARRARD:

- grupo commandado por um sargento assistido por um cabo;
- duas esquadras dirigidas por soldados de 1.<sup>a</sup> classe;
- esquadra de fuzileiros com o atirador (1.<sup>a</sup> classe), municiador e dois remuniciadores;
- esquadra de volteadores com o 1.<sup>o</sup> volteador (1.<sup>a</sup> classe), 4 volteadores e um granadeiro atirador.

Modificações essas, que sem alterar o efectivo total do grupo, contribuirão para dar nova orientação ao espirito que preside ao emprego do grupo e do pelotão

Agora, passaremos a ouvir o nosso conhecido Cel. GERIN que analysa o problema completa e longamente.

E' assumpto para outro numero.

(Continúa)

## Livros á venda na «A Defesa Nacional»

Manobras do Curso de Engenharia da Escola de Armas em Rezende	3\$000
Naando o Crawl Americano — Weissmuller	6\$000
Memento du Chef de Bataillon	10\$000
Tactique et Fonctionnement P. C. — Andriot	10\$000

# O Batalhão no Combate

Cap. JOÃO BAPTISTA DE MATTOS

(Continuação do n.º 273)

## NA MARCHA DE ESTRADA: LONGE DO INIMIGO

### SITUAÇÃO GERAL Carta do D. Federal 1:50.000

Uma D. I. de W. — Azul — que se acha em luta com uma D. I. de L. — Vermelha — na frente Palmeiras-Nova Iguassú, ao N. N. da Serra de Madureira, iniciou no dia 18 de Maio, desembarques de tropa na região da bahia de Sepetiba.

O Commandante da D. I. de L. — Vermelha — além das tropas em luta, dispõe de elementos na praça do Rio, que são indispensáveis à propria defesa da praça, e, de tropas existentes na Ilha do Governador.

### SITUAÇÃO PARTICULAR

Tendo conhecimento do desembarque de tropas inimigas na bahia de Sepetiba, o Commandante da D. I. L., decide enviar para a região de Anchieta um destacamento, composto do 4.º R. I. menos um Btl., 4.º R. A. Do. e um Gr. 75 do 4.º R. A. M., sob o commando do Cel. do 4.º R. I., afim de cobrir o flanco S. da D. I. contra qualquer acção partida da região de Bangú.

Esse Destacamento installar-se-á nas alturas immediatamente ao S. de Anchieta.

No dia 18 ás 18 horas o Cmt. do I/4.º R. I., recebe na região de Penha, onde se acha acampado (vêr calco annexo), uma ordem da qual consta:

- deslocamento do Btl. para a região de Honorio Gurgel, ao amanhecer de 19, onde aguardará nova ordem;
- informações de que a aviação inimiga está pouco activa e que nenhum elemento attingira Santa Cruz até ás 15 horas de 18.

As informações acima, são completadas ás 4 horas de 19, com as abaixo:

- a) nenhum elemento de Cavalaria desembarcou na baía de Sepetiba até ás 24 horas e nenhum elemento inimigo deixou a citada região.
  - b) todas as viaturas automóveis existentes na região de Santa Cruz e mais a L. Foram recolhidas á praça do Rio.
- Tempo bom. Amanhece ás 5 h. 30' e anoitece ás 18 horas.

\* \* \*

#### Estudemos a Redacção da Ordem de Movimento do 1/4.º R.I.

\* \* \*

Os principios geraes que regulam o problema da marcha longe do inimigo no escalão Btl. podem, didacticamente, ser expostos do modo seguinte:

**Quando é que uma situação pode ser considerada perto, longe ou muito longe do inimigo?**

**Perto do inimigo** quando se marcha em zona exposta aos tiros de A. ou quando se espera encontro, com elementos ponderaveis, no decorrer da jornada ou na immediata.

**Muito longe**, quando se marcha na zona do interior ou da retaguarda.

**Longe** quando só depois de dois ou tres dias será possivel encontrar o inimigo. O calculo desses dois ou tres dias de marcha, exige que se leve em consideração a utilização do automovel, que facilita a intervenção de elementos distantes dentro de um tempo relativamente curto.

Um encontro com o inimigo pôde tamem ser retardado pela existencia de:

- a) obstaculos naturaes;
- b) elementos de cobertura;
- c) frente defensiva organizada.

Em resumo sempre que durante a execução do movimento não houver possibilidade de encontro teremos **marcha longe do inimigo**.

**Em que consiste o problema da marcha longe do inimigo?**

Consiste em se levar uma tropa dum ponto A para um ponto B nas melhores condições materiaes e moraes.

**Como o Cmt. poderá conseguir esse desideratum ?**

- a) Dando á tropa o dispositivo mais conveniente á situação;
- b) Não ultrapassando a velocidade e capacidade do elemento em apreço;
- c) Empregando a formação de marcha que dê melhor rendimento;
- d) Tomando medidas que diminuam as fadigas inuteis;
- e) Preparando a partida;
- f) Tomando medidas para escapar á Aviação inimiga;
- g) Precrevendo todas essas medidas em ordens claras e precisas.

**Que é dispositivo de marcha ?**

E' o grupamento ou são os grupamentos em que se fraciona a tropa para melhor aproveitamento dos itinerarios ou zonas de marcha determinadas.

Cada grupamento recebe a denominação de coluna e pôde ser constituído, no caso mais geral: de tropas, trens de combate, trens de estacionamento e comboios.

Longe do inimigo as columnas podem ser fraccionadas em unidades de marcha, sendo o Btl. a unidade de marcha da Infantaria.

**Que é velocidade de marcha ?**

E' a distancia percorrida em 50 minutos pelas diferentes armas, com uma andadura que permitte o maximo de rendimento, nas melhores condições para os homens e material.

**Qual a velocidade de marcha da I. sobre a estrada ?**

A velocidade de marcha da I. sobre estrada é, em média, de 4 km. á hora, isto é, 1 km. em 12 minutos. Essa velocidade decresce em noite escura, em subidas e em estradas arenosas e pedregosas, e aumenta quando se trata de pequenas unidades como o Btl. e a Cia.

**Que é capacidade de marcha ?**

Capacidade de marcha é a etapa maxima diaria que uma tropa de qualquer arma pôde percorrer tendo em vista produzir esforços continuados e nas melhores condições para o material e o pessoal.

A capacidade normal a I. é de 24 km. diarios, podendo como a velocidade variar de acordo com as necessidades, natureza das estradas e efectivo da tropa.

**Qual a formação de marcha da I. ?**

A formação da I. é a Columna por 3 (toda a columnna do lado direito da estrada ou duas columnas marchando de um lado e de outro da estrada).

**Sendo o Btl. a unidade de marcha da I., qual a sua formação de marcha em columnna de estrada ?**

E' a seguinte:

- a) Cmt. não tem lugar fixo na columnna;
- b) Pelotão de Commando — marcha em principio com o ajudante na testa do Btl. ou na cauda da Cia. testa (isto é, no local assinalado na ordem como o de marcha do Cmt. do Btl.).
- c) Mtrs. e Ptrs.,, desde que a situação não obrigue ao contrario, marcham na cauda do Btl.
- d) Entre as Cias. haverá a distancia minima de 10 passos, que será sempre augmentada nas marchas isoladas, e, principalmente, quando se temem as incursões aereas;
- e) Trens de combate, no todo ou em parte. Algumas vezes as viaturas cozinhas, bagagem e arquivo e as viaturas d'agua (C. M. M.), acompanham as Cias. As demais das Cias. e dos viveres e forragem; ferramenta de sapa; material sanitario; transmissões; transporte de feridos e as 8 de munições do Btl. são reunidas atraç de deste.

**Qual a formação de marcha da Cia. ?**

Cmt. de Cia. onde sua presença lhe pareça necessario (quasi sempre na cauda).

Cmt. de Pel. — testa — á frente da 1.<sup>a</sup> fileira do respetivo Pel.

— outros Cmts. de Pels. onde melhor possa vigiar suas fracções.

— Secção de Commando na cauda da Cia.

— Trem de combate — de acordo com o tratado no caso do Btl.

**E a Cia. M. M. ?**

Columna por um — a distancia entre as secções será de 6 passos — a secção de commando ficará na cauda.

— Para os T. C. as mesmas prescripções das Cias. Fu.

**Quaes as medidas a empregar para diminuir as fadigas inuteis?**

Assegurar o respeito ás distancias regulamentares ou determinadas para as unidades de uma mesma columnna homogenea.

Como vimos, desde que se trate de uma marcha isolada de Btl. nas distâncias regulamentares, podem ser modificadas do seguinte modo:

- a) aumentadas quando se tratar de dias de muito calor, e se receiar incursões de Aviação inimiga.
- diminuidas nas marchas nocturnas.
- b) manter a regularidade de marcha, o que é obtido nas Cias. pelo Cmt. do Pel. testa, que marcha á frente da 1.<sup>a</sup> fileira do respectivo Btl. e nas demais por um sargento equipado como as praças simples, á frente do 1.<sup>a</sup> Pel. e sob a vigilância do respectivo Cmt. do Pel.
- c) fazendo preceder a columna por um destacamento precursor, composto (no Btl.) do ajudante, esclarecedores montados (fornecidos pelo R. I.) balizadores, sapadores, etc., que se destinam a reconhecer, balizar e desobstruir a estrada.
- d) empregar o alto horario;
- e) assegurar a disciplina de marcha, isto é, manter cada um no seu lugar. Para isso, na cauda de cada unidade marcha um official commandando um destacamento de polícia que se compõe para um Btl. isolado, de um G. C. sendo fornecido pela ultima Cia. da columna e marchando a 50 passos do ultimo elemento.

**Em que consiste a preparação da marcha ?**

1.<sup>o</sup> — Em tomar um certo numero de medidas minuciosas para assegurar a execução material da missão ;

2.<sup>o</sup> — Em dar ordens consequentes das recebidas do chefe da unidade superior.

Tudo deve ser precedido dum estudo na carta sobre os itinerários a seguir (viabilidade, distâncias, etc.).

**Quaes as medidas mais communs, tendo em vista a imprecisão e inexistencia de carta no nosso paiz ?**

1.<sup>o</sup> — Reconhecimento dos itinerários com:

- a) balizamento dos lugares em que fôr possível algum erro;
- b) escolha de guias para percorrel-los;
- c) verificação de solidez das obras d'arte, reconhecimento dos vaus;

- d) si a estrada permittir o transito num só sentido, providenciar para que a circulação não seja interrompida por elementos, marchando em sentido contrario.

De tudo isto pôde ser encarregado o destacamento percussor.

2.º — A alimentação — os homens alimentam-se antes da partida.

Aos animaes distribuem-se forragem e agua no minimo duas horas antes do inicio da marcha.

3.º — Acertam-se os relogios pelo do Commandante.

4.º — Os dispensados de transportarem a mochila, collocam-n'a em viaturas previamente designadas.

5.º — Os doentes não evacuados são reunidos em ponto determinado para serem transportados ao estacionamento seguinte, por via-ferrea ou viaturas automoveis.

6.º — Designando um ponto e hora de passagem das diferentes elementos do Btl. por esse ponto, para formação da respectiva columna .

Esse ponto, que se chama **ponto inicial**, deve ser facilmente encontrado sobre a carta e no terreno e nunca ser situado na sahida de um desfiladeiro. O itinerario até o mesmo deve ser reconhecido com antecedencia.

#### Como escapar á aviação inimiga ?

Para escapar ás investigações aereas, em cada Btl., organiza-se um serviço permanente de observação das unidades, sob a direcção do Cmt. do Grupo das transmissões do Pelotão de Commando. Ao signal convencional (apito ou corneta) a tropa toma as disposições de alerta.

Para essas disposições a tropa pôde estar na estrada ou fóra da estrada.

No 1.º caso: — continuando a marcha as precauções consistem em se afastarem dos pontos claros do sólo, procurando a parte coberta de matto, ou os bordos dos renques de arvores, á sombra dos muros, o limite de zonas de coloração differente, etc.

Estas precauções são realizadas em cada Cia. ou Pel.

Devendo-se parar: ou se procura a immobildade absoluta ou rapidamente se ganha a coberta mais proxima. Ao Cmt. do Btl. é que cabe julgar a oportunidade de interromper a marcha.

— Fóra das estradas: evitar a marcha em linhas regulares, diluir e abrir muito as formações, si necessario interromper o movimento, tomando as precauções acima indicadas.

— Para se defender de ataques dos aviões: Podemos ter as medidas tomadas pelas tropas e as tomadas pelos commandos.

As tropas utilizam-se dos proprios meios para se defenderem dos aviões que vôam baixo.

Por isso, durante as marchas em cada Btl., haverá, no minimo uma secção de Mtrs., escalada com antecedencia, para se manter sempre prompta a atirar contra os aviões voando baixo. São prohibidos os tiros individuaes.

**Como se defender da A. inimiga ?**

Para se defender da A. inimiga deve:

1.º — Si o inimigo estiver a algumas jornadas de marcha, contornar as localidades importantes que possam ser batidas pela A. de grande alcance.

2.º — Si dentro do raio de acção da A. P. longa: evitar os pontos sujeitos aos tiros de interdicção.

3.º — Si dentro do alcance da A. de todos os calibres, procurar escapar ás vistas terrestres e aereas.

**REDACÇÃO DA ORDEM DE MOVIMENTO DO I/4.º R. I.**

A redacção da ordem será o resultado da decisão tomada pelo Cmt. do Btl. após haver analisado os elementos:

Situação (amiga e inimiga), Missão, Terreno e Meios, denominados **classicos factores** da decisão.

No caso presente qual a influencia dos referidos factores?

**Situação:** — A situação amiga como se deduz do proprio tema em nada poderá influir na decisão a tomar pelo Cmt. do Btl.

O inimigo cujos elementos permanecem em Sepetiba, a cerca de 50 km. de distancia do local onde está o I Btl. — o que quer dizer — 2 dias de marcha, pois por ora elle não dispõe de Cavalaria e nem está motorizado e não tem possibilidades de requisitar viaturas automoveis, meios que lhe permitiria maior rendimento de marcha.

Eis porque a situação inimiga nos leva a concluir, achar-se o mesmo ainda longe e assim em nada poderá alterar o cumprimento da missão.

**Missão** — A missão consiste em deslocar o Btl. de Penha para Honorio Gurgel na manhã de 19, o que poderá ser dificultado pela situação do inimigo, caso este se encontrasse entre os dois pontos ou proximo ao ponto de destino ou ainda pelo terreno.

**Terreno** — Como o terreno poderia difficultar a missão ? Pela inexistencia de boas estradas na região do deslocamento, pois longe do inimigo o terreno só interessa á I., pelos itinerarios que possue quanto melhor forem as estradas, de melhor modo será cumprida a missão.

**Meios** — No caso de marchas longe do inimigo carece apenas de lhes ser proporcionado — commodidade — o que poderá ser obtido pelo fraccionamento em columnas em que as andaduras possam ser convenientemente aproveitadas.

Em resumo, uma vez decidido que se trata de marcha longe do inimigo, a ordem de movimento comportará as prescripções já recordadas e dispostas por exemplo, no memento seguinte:

P. C. em.....data.....ás... horas.

I — Situação ou informações geraes.

II — Itinerario e ponto de destino.

a) Destacamento precursor.

Composição.

Hora da partida.

b) Ponto inicial.

c) Hora de passagem pelo ponto inicial.

IV — Primeiro alto horario.

V — Medidas de segurança.

VI — Medidas de Policia.

VII — Uniforme.

VIII — Serviço de saude.

IX — Alimentação.

X — Viaturas das Cias. e T. C. do Btl.

Assignatura.

Destinatarios.

Estudemos, em detalhe, a redacção de cada um dos paragrafos acima.

**A que hora seria dada a ordem ?**

Entre as 19 e 21 horas de 18. Pois o Cmt. do Btl. tem certeza de poder executar o deslocamento determinado, mesmo que receba novas informações sobre o inimigo, e assim convém dar ordem o mais breve possível, afim de que os Cmts. de Cias. possam tomar, ainda cedo, as providencias necessarias, sem prejudicar o repouso da tropa.

**Qual a redacção do paragr-pho I. ?**

Antes de dirigirmos esse paragrapgo, lembremo-nos que as informações necessarias aos diferentes commandos vão decrescendo de valor no tempo e no espaço a proporção que se desce de escalaõ, assim aos Cmts. de D. I. interessam as informações longinquas e de todas as frentes, ao R. I. só as mais proximas e enfim aos Cmts. de Btls. os quaes se refiram aos successos possiveis no maximo na jornada immediata e aos Cmts. de Cias. só as possiveis na jornada.

Aos Cmts. de Cia. nenhum interesse trará já o conhecimento dos desembarques em Sepetiba.

**Quaes as informações que lhe interessarão conhecer?**

As referentes á actividade aerea inimiga e aos desembarques de nossas tropas.

Assim podemos dizer:

**"I — INFORMACÕES GERAES**

- a) A aviação inimiga está pouco activa.
- b) Nossas forças continuam a desembarcar na região de Penha".

**Qual a redacção do paragrapgo II ?**

O itinerario deve ser o melhor e o mais curto; assim podemos escrever:

**"II — ITINERARIO E PONTO DE DESTINO**

- a) Itinerario: Estrada Penha — Estrada da Bica — Estrada do Quitungo — Estrada da Pavuna — Estrada do Barro Vermelho — Estrada Honorio Gurgel.
- b) Ponto de destino: Honorio Gurgel".

**Qual a redacção do item III ?**

Conhecemos a finalidade do destacamento precursor; no itinerario escolhido existem varias bifurcações, cruzamentos de estradas e as ultimas chuvas causaram damnos ás estradas. Em vista destas particularidades o destacamento deverá comprehendêr elementos necessarios ao balizamento da estrada e ao afastamento dos obstaculos provenientes das chuvas.

A hora de partida deverá ser uma hora antes da do Btl. (tropa).

O ponto inicial não deve distar muito do local de estacionamento da tropa e deve sempre evitar que haja movimentos retro-

grados para qualquer dos elementos. A escolha do marco 17 ao S. da circular da Penha resolve o problema.

A hora da passagem dos diferentes elementos pelo ponto inicial vae depender de um pequeno calculo em que se jogará com a profundidade de cada elemento e as distancias adoptadas entre os mesmos.

Estes dados serão os seguintes:

Unidades	Especificação	Profundidade	Duração do Escoamento	Observações
Cia. Fuzileiros	Tropa	110 m.	1'20"	
	T. C.	40 m.	30"	
	Completo	150 m.	2'00"	
Cia. Metralhadoras	Tropa	170 m.	2'30"	
	T. C.	80 m.	1'	
	Completa	250 m.	3'30"	
Sec. Morteiros		30 m.	30"	
Pelotão Extra-numerario	Tropa T.C. do Btl.	30 m. 180 m.	30" 2'30"	
Batalhão	Tropa	560 m.	8'	
	Distancias	50 m.		
	T.C. reunidos	380 m.	7'	
	Completo	1.410 m.	15'	

Para distancia entre as Cias. vamos dar 100 m.

Fixando-se para inicio da marcha a hora, logo apôs o amanhecer, teremos a essa hora a testa da 1.<sup>a</sup> Cia. no P. I., para marcarmos a hora de passagem da unidade seguinte, devemos sommar o tempo de escoamento da 1.<sup>a</sup> Cia. e da distancia de 100 m.

O quadro acima nos dá o escoamento com e sem T. C., então antes de tudo, precisamos determinar si as viaturas acompanham

ou não as Cias. Ora a marcha será apenas de 2 horas e 20 minutos e feita em boas estradas, então as viaturas devem marchar reunidas com os T. C. do Btl., o que permittirá melhor aproveitamento da andadura dos animaes, sem nenhum prejuizo para a tropa.

Assim, a Companhia deverá chegar ao P. I. após o escoamento da 1.<sup>a</sup> — 1'30" mais o espaço de 100 m. — 1'30" — ou após 3' da 1.<sup>a</sup> Cia. — isto é, ás 6 h. 3'.

E assim se calcularão os elementos restantes.

#### E os T. C.?

Para aproveitamento das andaduras elles deverão marchar muito á retaguarda, isto é, sem a probabilidade de encontrar os demais elementos durante a marcha, isto é — 2 horas após.

#### III — ORDEM DE MARCHA DO BTL.:

##### a) Destacamento precursor:

###### Composição:

Cmt. — Ajudante do Btl.

Estafetas montados.

Sapadores.

Estacionadores das Cias.

Hora de partida — 5 horas.

##### b) Ponto inicial — Marco 17 imediatamente ao S. da circular da Penha.

##### c) Hora de passagem dos diferentes elementos:

1.<sup>a</sup> Cia — ás 6 horas.

Pel. Commando.

2.<sup>a</sup> Cia. — ás 6 h. 3'.

3.<sup>a</sup> Cia. — ás 6 h. 6'

C. M. M. — ás 6 h. 9'.

Sec. Morteiro — ás 6 h. 13'.

Destacamento de Policia — 6 h. 14'.

Ha na composição do destacamento precursor um elemento sobre o qual nenhuma referencia fizemos até agora — estacionadores — e do qual trataremos na parte referente ao estudo do estacionamento.

#### E o item IV?

Nenhuma complexidade; o alto deve ser feito dez minutos antes da hora redonda, salvo nas proximidades do inimigo, quando devem ser aproveitadas as partes mais convenientes do terreno para tal mister, independente da hora ou dos 50 minutos de marcha.

Então:

"IV — PRIMEIRO ALTO HORARIO.

A's 6 h. 50 minutos.

Quaes as medidas de segurança ?

Verificamos que no caso presente só a aviação poderá prejudicar a tropa, então as medidas de segurança cogitarão apenas da aviação.

Assim o item V poderá ser:

"V — MEDIDAS DE SEGURANÇA.

- a) A Cia. M. M. terá sempre uma secção prompta a atirar contra qualquer avião inimigo voando baixo.
- b) A' approximação de avião inimigo e ao signal de silvos de apito curtos e seguidos partidos do Cmt. da 1.<sup>a</sup> Cia., as Cias. immobilizar-se-ão, tomando a posição mais conveniente a difficultar a observação aerea".

E as medidas de Policia ?

Trata-se apenas de um Btl., será sufficiente, portanto, o destacamento de policia marchando á retaguarda.

Assim:

"VI — MEDIDAS DE POLICIA.

Um Tenente e um G. C. designados pela 3.<sup>a</sup> Cia., constituirão o destacamento de policia, que, sob o commando do 1.<sup>o</sup>, marchará á retaguarda do Btl".

Quanto ao uniforme ?

"VII — UNIFORME.

O de campanha, completo".

E o Serviço de Saude ?

Trata-se, apenas de medidas concernentes aos soldados impossibilitados de marchar.

Assim:

"VIII — SERVIÇO DE SAUDE.

- a) As Cias. farão apresentar até ás 5 horas, ao posto medico, os soldados impossibilitados de marchar, os quaes aguardarão transporte no referido posto.
- b) Permanecerão com os soldados doentes o numero de padioleiros necessário a facilitar o embarque dos mesmos".

**E a alimentação ?**

Quanto á alimentação, trata-se de prescrever medidas para a alimentação antes da partida e durante a marcha. No caso presente a marcha deverá estar finda ás 8 horas, então não ha necessidade de refeição durante a marcha e como já ficou assentado, que as viaturas marchariam reunidas, podemos dizer o seguinte:

**"IX — ALIMENTAÇÃO.**

- a) Antes da partida as Cias. distribuirão aos homens a refeição do café e ás viaturas cozinha os viveres necessários á ração do almoço;
- b) As viaturas cozinha marcharão com os T. C. do Btl. e se reunirão ás Cias. em fim de marcha".

**E os T. C. ?**

Esses marcharão grupados atraç do Btl. e como as viaturas cozinha devem reunir-se ás Cias. em fim de marcha, impõe-se prescrever a sua collocação na testa.

Assim:

**"X — VIATURAS DAS CIAS. E T. C. DO BTL.**

- a) marcharão reunidas com as viaturas cozinha na testa.
- b) Ponto de reunião praça triangular imediatamente a S. L. de Estação da Penha, onde as viaturas deverão chegar até ás 7 horas".

**Onde marchará o Cmt. do Btl. ?**

No caso em estudo elle poderá marchar com o destacamento precursor, pois com isso elle ganhará tempo, reconhecendo pessoalmente o novo local de estacionamento e dando com antecedencia as respectivas ordens.

E' normal os Cmts. precederem a tropa.

Com elle vai um sargento e o cabo mensageiro do Pel. de Commando.

Então teremos:

**"XI — Marcharei com o Destacamento Precursor".**

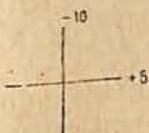
Major M.  
Commandante

## DESTINATARIOS:

Cmts. Cias. e Sec. Morteiro — para execução —	5 exemplares
Ajudante do Btl. — para execução —	1 exemplar
Chefe do S. S. — para execução —	1 "
Cmt. T. C. — para execução —	1 "
Cmt. 4. <sup>o</sup> R. I. — como parte —	1 "
Arquivo	1 "
	—
	10 exemplares

Carta do D. Federal  
ESC: 1/50.000  
Estacionamento do  
I/4<sup>o</sup> R.I. na região  
da Penha

2<sup>o</sup> Cia. 0  
F.C. 0  
Cmt. 0  
1<sup>o</sup> Cia. 0  
3<sup>o</sup> Cia. 0



## ORDEM DUMA CIA. DE FUZILEIROS E DE C. M. M.

Como seriam redigidas essas ordens, após o recebimento da  
do Btl. ?

A solução dessa parte fica a cargo dos leitores, com os seguin-  
tes esclarecimentos:

1.<sup>o</sup> — ESTACIONAMENTO DAS CIAS. (vêr calco annexo).

2.<sup>o</sup> — PO'DE SER ADAPTADO O MEMENTO ABAIXO:

I — Hora do despertar.

II — Hora do carregamento das viaturas.

III — Hora da reunião da Cia.

IV — Local de reunião.

V — Ordem de marcha.

VI — Alimentação.

VII — Uniforme.

VIII — Serviço ou missões particulares. (Verbal aos elementos subordinados).

**Nota** — Nessa parte do combate é incontestável a importância do Destacamento Precursor.

E' elle que vae permittir a um Btl. seguir o itinerario escolhido, constantemente informado sobre a sua viabilidade (sem o perigo de commetter erros de percurso) e prevendo com antecedencia as difficuldades eventuaes de circulação.

A execução é concretizada pelo BALIZAMENTO que deve:

- indicar ao Btl. a direcção de marcha;
- prevenir em tempo quanto a algum obstaculo na marcha (passagens difficeis, rampas fortes, falta de solidez das obras d'arte, etc.).

Ao Cmt. do DESTACAMENTO PRECURSOR cabe o cumprimento da missão acima. Para isso elle deve antes da partida:

- estudar na carta o itinerario a utilizar ou na falta desta colligir informações tão claras quanto possível;
- reunir os meios julgados necessarios (balizadores, flexas indicativas de direcção, pedaços de panno, enfim material de uso commun);
- determinar o processo de balizamento.

Quando o destacamento parte com antecedencia é aconselhavel a utilização de meios materiaes para balizar a direcção (flexas, pedaços de panno, galhos de arvore, etc.).

Nos demais casos impõe-se a utilização de balizadores, cujo emprego pode ser feito por:

- Substituições sucessivas.
- Liberação pelo Btl.
- Incorporação á columna.
- Guia.
- Ligação pela vista.

**Substituições sucessivas** — A turma de balisadores percorre o itinerario precedendo a columna e vai deixando um balisador nos pontos em que possa haver hesitação acerca da direcção a tomar. Cada balisador, designado o seu posto, acompanha até certa distancia, a passo, a marcha da turma e assegura-se, com a vista, da direcção tomada. Voltando ao dito posto, apeia e ahi se mantem até avistar o balisador que vem á retaguarda ou, se elle fôr o primeiro balisador, a testa da columna. Monta, então, indicando a

direcção que deve ser tomada e segue em andadura rapida para o posto do balizador seguinte, afim de substituir-o.

Este processo permite poupar os cavalos.

**Liberação pelo Btl.** — A turma de balizadores procede como acima ficou dito, cada balizador aguarda, porem, a approximação da columna, e indica-lhe a direcção a seguir. Ficando então completamente livre, segue pelo itinerario balizado e vae reunir ao Cmt. do Destacamento.

Este processo é recommendavel quando o balizador tiver recebido a incumbencia de transmittir ao Btl. uma ordem ou informação.

**Incorporação á columna** — Os balizadores procedem como se acha indicado no segundo processo, mas ao serem alcançados sucessivamente pelo Btl., a elle se vão incorporando.

Este processo é pouco economico, mas realizavel até com pessoal pouco instruido.

**Guia** — Nos trechos de difficult percurso ou que apresentem numerosas encruzilhadas (travessia de povoados, percursos sinuosos através de zonas de terreno em que o inimigo tenha executado destruições, etc.) um só balizador toma a testa do Btl. e o conduz até o ponto em que não possa mais haver duvida sobre o itinerario a seguir. Se fôr necessario, o Btl. fará alto e permanecerá parado durante o tempo de que o balizador precise para reconhecer todo o itinerario através do qual terá de guiar o Btl.

Este processo permite economizar balizadores.

**Ligaçao pela vista** — A turma de balizadores marcha na testa do Btl. e destaca sucessivamente os balizadores pelo itinerario que seguiu o commandante. O primeiro balizador deve ligar-se constantemente, pela vista, ao commandante e cada um dos outros ao balizador que o precede.

Este processo é geralmente empregado em pequenos percursos fóra das estradas e caminhos.

### INCIDENTES DIVERSOS

O efectivo da turma de balizadores e sua velocidade de marcha dependem da extensão e das difficultades que o itinerario possa apresentar.

Quando uma turma de balizadores é alcançada pelo Btl., o chefe dos balizadores deverá pedir ao commandante do Btl. que

lhe conceda o tempo necessário á execução do reconhecimento do itinerario a ser utilizado.

Quando o chefe dos balizadores verificar ser impossivel utilizar o itinerario cujo balizamento lhe foi ordenado, deverá:

- 1.º — prevenir ao commandante;
- 2.º — mandar reconhecer as diferentes variantes do itinerario;
- 3.º — não autorizar a columna a penetrar em um novo itinerario que não tenha sido inteiramente reconhecido.

Quando o commandante prescrever ao Btl. uma modificação de percurso, deverá assegurar com os seus proprios meios o balizamento do novo itinerario e prevenir ao chefe e aos balizadores do primeiro itinerario a modificação introduzida.

### CASOS PARTICULARES

Quando um Btl. tem de percorrer um itinerario que não foi previamente balizado, deve destacar para a frente, pelo menos, dois esclarecedores a cavallo, os quaes marcharão com a mesma velocidade do Btl. e a cerca de 200 a 600 metros de distancia.

Cumpre a esses esclarecedores avisar, em tempo, ao Btl. a existencia de algum obstaculo, de maneira que se evitem paradas ou movimentos inuteis. Devem ser convencionados gestos simples para esses avisos: em caso de necessidade, um dos esclarecedores serve de agente de transmissão entre o outro e o Btl.

Encontrando um obstaculo, os esclarecedores separam-se para os lados, e procuram, rapidamente, um caminho praticavel, embora mau; não se deve perder tempo em procurar o melhor. E' preciso especial cuidado no exame do estado das pontes. Em pequenos corregos ou arroios é, muitas vezes, preferivel passar a váu.

Mesmo nos casos em que o itinerario se ache bailzado, mas os balizadores se encontrem muito distantes uns dos outros (1.000 a 1.500 m. approximadamente), é aconselhavel utilizar os esclarecedores como acima ficou dito.

Nos pontos em que a travessia apresente perigos, taes como desfiladeiros, passagens de nível, etc., o commandante da columna deve deixar um agente de ligação para se certificar de que toda a columna transpõe o referido ponto.

**Observação** — Essa nota sobre o Destacamento Precursor, é um resumo e adaptação das notas "Balizamento de Itinerario", de autoria do então Cap. Paulo Lopes, publicadas na "A Defesa Nacional" de Outubro de 1933.

# SEÇÃO DE CAVALLARIA

Redactor: PAIVA CHAVES  
Auxiliar: LADARIO

## Ainda o transporte das armas automaticas na Cavalaria

1.º Ten. **Umberto Peregrino**

Vai por um anno eu compareci aqui nas columnas de "A Defesa Nacional" com uns subsidios para a solução dessa eterna questão. Foi precisamente no numero 261, de fevereiro do anno passado.

Logo depois pude ver no 4.º R. C. D. as minhas sugestões virando plena realidade. Acompanhei a confecção de todo o material e fiz eu mesmo todas as experiencias... Naturalmente que anotei os resultados. Mas, não tinha coragem de voltar ao assumpto para denunciar-los, não obstante terem sido os mais satisfactorios. E' que sou scismado com esses assumptos puramente tecnicos. Só me lembro da anedota famosa do sujeito que tinha morrido numa colossal enchente do rio S. Francisco. Coisa como nunca se tinha visto naquella redondeza. As aguas se derramaram de repente por campos, varzeas e chapadas engulindo plantações, casas, boiadas e homens. João Diogo que foi uma das victimas, voou directo para o céu. Lá em cima, todos em volta pediam noticias deste mundo, queriam porque queriam saber nos menores detalhes como tinha sido a enchente monstro. E João Diogo ia contando tudo por miudo, enquanto gozava aquellas physionomias arrepiadas de susto e espanto ante a tragedia da terra. Apenas um velho de longas barbas brancas não se mexia, não se escandalizava, permanecia indiferente, quasi alheio á ruidosa narrativa de João Diogo, como se tudo aquillo fosse a coisa mais banal desta vida. João Diogo não pôde mais com a impossibilidade affrontosa do velhote e dirigiu-se a um ouvinte proximo: "Vem cá,

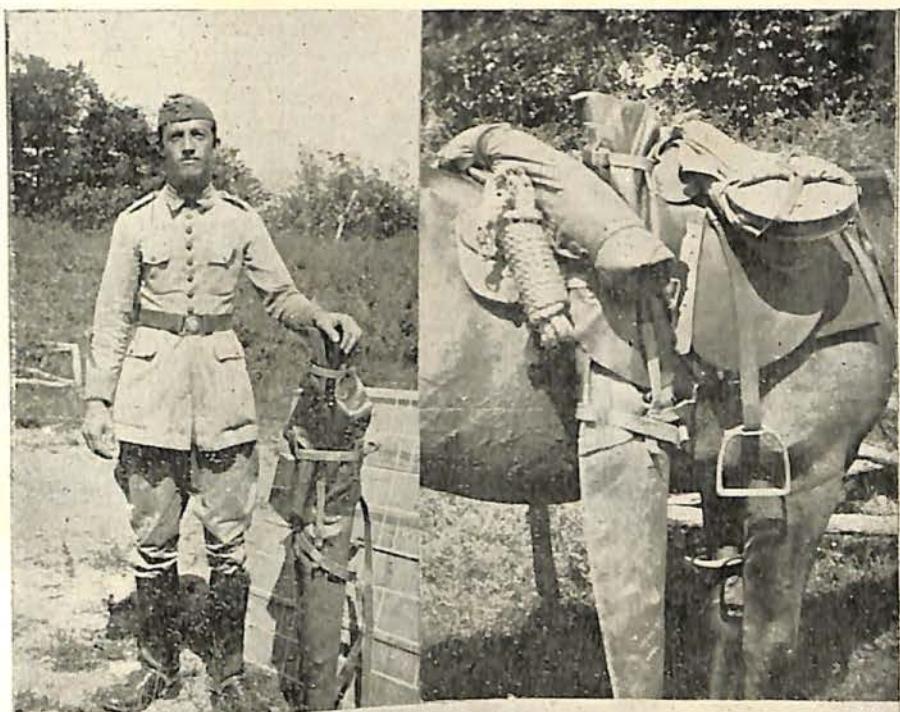
amigo; quem é aquelle velho importante que não liga a nada? Elle é surdo?" "Não sabe quem é?" sussurrou o interpellado, "aquele é Noé".

Pois é, fico com medo de fazer que nem João Diogo, de que todo mundo tenha visto o diluvio...

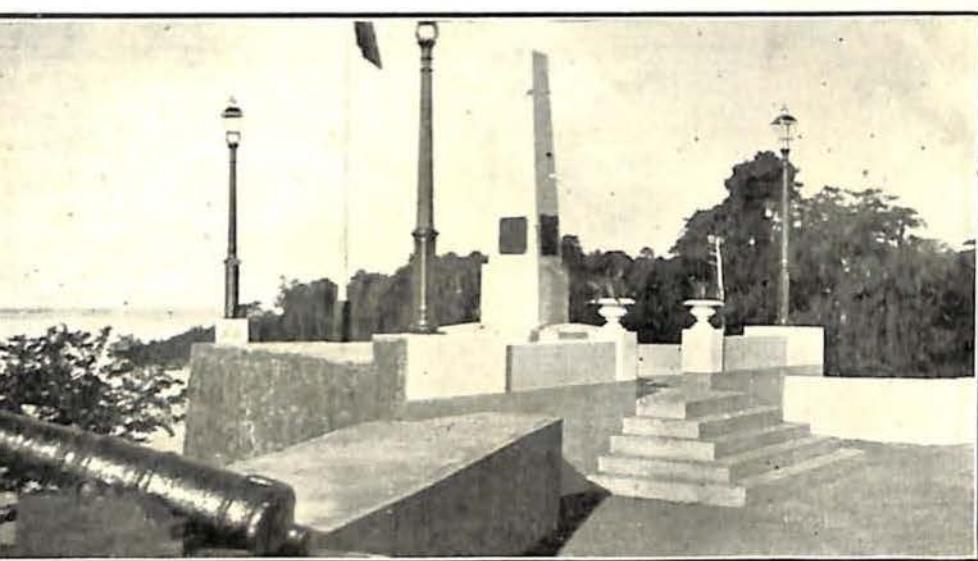
Agora, confortado por esta confissão previa, me arrisco a dar noticia da experienca do 4.<sup>º</sup> R. C. D.

A pratica não deixou de indicar certas modificações de detalhe. Assim o porta F. M. foi feito com uma parte tronco-conica reforçada, mas a parte de couro maior prolongou-se até a chapa da soleira, de modo que a arma fica toda envolvida, em optimas condições, pois, de protecção contra o pó e agua (fig. 1). Foi preferido o lado direito para a condução do F. M. (fig. 2) em beneficio do montar e apear e pela sua propria conformação. Do outro lado uma bolsa para 20 carregadores, como estava previsto. Uma bolsa identica para o muniçador. E os restantes 2400 tiros do pelotão no cagueiro. Esta distribuição pôde ser melhorada no sentido de aliviar para os 18000 tiros regulamentares o peso do cagueiro e de reduzir a capacidade das bolsas de munição. Assim, em vez de uma bolsa de 20 carregadores para o fuzileiro e outra para o muniçador, duas bolsas de 10 carregadores para cada um. Estas bolsas tendo na alça de adaptação á sella um sysema simples de casal-as para levar no ombro, uma cahida para traz e outra para a frente. A situação não permittindo ficariam mesmo separadas. E uma pelo menos seria conduzida no primeiro momento. O cabo fuzileiro tambem teria duas bolsas dessas. Eram, pois, 900 tiros carregados por cada G. C. e o cagueiro ficaria reduzido aos seus 1800 de direito.

Tenho notícias de que é mais ou menos nestas bases a experienca ora em andamento no "Andrade Neves", por iniciativa do capitão Altair Franco Ferreira. Como sei que o Estado Maior já se manifestou favoravelmente a respeito, mandando até o estabelecimento competente executar amostras para provas. Ahi é que se enterrou, parece, a idéa util e urgente. Por isto que os cor-



Transporte das armas automaticas na cavallaria



Gurupá — um forte que resurgiu



Uma rua de Gurupá — cidade historica

pos muitas vezes vão se apparelhando por conta propria. Palpite daqui, palpite dali. Tentativas, marchas e contra-marchas, e muita coisa acaba sahindo. Com prejuizo, é claro, da uniformidade do material, da unidade de instrucção e em detrimento dos orgãos technicos. Se rão, porem, prejuizos sempre inferiores aos que decorriam do abandono completo do problema. Caso do 4.º R. C. D. Está hoje apparelhado para o transporte das suas armas automaticas e munição. Pouco importa o que se possa arguir contra este apparelhamento. Não era muito peor si nem elle houvesse?

Entro ainda com uns dados esclarecedores da experienzia de Trez Corações.

A commodidade do cavalleiro, sella equipada, é maxima tanto em relação ao F. M. (fig. 3), como á bolsa de munição (fig. 4). Adaptação perfeita, plena facilidade de montar e apear, jogo minimo mesmo nas andaduras vivas. O cavallo igualmente supporta tudo nas melhores condições. Realizei provas em todos os terrenos e em todas as andaduras. Cavalleiro, cavallo e material nada soffreram. O cargueiro tambem. Passou pelas mesmas provas e com resultado identico. Só não cheguei a fazer verificações do comportamento do cavalleiro, cavallo e material em face de longas marchas. Mas o que resistiu tão bem á violencia não ha de ir frassar aqui, no que depende essencialmente de certos cuidados específicos. Porque sobrecarga não ha e o exito de qualquer marcha está na maneira de conduzil-a.

Por fim vou repregar estas notas com uns numerozinhos expressivos...

Tomando a chronometro os tempos de **combate a pé** do G. C. (apear, retirar o F. M., as bolsas de munição e entrar em forma por um) obtive o seguinte:

no primeiro dia, tempo medio, 28 segundos; no segundo dia, tempo medio, 16 segundos; no terceiro dia, tempo medio, 14 segundos.

Para o movimento inverso, isto é, montar repondo todo o material consegui:

no primeiro dia, tempo medio 1 minuto e 9 segundos; no segundo dia, tempo medio, 51 segundos; no terceiro dia, tempo medio 47 segundos.

Está se vendo que estes numeros não são definitivos. Elles encolheriam ainda com o aperfeiçoamento e a capacidade de adaptação dos operadores.

O que não creio é que o F. M. conduzido em cargueiro permittisse nunca um milagre desses...

## Livros á venda na «A Defesa Nacional»

MEMENTO DU CHEF DE BATAILLON, <i>Vanègue</i> . . . . .	18\$000
L'OBÉISSANCE MILITAIRE — <i>Henry Clerc</i> . . . . .	7\$000
TACTIQUE ET FONCTIONNEMENT DES POSTES DE COMMANDEMENT DES UNITE'S D'INFANTRIE. <i>Andriot</i> . . . . .	12\$000
A INSTRUÇÃO NA INFANTARIA, <i>Major Denys</i> . . . . .	10\$000
COMO ORGANIZAR UMA SUB-UNIDADE, <i>Cap. João Ribeiro</i> . . . . .	8\$000
EMPREGO DAS UNIDADES AEREAS, <i>Cap. Sucupira</i> . . . . .	10\$000
ORDEM UNIDA, <i>Cap. Boiteux</i> . . . . .	8\$000
TOPOGRAPHIA DE CAMPANHA, <i>Gen. Paes de Andrade</i> . . . . .	7\$000
NOÇÕES DE AGRIMENSURA, <i>Cel. Paulino</i> . . . . .	16\$000
PROVAS PARA CONCURSO DE ADMISSÃO A' E. E. M. . . . .	1\$500
REGULAMENTO DE EDUCAÇÃO PHYSICA (3. <sup>a</sup> parte) . . . . .	8\$000
ARTILHARIA NAVAL, <i>Cap. Ten. Alencastro Graça</i> . . . . .	2\$000
NOTAS A' MARGEM DE EXERCITOS TACTICOS — <i>Major M. Travassos</i> . . . . .	6\$000
ANNUARIO MILITAR DO BRASIL, 1934 . . . . .	15\$000
ANNUARIO MILITAR DO BRASIL, 1935 . . . . .	15\$000
R. S. C. (reedição de 1936) . . . . .	6\$000

# NOTAS SOBRE O EMPREGO DA D. C.

CAP. FERLICH

Professor da E. E. M.

(Continuação do n.º 273)

## FASCICULO IV

### Capítulo II

#### MISSÃO DE INFORMAÇÃO

Antes de abordarmos a execução de uma operação de exploração por uma D. C., vamos analizar propriamente as missões de informação.

Essas missões não cabem exclusivamente á cavallaria, mas tambem á sua complementar a aviação.

##### A) — Necessidades das informações para o commando superior

O commando superior quando prepara uma batalha estabelece um plano de manobra e para organizar as operações decorrentes desse plano de manobra precisa:

- verificar as hypotheses feitas anteriormente sobre as actividades do inimigo e a repartição inicial de suas forças;
- determinar si a manobra encarada é realizavel nas condições geraes previstas.

Essas informações serão, necessariamente longinquas, porque as primeiras operações encaradas presupõem uma preparação (concentração das G. U. em vista das operações) e podem durar varios dias. Informações, portanto de varias etapas além da zona de segurança estrategica que o commando dispõe.

Essas informações a principio, basta que sejam globaes, porque pormenorizadas e precisas, nesse lapso de tempo, perderiam o valor em face da actividade do inimigo. Entretanto, dentro do espaço e do tempo em que se desenrolarem as operações previstas, novas e mais minuciosas informações serão necessarias.

Exemplifiquemos para melhor compreensão: (Vêr esboço 20)

Admittamos que o commando superior (Cmt. de Ex.) tenha intenção de atacar um inimigo que supõe concentrado, em M.N. Sua ideia de manobra é fixar o inimigo pela frente com a D. I. A.

no primeiro dia, tempo medio 1 minuto e 9 segundos; no segundo dia, tempo medio, 51 segundos; no terceiro dia, tempo medio 47 segundos.

Está se vendo que estes numeros não são definitivos. Elles encolheriam ainda com o aperfeiçoamento e a capacidade de adaptação dos operadores.

O que não creio é que o F. M. conduzido em cargueiro permittisse nunca um milagre desses...

## Livros á venda na «A Defesa Nacional»

MEMENTO DU CHEF DE BATAILLON, <i>Vanègue</i> . . . . .	18\$000
L'OBE'ISSANCE MILITAIRE — <i>Henry Clerc</i> . . . . .	7\$000
TACTIQUE ET FONCTIONNEMENT DES POSTES DE COMMANDEMENT DES UNITE'S D'INFANTRIE. <i>Andriot</i> . . . . .	12\$000
A INSTRUÇÃO NA INFANTARIA, <i>Major Denys</i> . . . . .	10\$000
COMO ORGANIZAR UMA SUB-UNIDADE, <i>Cap. João Ribeiro</i> . . . . .	8\$000
EMPREGO DAS UNIDADES AEREAS, <i>Cap. Sucupira</i> . . . . .	10\$000
ORDEM UNIDA, <i>Cap. Boiteux</i> . . . . .	8\$000
TOPOGRAPHIA DE CAMPANHA, <i>Gen. Paes de Andrade</i> . . . . .	7\$000
NOÇÕES DE AGRIMENSURA, <i>Cel. Paulino</i> . . . . .	16\$000
PROVAS PARA CONCURSO DE ADMISSÃO A' E. E. M. . . . .	1\$500
REGULAMENTO DE EDUCAÇÃO PHYSICA (3. <sup>a</sup> parte) . . . . .	8\$000
ARTILHARIA NAVAL, <i>Cap. Ten. Alencastro Graça</i> . . . . .	2\$000
NOTAS A' MARGEM DE EXERCITOS TACTICOS — <i>Major M. Travassos</i> . . . . .	6\$000
ANNUARIO MILITAR DO BRASIL, 1934 . . . . .	15\$000
ANNUARIO MILITAR DO BRASIL, 1935 . . . . .	15\$000
R. S. C. (reedição de 1936) . . . . .	6\$000

# NOTAS SOBRE O EMPREGO DA D. C.

CAP. FERLICH  
Professor da E. E. M.

(Continuação do n.º 273)

## FASCICULO IV

### Capítulo II

#### MISSÃO DE INFORMAÇÃO

Antes de abordarmos a execução de uma operação de exploração por uma D. C., vamos analizar propriamente as missões de informação.

Essas missões não cabem exclusivamente á cavallaria, mas tambem á sua complementar a aviação.

#### A) — Necessidades das informações para o commando superior

O commando superior quando prepara uma batalha estabelece um plano de manobra e para organizar as operações decorrentes desse plano de manobra precisa:

- verificar as hypotheses feitas anteriormente sobre as actividades do inimigo e a repartição inicial de suas forças;
- determinar si a manobra encarada é realizavel nas condições geraes previstas.

Essas informações serão, necessariamente longinquas, porque as primeiras operações encaradas presupõem uma preparação (concentração das G. U. em vista das operações) e podem durar varios dias. Informações, portanto de varias etapas além da zona de segurança estrategica que o commando dispõe.

Essas informações a principio, basta que sejam globaes, porque pormenorizadas e precisas, nesse lapso de tempo, perderiam o valor em face da actividade do inimigo. Entretanto, dentro do espaço e do tempo em que se desenrolarem as operações previstas, novas e mais minuciosas informações serão necessarias.

Exemplifiquemos para melhor comprehensão: (Vêr esboço 20)

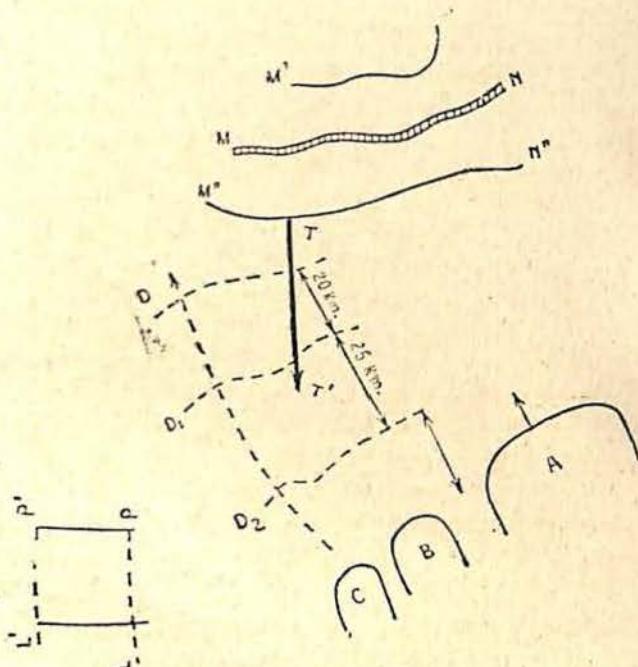
Admittamos que o commando superior (Cmt. de Ex.) tenha intenção de atacar um inimigo que suppõe concentrado, em M.N. Sua ideia de manobra é fixar o inimigo pela frente com a D. I. A.

e envolver seu flanco direito com duas D. I. B e C, segundo direcção geral D.

Trata-se, para o commando de saber:

- os grossos inimigos assignalados, inicialmente em M. N. estarão immoveis ou deslocam-se ?
- tentará o inimigo uma manobra na direcção TT'?
- a direcção L. P. por onde o adversario poderia tentar uma intervenção contra o flanco do Ex., estará ou não livre ?

Essas primeiras informações, globaes e necessariamente longinquas permittirão ao chefe "ter uma visão de conjunto do theatro



Esboço 20

tro de operações e determinar em largos traços as zonas particularmente carregadas de indicios" traçar o quadro do inimigo e deduzir suas possibilidades em relação á execução da manobra encarada.

Depois disso, o Chefe precisa saber como vai cumprir sua missão, isto é:

— que compasso vai imprimir nas operações;

— quais as direcções de esforço;

— quais os objectivos;

— que attitudes vai fixar para suas G. U.;

— como vai repartir os meios entre as G. U.

E para tal precisa novas informações, isto é:

— si o inimigo se retrai para M'N', é preciso saber si deixa um escalão de retrahimento em MN e que consistencia terá esse escalão;

— si o inimigo esperará em MN ou progredirá para M"N" e ambos os casos, é necessário conhecer: os pontos fortes e fracos do seu dispositivo bem como o lugar exacto de sua ala deserta;

— si o inimigo tentar uma manobra segundo TT' é preciso impedir-a e consequentemente que meios empregar para isso.

Essas informações, precisas, por conseguinte mais approximadas no espaço e no tempo, só lhe podem ser fornecidas por contactos permanente e verificadas pelo combate (prisioneiros, etc.).

Quais os elementos combatentes que poderão fornecer essas duas categorias de informação para o Chefe?

As primeiras, mais longinhas e globais serão fornecidas pela Aviação. As segundas mais precisas e approximadas pela cavalaria.

As explorações feitas pelas duas armas virão satisfazer perfeitamente, as necessidades de informação para o chefe.

Dahi concluimos que há duas espécies de exploração:

— exploração longinqua, que contribui nos escalões estratégicos para a elaboração da decisão (Av. de Ex.);

— exploração approximada, que determina como essa decisão deve ser executada e que concorre na execução (cavalaria).

**B) — Organização da exploração pelo comando superior —**  
**Ordens que devem receber as D. C.:**

**— Exploração longinqua:**

Não insisteremos nesta questão, aqui. Fizemos referências sobre ella, porque é intimamente ligada à exploração approximada que é um dos objectivos das nossas "Notas".

**— Exploração approximada:**

A exploração approximada tem por fim:

- determinar como a **decisão** tomada pelo commando superior — graças à exploração longinqua — pode ser executada;
- concorrer na **execução** dessa **decisão**.

Vejamos no nosso exemplo do esboço n.º 20 como o commando superior poderia empregar a cavallaria (D. C. por exemplo) e as ordens que lhe daria.

A cavallaria permittirá ao commando determinar como executará sua manobra; deverá portanto operar de modo objectivo em função dessa manobra.

Para que a manobra seja possível, ou, pelo menos, facilitada trata-se de determinar:

- onde se acham os grossos assinalados em movimento ?
- teriam ou não attingido tal ou tal linha ( $MN — M'N' — M''N''$ ) em tal ou tal data ?
- qual a natureza das resistencias encontradas sobre essas linhas ?
- será preciso ocupar successivamente, em determinadas condições de tempo as posições  $D_2$ ,  $D_1$  e  $D$ , na direcção de esforço do Ex. ?
- será necessário ocupar em tal ou tal data, tal ou tal região ( $L. P.$  ou  $L' P'$ ) por onde o adversario poderia perturbar a manobra projectada ?

Em cada um desses casos a cavallaria deverá operar em condições de tempo e espaço bem precisas e em relação estreita com a execução da manobra encarada.

Quer isso dizer que o commando não lhe daria apenas:

- os dados sobre a combinação entre a exploração longinqua e a descoberta aerea da D. C.;
- indicações, sempre faceis de dar, sobre a situação geral, as informações já obtidas, as ligações, os reabastecimentos, evacuações...

Daria tambem as ordens onde **empenharia**, positivamente sua responsabilidade, a saber:

- uma missão materializada sobre o terreno por uma direcção inicial ou pelo menos uma zona de esforço: direcção ou zona de esforço para a **procura da informação** e para a **acção do grosso** em caso de contacto;

— objectivos a attingir pelo grosso em condições de tempo bem determinadas (por exemplo, cada dia em fim de jornada), bem como a natureza global (com ordem de urgencia) das infor-

mações a obter, de tais ou tais linhas em condições de tempo também precisas (por exemplo, das linhas a atingir cada dia pela descoberta);

— o procedimento a observar em caso de encontro com o inimigo (por exemplo, conquista de um ponto importante — manter uma posição necessária ulteriormente ao comando — retardar o inimigo até uma dada linha que não deve ser ultrapassada por ele até certa data);

— condições de transmissões das informações para o comando (indicação do eixo das transmissões e onde se estabelece — espaço de tempo provável em que a D. C. receberá novas ordens).

### C) — Execução da missão de exploração pela D. C.:

A missão da D. C. em exploração, conforme vimos aí atrás tem por fim **constatar** a presença ou ausência de **forças inimigas** numa **região determinada** e, depois de tomar o contacto com essas forças informar sobre sua importância e movimentos.

A D. C. é, assim, conduzida a estender suas investigações numa zona mais ou menos vasta. Porém, para fornecer informações cujo **valor** justifique o emprego de uma G. U. como a Divisão é preciso que elle tome contacto com os "grossos inimigos" e não se limitar, apenas, a tomar o com os destacamentos que cobrem esses "grossos".

Normalmente a D. C. se lança para esses "grossos" procurando em primeiro lugar recalcar as resistências oferecidas pelos destacamentos de segurança. Rompidas que forem, essas primeiras resistências será preciso, em muitos **casos**, **atacar** os grossos inimigos para precisar sua natureza, força, atitude (offensiva ou defensiva) e determinar:

- si estão em marcha: a direção dos movimentos;
- si estão em posição: o valor das organizações e quicá a intensidade das reacções.

Toda missão de exploração comprehende, então, dois actos essenciais:

- a **procura de informações**;
- o **combate**, que permite **precisar** o valor das informações.

A **procura de informação** exige, a dispersão de meio de investigação mais ou menos numerosos e que uma vez lançados escapam à acção directa do Cmt. da D. C.

O combate exige ao contrario, a **concentração de esforços** que, para ser efficaz, deve ser **immediata e poderosa**.

Em face desta dupla exigencia o Cmt. da D. C.:

- confia a procura de informações a elementos ligeiros cujo numero e effectivo são **estrichtamente calculados**;
- reserva em suas mãos um **grosso** que ficará prompto para ser engajado de acordo com as circunstancias.

Esses elementos ligeiros motorizados e a cavallo a trabalharem intimamente ligados com a aviação da D. C., constituem com ella a **Descoberta** que é o **orgão essencial** da Exploração.

Já sabemos perfeitamente do raio de acção que podem ser capazes a aviação e os elementos a cavallo e mechanizados. O Cmt. da D. C. empregará a aviação num raio muito maior que a cavallaria. Disso resalta, claramente, que ha duas especies de Descoberta:

- **descoberta afastada**, executada pela Aviação da D. C. (descoberta aerea);
- **descoberta approximada**, executada por elementos ligeiros mecanizados e a cavallo (descoberta terrestre).

#### 1.º) — ORGANIZAÇÃO DA DESCOBERTA AFASTADA (AEREA) NA D. C.:

Vejamos, então, como o Cmt. da D. C. acciona sua **descoberta afastada**.

A descoberta afastada é assegurada pela Esquadilha eventualmente posta á disposição do Cmt. da D. C.

Ella tem como objectivo:

- fornecer as informações longinquas que o chefe necessita antes, durante e depois do contacto, a respeito dos movimentos dos grossos inimigos;
- orientar a descoberta terrestre.

A distancia a que deve ser enviada a descoberta afastada é variavel; tem, entretanto, como limite longo o da Av. de Exercito, com a qual frequentemente se confunde, particularmente, no inicio das operações.

Pode-se calcular essa distancia — para as necessidades do Cmt. da D. C. — como variando, em regra, de 50 a 100 km. na frente dos destacamentos de descoberta.

Os limites lateraes da zona de acção da Esquadrilha são estabelecidos de maneira que os flancos da D. C. fiquem durante as operações protegidos por suas informações.

As informações que são pedidas á Esquadrilha visam normalmente:

— procurar os primeiros indícios da presença dos "grossos inimigos" na zona de exploração da D. C.;

— determinar a actividade do inimigo nesta zona (bivaques, tráfegos nas estações, etc.);

— determinar a intensidade e o sentido da circulação (nas estradas e vias ferreas);

— verificar o estado dos pontos de passagens importantes sobre os grandes cortes do terreno e a viabilidade das estradas da zona de acção da D. C.;

— descobrir, si fôr o caso, a existencia de organização defensivas inimigas e acompanhar-lhes o desenvolvimento pela photographia.

O Cmt. da D. C. determina, em função da sua missão e da ideia de manobra, as informações que necessita recolher e estabelece a ordem de urgencia. Pede ao Cmt. da Esquadrilha, sob a fórmula de questões precisas:

— pontos e itinerarios a reconhecer;

— horas, conforme o caso, em que os reconhecimentos devem ser feitos e transmittidos;

— etc., etc.

O Mmt. da D. C. não poderá obter de sua Esquadrilha o rendimento maximo si não estiver rapida, estreita e constantemente ligado a ella. Sómente esta ligação permite ao General orientar com precisão os reconhecimentos aereos e receber em tempo util os relatorios minuciosos; isto, porém, só será possivel si aviões estafetas se acharem nas proximidades do P. C., do Cmt. da D. C., pois no caso contrario ha sempre retardamento. E', portanto, de importancia capital a preparação de terrenos auxiliares nas proximidades do P. C. Esses terrenos são preparados e guardados pela D. C. e se destinam aos "aviões estafetas".

Limitamo-nos aqui ao exame das necessidades do commando e aos pedidos que podem ser feitos á Esquadrilha da D. C.

Mais adeante, veremos a ligação desta descoberta com a terrestre.

## 2.º) — ORGANISACÃO DA DESCOBERTA APPROXIMADA (TERRESTRE) NA D. C.:

A descoberta approximada é constituida por **destacamentos** mechanizados e a cavallo que operam em ligação com a aviação da D. C. (descoberta afastada).

A descoberta terrestre é, verdadeiramente o **acto específico** da D. C. na exploração, porque sómente ella permite a obtenção dos contactos desejados pelo Cmt. da D. C. e o engajamento do grosso nas direcções **principaes** que interessam especialmente a manobra.

— Que especie de contactos interessam o Cmt. da D. C.?

Naturalmente, contactos **provados**, **experimentados** e que possam ser imediatamente explorados nas direcções dos eixos principaes attribuidos á D. C.

Nestas condições, o Cmt. da D. C. não se poderá contentar com reconhecimentos de officiaes (como outrora) pois estes são impotentes deante das a.a. do inimigo e consequentemente **inaptos** para discernir o **valor de um contacto tomado**. Além do mais, elles não podem ser dotados d emieos de transmissão rápidos (T. S. F.) e não podem fazer **prisioneiros**.

Portanto, o emprego dos reconhecimentos só tem cabimento no ambito do **destacamento de descoberta**, que pode efectivamente apoial-os. Excepcionalmente, um reconhecimento poderá ser empregado isoladamente e tão sómente o será no caso de se não dispôr, no momento, de elementos mechanizados.

A descoberta terrestre é, então, assegurada por "destacamentos de descoberta" de composição e efectivo variaveis.

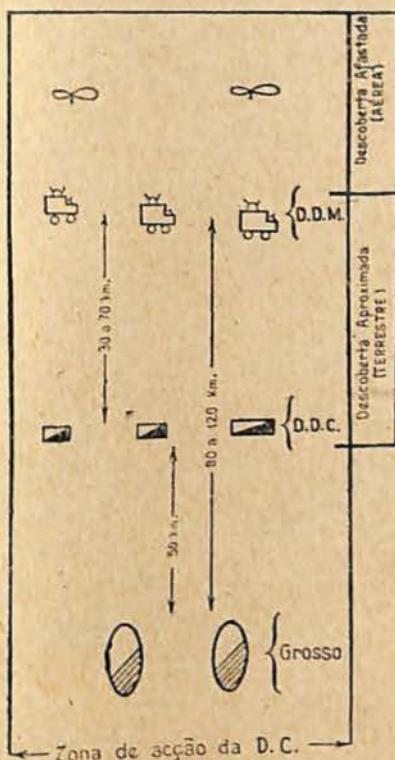
**O destacamento é o orgão normal da descoberta.**

### a) — COMPOSIÇÃO DOS DESTACAMENTOS DE DESCOBERTA (D. D.) E DISTANCIAS A QUE PODEM SER LANÇADOS

Os elementos mechanizados da D. C. que tem um rajo de acção de 100 a 120 km., permitem hoje ao Cmt. dessa G. U. procurar a informação a essa distancia na frente do grosso e evitar, portanto, a surpresa por parte de elementos motorizados e mechanizados do inimigo.

Quanto ao destacamento a cavallo, a experiença já condenou a pratica que consistia em enviar-se tales destacamentos a

limite de alcance maximo, isto é, lançal-os inicialmente para os objectivos assinalados como termo da exploração. Elles devem, ao contrario, ser mantidos dentro do raio de accão da D. C., para que esta possa:



### Legenda

- ∞ { Aviaçāo
- ∞ { A.M.D. apoiado por meios de T.T.
- { Elementos a cavalo

### Esboço 21

- apoial-os em caso de necessidade;
- explorar em curto prazo (dentro da propria jornada) as informações por elles colhidas.

Assim, um alcance de 50 a 60 km. parece, em situação normal, um **maximo** admissivel. Em situações especiaes, esse maximo pode ser excedido.

Quando fôr necessario dar-se **golpes profundos** em direções secundarias para verificar-se **informações negativas** da aviação, empregar-se-ão notadamente elementos mecanizados.

Modernamente uma D. C. para bem cumprir uma missão de exploração terá frequentemente de empregar dois **escalões** de descoberta: (vêr esboço n.º 21):

— um primeiro escalão constituído por destacamentos motorizados (D. D. M.); esses destacamentos podem ser lançados a uma distancia de 80 a 120 km. na frente do grosso;

— um segundo escalão constituído por destacamentos a cavalo (D. D. C.) que marcham na **esteira** dos D. D. M.; as investigações dos D. D. C. podem ser levadas, em média, a 50 km. na frente do grosso.

Esses dois escalões são normalmente empregados quando a distancia que separa o grosso da D. C. do inimigo é bastante grande.

Em regra, depois que os D. M. são detidos pelo inimigo e quando os D. D. C. se superpõem a elles, assumem o commando do conjunto os mais antigos Cmts. de D. D.

Em certos casos (cobertura, aproveitamento do bom exito) em que a distancia entre o grosso da D. C. e o inimigo é relativamente curta, destacamentos de descoberta mixtos (D. D. Mx) podem ser empregados, visto como será possivel, em taes casos, a um chefe unico accionar os elementos de velocidades tão diferentes.

Os D. D. M. são geralmente, constituídos de 1 ou 2 Pel. A. M. D., 1 ou 2 Pel. Moto ou T. T., 1 posto Radio e 1 caminhão leve.

Os pel. Moto e T. T. são exclusivamente destinados ao apoio dos Pel. A. M. D. (1)

A composição do D. D. C. varia entre o **Pel.** e a **ala** de R.C. (reforçados ou não com Mtr.).

O D. D. Mx. pode ter como composição normal:

1 Esq. Cav. (eventualmente reforçado);

1 Pel. A. M. D.;

(1) Em alguns casos os A.M.R. podem fazer parte dos D.D.

- 1 Pel. Moto ou T. T.;  
1 Posto Radio E. R.

Conforme o caso, o Cmt. da D. C. poderá empregar o **Pelotão Cav.** (deste, fraco) ou a ala de R. C. (dest. forte) como **núcleo** do D. D. Mx.

Em circunstâncias excepcionais e quando os destacamentos (D. D. C. ou D. D. Mx.) forem fortemente constituídos, poderão ser reforçados com Art. (Bia. ou Sec.), mas isso só se justificará quando tiverem, além da missão de reconhecimento, uma missão particular de força:

- para manter, em condições determinadas de tempo, um ponto importante do terreno (passagem de rio, desfiladeiro, etc.);
- para retardar a progressão do inimigo num certo eixo;
- para no caso de aproveitamento do exuto recalcar os elementos das retaguardas inimigas.

Em face da organização actual da descoberta podemos observar que se torna, normalmente, desnecessária a intercalação de **"elementos de segurança afastada"** entre a descoberta e o grosso.

Hoje, os elementos de descoberta **não são mais ligados ao inimigo** como outrora e sim ligados aos movimentos da D. C. para a qual trabalham; esses elementos, em razão da sua força, têm **estabilidade** na zona de acção em que operam e podem ser apoiados pelo grosso da divisão em curto prazo.

Os D. M., pelo facto de não se poderem afastar das imediações das estradas, não devem receber apenas um **eixo** de marcha, mas também uma zona de acção, pois dentro de uma zona de acção se podem apresentar, além dum **eixo geral**, várias ramificações de estradas.

**b) — NUMEROS DE DESTACAMENTOS DE DESCOPERTA:**

Não se pode fixar, de maneira rígida, o numero de **destacamentos** que pode compreender um sistema de descoberta. Esse numero é função da **extensão e natureza** (coberta ou descoberta) da zona a reconhecer.

A unica regra precisa que se pode dar sobre este assunto é a seguinte:

**Os elementos a empregar-se na descoberta (numero e efectivo) devem ser estritamente calculados e reduzidos ao mínimo compativel com a execução da missão.**

c) — SUBSTITUIÇÃO DOS ELEMENTOS DE DESCOBERTA:

As missões de descoberta impõem grande fadiga aos destacamentos nella empregados (marcha guardada — repouso e reabastecimentos precários) e quando prolongadas se desgastam consideravelmente os elementos a cavallo.

Impõe-se, portanto, uma substituição dos destacamentos a cavallo, em determinados prazos.

A substituição desses elementos é uma operação bastante delicada, pois, durante o espaço de tempo em que ella se effectua, a D. C. fica privada duma fracção importante de seus meios; entretanto, quando a missão de exploração tem uma certa duração, não se pode absolutamente deixar de substituir a descoberta.

Numa operação de substituição de descoberta, todas as medidas possíveis devem ser tomadas para que ella se effectue com ordem, methodo e rapidez, sem o que os contactos tomados arriscam a perder-se.

No âmbito da D. C. a substituição da descoberta deve ser, em princípio, feita por **periodos**, isto é, fases de operações da Divisão; effectua-se com vantagens no inicio de cada período de operações pelo lançamento de nova descoberta. Sempre que a **situação facultar** é de todo interesse que a **descoberta do dia** retome os contactos já tomados pela **descoberta da vespera**. Os elementos substituídos devem recolher-se, á D. C., sem perda de tempo.

d) — TRANSMISSÕES DAS INFORMAÇÕES

Os destacamentos de descoberta enviam suas informações para o Cmt. da D. C. por intermedio dos P. C. (ou Centros de Informações) successivos que são estabelecidos no eixo de deslocamento do commando.

Para isso, utilizam:

- normalmente: T. S. F., aviões e estafetas;
- eventualmente: rôdes telegrafica e telefonica.

Lembramos que o emprego da T. S. F. impõe a utilização dum "codigo" não só para manter-se o **segredo** nas comunicações, como tambem para **condensar** as mensagens e acelerar sua transmissão. Como, porém, o regulamento diz que "os officiaes graduados ou cavalleiros de um destacamento de descoberta não devem conduzir documentos, cuja captura possa fornecer indi-

cações uteis ao inimigo", é necessario na D. C., um **codigo especial** para uso exclusivo da descoberta.

- indicativos da D. C.;
- indicativos dos destacamentos de descoberta;
- grupos de letras traductor as de algumas phrases usuais;
- letras substitutivas das principaes localidades ou pontos que interessam a descoberta;
- etc., etc.

A transmissão da informação, por via aerea, é feita por mensagem lastrada. O avião apanha a mensagem no P. C. dum destacamento, lança-a no P. C. da D. C.

A Escola de Cavallaria tem empregado, em manobras esses cessos com excellentes resultados.

**e) — LIGAÇÃO ENTRE A DESCOBERTA AFASTADA (AEREA) E A DESCOBERTA APPROXIMADA (TERRESTRE)**

O objectivo dos reconhecimentos da descoberta aerea como dos destacamentos de descoberta terrestre reduz-se á **procura de informações**. Si os reconhecimentos aereos e reconhecimentos terrestres tem objectivo commun, deve-se conjugar suas accões para obtenção do rendimento maximo.

Essa conjugação de accões implica na necessidade de uma **ligação**, muito intima. Essa ligação é **bastante delicada e, por vezes, apresenta sérias dificuldades**.

Vejamos, quaes os processos que podem ser empregados:

**1.º Processo:**

Consiste em attribuir a cada **destacamento** um avião que se-  
rá encarregado de segui-lo na progressão e trabalhar em seu proveito.

Mas, para isso seria necessario um **grande numero de aviões**, o que torna o processo quasi irrealizável.

Entretanto, pode ser empregado com grande vantagem para o caso especial do **destacamento encarregado de missão particularmente importante**.

**2.º Processo:**

O processo mais commumente empregado consiste em fazer-se com que os aviões nas **idas e voltas** de suas missões particulares procurem ligação com os **destacamentos terrestres**.

Os aviões determinam a posição dos destacamentos e comunicam á D. C. e ao mesmo tempo lançam (mensagem lastra-

da) para os destacamentos as informações que lhes possam interessar.

Para que essa ligação seja possível, é necessário que os aviadores saibam muito bem quais os **eixos de marcha** dos destacamentos e que estes se façam reconhecer por seus **paineis**.

Para que este processo dê o resultado máximo, convém sempre **entendimento directo** entre os aviadores e os Cmtes. dos **destacamentos**. Si este entendimento não for possível cabe ao Cmt. da D. C. fixar as regiões e horas em que — sobre cada eixo — os reconhecimentos aéreos entrarão em ligação com os **destacamentos**; essas regiões são, normalmente, determinadas pelas grandes linhas do terreno (cortes, vias férreas, transversais, etc.).

#### f) — ACCIONAMENTO DA DESCOBERTA TERRESTRE

O Cmt. da D. C., deve dar instruções **muito precisas** aos **destacamentos**, attendendo às necessidades de sua ideia de manobra.

Não se acciona um destacamento de descoberta pelo simples facto de se lhe fixar a **composição** e **um eixo geral de marcha** e **zona de acção**. Além dessas duas causas é preciso que o Cmt. da D. C. precise:

— objectivos a atingir em condições de tempo determinadas ou **natureza global** das informações a colher sobre **tais ou tais** linhas em condições de tempo precisas;

— o procedimento a observar em caso de encontro (normalmente offensivo);

— as ligações e as transmissões a realizar;

— por fim, a duração provável da missão.

Essas indicações accrescidas da **situação geral** e da **ideia de manobra** do Cmt. da D. C. constituirão a "Ordem Particular à Descoberta" e podem ser reunidas, a título de confirmação, para as unidades subordinadas (Bdas., etc.), num quadro do modelo da página seguinte.

A repartição e a composição dos destacamentos são variáveis com a importância da missão, do **eixo de marcha** e com a **natureza e ordem de urgência** das informações a colher.

O **entendimento verbal**, entre o Chefe do E. M. da D. C. e os commandantes de **destacamentos** é a **base** do bom rendimento da descoberta e se torna quasi que **indispensável**, porque os Cmtes. de destacamentos não devem conduzir documentos que possam interessar o inimigo.

Números dos Destacamentos	Composição	Fornecidos por	...	...	...	...	...	OBSERVAÇÕES
								Duração provável da missão Ligações com a Av. e com o Cmto.

Por essa razão, o processo de manter-se sempre no Estado Maior da D. C. dois ou tres officiaes, futuros commandantes de descoberta, é vantajoso sobre um duplo aspecto:

— não haverá perda de tempo (chamada do official na sua unidade e deslocamento deste até ao E. M.);

a ordem será verbal para o Cmt. do Destacamento (confirmada por escripto na ordem da D. C.).

### 3.º) — ACCIONAMENTO DO GROSSO DA D. C.:

O grosso da D. C. proggride atraç da rede formada pela descoberta; marcha por largos lanços de acordo com os principios expostos sobre marchas tacticas no Fasciculo II — Titulo II.

No cas. de encontro com forças importantes actuará — conforme a missão fôr offensiva ou defensiva — de acordo com os principios expostos no Fasciculo V — Titulos I e II.

### 4.º) — AS TRANSMISSÕES ENTRE A D. C. E O COMMANDO SUPERIOR:

As transmissões das informações da D. C. para o commando superior são feitas por:

- T. S. F.;
- agentes de ligação em auto;
- avião;

- pombos;
- eventualmente: telegrapho ou telephone.

O processo dos aviões estafetas será, talvez ce future, o processo mais commum pela segurança e rapidez.

#### 5.º) — AS INFORMAÇÕES DA D. C. PARA O COMMANDO SUPERIOR:

O Cmt. da D. C. (intermedio 2.ª Secção) organiza diaria ou periodicamente um Relatorio do conjunto das informações. Esse relatorio não deve ser uma enumeração analytica de todas as informações colhidas, ao contrario, uma exposição synthetica dessas informações.

**Informar o Chefe** consiste em apresentar-lhe uma *synthese* unica — sob forma immediatamente aproveitavel para elle — de todas as informações concernentes ao inimigo e susceptiveis de **determinar, ou modificar** suas decisões.

A *synthese* deve basear-se num methodo que interessa:

- o exame critico e aprofundado das informações;
- a comparação das informações;
- a coordenação methodica das informações para tirar dellas conclusões.

O facto de submeter-se as informações a um exame critico, de comparal-as entre si e coordenal-as methodicamente, visa a procura da **centralização de resultados**.

(Continúa)

### Livros á venda na «A Defesa Nacional»

A SECÇÃO DO COMMANDO NO BTL. Cap. <i>Delmiro de Andrade</i>	8\$000
ÉLOGIO DÉ CÁXIAS, Gral. <i>Góes Monteiro</i>	2\$000
PREPARAÇÃO E MACHINISMO DO TIRO	6\$000
FORMULARIO DO CONTADOR — Ten. <i>José Salles</i>	4\$000
LIMITES DO BRASIL — Cap. <i>Lima Figueirêdo</i>	10\$000
TIRO INDIRECTO DE METRALHADORAS, Cap. <i>Eduardo Campello</i>	2\$000

# SEÇÃO DE ARTILHARIA

Redactor: DJALMA D. RIBEIRO  
Auxiliar: PEDRO GERALDO

## A artilharia divisionaria no combate defensivo (\*)

Major Djalma Dias Ribeiro  
Antigo professor da E. A. O.

(Continuação)

### II — Decisões do Cmt. da A. D.

O general commandante da D. I. dá á Artilharia suas missões, a repartição numerica em largura e profundidade, tendo em vista pol-a em situação de satisfazer as necessidades successivas da manobra ideada.

Mas, para a ordem do Cmt. da A. D. bastará isso?

Não, é preciso ir além e estudar a manobra dos fogos, a organização do comando e o desdobramento.

E' o que iremos fazer.

### 3.º — A MANOBRA DOS FOGOS

Esta manobra consiste em fixar com precisão:

- as zonas a bater;
- a desagem dos fogos a aplicar sobre cada uma das zonas; e
- o momento do desencadeamento dos diversos sistemas de fogos.

Dois dados essenciaes servem de base a esta manobra.

1.º — Admitte-se que, no combate defensivo, um grupo neutralisa de uma forma suficiente, por um tiro rápido de alguns minutos, se a uma frente linear de 600 metros, seja uma superfície de 3 a 5 Ha.

(\*) A Directoria recommenda a leitura deste optimo artigo.

2.º — Um grupo em posição pode, sem deslocar seu material, dirigir seus fogos no interior de um sector horizontal estimado, em 60°. É desnecessário demonstrar que esta grandeza pode variar em função do terreno.

Em profundidade, este sector é limitado pelo alcance útil do material.

Para que um grupo possa atirar sobre um objectivo situado fóra do sector para o qual elle foi inicialmente desdobrado, é necessário deslocar o material seja no sentido da frente, seja perpendicularmente a ella.

Dentro dessas bases, o Commandante da artilharia terá que resolver uns tantos problemas, que se podem enquadrar nos dois seguintes:

#### 1.º Problema:

Sendo atribuída uma zona á D. I., contendo um certo numero de objectivos conhecidos, prováveis ou supostos sobre os quaes o Cmdo. quer ter a possibilidade de agir, com um determinado numero de grupos — *pede-se para localizar os grupos no terreno e dar a cada um delles seus objectivos.*

E' o problema apresentado normalmente ao Cmt. da A. D. E' a determinação do dispositivo inicial correspondente á idéa de manobra do General Cmt. da D. I.

#### 2.º Problema:

Dado um dispositivo de artilharia no terreno, *pede-se determinar para cada um dos objectivos conhecidos ou possíveis da zona da divisão, o grupo ou os grupos com possibilidade de executar tiros sobre elles.*

E' o problema que se apresenta inicialmente, se o desdobramento da artilharia foi tomado "a priori", sem levar em conta a idéa de manobra (processo este que não deve ser empregado); e é o problema que se apresenta inevitavelmente durante o combate quando as previsões iniciais não são mais válidas.

Resolver estes dois casos, é assegurar a cada instante e em tempo útil as combinações de fogos necessárias á neutralização dos diferentes objectivos surgidos no combate, é, em summa, *a manobra dos fogos.*

No instante em que o dispositivo inicial não corresponde mais ás exigencias da situação, a manobra dos fogos exige uma manobra do material, seja uma das previstas pelo general, seja uma outra apontada pela situação.

O conjunto da manobra dos fogos, com ou sem deslocamento dos materiaes, constitue a manobra da artilharia; portanto a sua direcção deve ficar a cargo do Cmt. da D. I.

Deixando provisoriamente de lado o estudo dos fogos defensivos, convem notar desde já que a manobra dos fogos, apenas pelo deslocamento de suas trajectorias, dá á artilharia uma flexibilidade e uma rapidez de execução toda particular á arma. Mas é necessário acrescentar que isto só é possível com um comando organizado e em condições de assegurar em tempo util as diferentes combinações.

#### 4.º) — ORGANIZAÇÃO DO COMMANDO

E' o Cmt. da D. I. que commanda toda a artilharia. Sua acção se exerce seja directamente na parte referente ás questões de missão ou de repartição, como vimos precedentemente, seja, as masi das vezes, por intermedio do Cmt. da A. D., que, "na qualidade de agente de execução do Gen. Cmt. de D. I. e de seu conselheiro technico, é o chefe de toda a artilharia de que disponha a divisão.

Mas dada a extensão normal da frente defensiva, o numero ás vezes consideravel de grupos a commandar, a quantidade de ligações a assegurar, a variedade de combinações de fogos a realizar em tempo opportuno, é absolutamente indispensavel que haja entre o Cmt. da A. D. e os executantes, isto é, os Cmts. de grupos, um orgão intermedio — *o agrupamento*.

Estes são verdadeiros centros de commando, aptos a garantir, nas melhores condições, a execução da manobra da artilharia e a conducta do fogo.

Os agrupamentos agem:

- sejam no quadro tactico da divisão: os agrupamentos de acção de conjunto;
- seja no quadro tactico do R. I. (algumas vezes, no caso de largas frentes, no quadro tactico do batalhão); — os agrupamentos de apoio directo.

Estes ultimos, encarregados das missões de apoio immediato de um regimento no seu sub-sector, constitue uma especie de organo de segurança: não devem ser distraídos normalmente desta missão e, mesmo o Cmt. da D. I. evita determinar-lhes outras acções.

Na grande maioria dos casos, o agrupamento de apoio directo é constituído unicamente de unidades de 75 — as mais aptas a desencadear proximo da infantaria e em tempo muito curto, o fogo de barragem que ella reclama.

Excepциональmente e só quando a forma do terreno o exigir imperiosamente o 105 C e mesmo o 155 C. (quando este fizer parte do reforço) podem ser encarregados desta missão de apoio directo. E' preciso frisar que este material:

- não pôde attender *nas mesmas condições de tempo que o 75*, os pedidos da infantaria;
- *que sua cadencia de tiro* é mais lenta;
- para *mudança de objectivo* exige 5 a 10 minutos; e principalmente que
- *sua maior dispersão* obriga a fazer um tiro a 400 ou 500 metros na frente da infantaria, o que em muitos casos não constitue um verdadeiro tiro de deter.

Os agrupamentos de acção de conjunto, são os verdadeiros orgãos de manobra do general.

São constituídos pelo 105 C., o 155 C., (si fizer parte do reforço) e o 75 que não for atribuido ao apoio directo.

Da simples enumeração acima, surge uma primeira dificuldade que é preciso resolver:

- qual a quantidade de grupos de 75 que deve caber ao apoio directo ?
- qual a atribuir á acção de conjunto ?

Uma parte sobre o qual não ha controvérsia é que, salvo razão imperativa, um R. I. não pôde e não deve ser totalmente privado do apoio de artilharia.

E' tambem questão assente, que o grupo, sendo a menor unidade de artilharia capaz de cumprir sózinha com a infantaria uma missão tactica, é elle o apoio minimo a fornecer a um R. I.

Em consequencia: no caso normal da defensiva, em que os R. I. estão em linha, é preciso no minimo collocar 3 grupos em apoio directo. E' uso corrente e judicioso atribuir a esta missão 3 grupos de 75 da artilharia organica da D. I.

Mas a acção da artilharia, subordinada á idéia de manobra do Cmt. da D. I., deve marcar com o seu dispositivo o esforço principal da defesa e, por conseguinte, o R. I. ou os R. I. encarregados da acção principal devem ter reforçado o seu apoio directo.

— Que sobra?

No caso de dispormos apenas da artilharia orgânica, ficaremos com o 105 C. sómente ou elle e mais — grupo de 75.

Esta artilharia constituirá o agrupamento de conjunto.

Na decisão para a organização do commando, deve-se levar em conta que, quanto mais a situação geral for incerta, mais importante deve ser a massa de artilharia, que o commando deve conservar no agrupamento de conjunto.

Tal como foi previsto no caso da repartição da artilharia — variável durante o combate — o mesmo acontece na organização do Cmdo., sua adaptação aos diferentes quadros táticos (D.I. ou R. I.) pode evoluir algumas vezes na batalha mesmo, em função dos acontecimentos.

### COMMANDOS DOS AGRUPAMENTOS

Em princípio, o commando de um agrupamento não é exercido em boas condições senão por um Cmt. de regimento assistido pelo seu E. M. e órgãos de Cmdo.

Nossa organização não permite normalmente satisfazer a esta necessidade; e devemos acrescentar que na defensiva os inconvenientes que se apresentam com esta falha, são menos sensíveis que em outras situações.

De facto, nunca teremos 4 coroneis para commandar os 3 agrupamentos de apoio directo e o agrupamento de acção de conjunto (no caso de termos apenas um).

Para contrabalançar este inconveniente, no agrupamento de apoio directo, muitas vezes reduzido a um só grupo, a actividade do major e de diversos de seus auxiliares, pode normalmente ser inteiramente orientada para a observação e a estreita ligação com a infantaria, porquanto a instalação, uma vez realizada, os desobriga dos trabalhos de procura de posição, de observatórios e de preparo de novas transmissões. Numa defensiva estática, sómente o período de instalação e organização da posição pode necessitar de meios supplementares ou auxílio do escalão supe-

rior: havendo deslocamentos a preparar, as operações se executam quasi sempre por elementos estranhos ao grupo.

E' obvio mostrar os inconvenientes que a nossa organização apresenta sob este aspecto: — *mais um commando de regimento impõe-se na artilharia divisionaria.*

— Mas então, havendo maior numero de agrupamentos que de Coroneis, o problema do Cmto. dos agrupamentos apresenta um aspecto imprevisto ?

— Aonde, portanto, com a actual organização, devemos collocar os Coroneis commandantes de Regimento ?

Não deve entrar em nossas cogitações o Cmt. do grupo de 105 C., que permanece á esta de seu grupo.

Vejamos, portanto, o caso dos Cmto. do R. A. M. e do R. A. Do.

— Se tivermos 2 agrupamentos com mais de um grupo, o caso é simples: — estes agrupamentos, serão naturalmente commandados pelos 2 coroneis.

— Se tivermos 3 agrupamentos de 1 só grupo e 1 de mais de um grupo, como proceder ?

A este cabe o commando de um dos coroneis. Ficaremos com 1 Cmt. de regimento que:

- será collocado no sub-sector mais importante, entre os apoiados apenas por um grupo;
- ou, então, este Cel. não receberá provisoriamente nenhum commando.

Isto não significa que este coronel vá ficar inactivo, pois no periodo de preparação teve que deslocar seu regimento, coordenar as ligações e completar os meios de transmissões; posteriormente estuda e faz preparar por seu E. M. os deslocamentos previstos pelo Cmto.; e, finalmente, mais tarde, é elle que poderá se encarregar da direcção do conjunto dos fogos, se as circunstancias exigirem uma modificação no dispositivo inicial.

Ha ainda a considerar a hypothese de 3 ou mesmo mais agrupamentos de mais de 1 grupo.

Neste caso o Cmt. da A. D. deve dispor de maior numero de Coroneis, com os respectivos E. M. ou então de meios suplementares que permittam organizar os commandos dos agrupamentos.

## 5.º) — O DESDOBRAMENTO DA ARTILHARIA

## a) Posições de bateria.

O desdobramento da artilharia deve responder ás necessidades da missão principal que lhe foi confiada.

No caso mais frequente esta missão é assegurar a integridade da posição de resistencia. O local do material é o mais atras possível desta posição, de forma a

- assegurar a possibilidade de agir em toda profundidade da posição e mesmo na frente da L. D.;
- permittir um grande campo de tiro lateral, que favoreça a manobra dos fogos;
- finalmente, aumentar a segurança do pessoal e do material, o que permitirá resistir melhor na posição e cumprir em condições favoraveis a missão.

Ha entretanto um limite para este afastamento do material da frente, limite este que mais se restringe no caso do apoio directo, que realiza um tiro proximo da infantaria.

Este limite é da ordem de 5000 a 5500 mts. para o 75 e 105 e de 7000 a 8000 mts. para o 155 c.

Além destes alcances, o tiro de deter perde rapidamente seu valor e poderá se tornar perigoso devido á dispersão e ás ligações para frente, salvo o caso de emprego do telephone, não ficarão perfeitamente asseguradas.

O afastamento do material é igualmente limitado pela circunstancia de se agir, sem deslocamento, seja em proveito dos P.A., seja mesmo mais a frente na participação das missões afastadas.

Mas para estas diferentes acções, pode-se utilizar o alcance do canhão, porque nellas não se requer as mesmas condições exigidas para o tiro de deter.

Não é, entretanto, sempre possível assegurar a execução das missões afastadas com o material desdobrado muito á retaguarda da P. R., seja porque a acção afastada deve ser feita muito cedo, seja ainda no caso dos P. A. terem recebido uma missão temporaria de resistencia, tendo a artilharia da defesa de collocar seus tiros de deter na frente da infantaria dos P. A.

Nestes dois casos é necessário levar á frente uma certa quantidades de artilharia. Algumas vezes devem mesmo ir á frente da L. P. R. (neste caso é preciso garantir a segurança das bias.).

enquanto o restante da artilharia permanecerá na posição á retaguarda, nas melhores condições para assegurar a defesa da posição.

Pelo que acabamos de examinar vemos que o problema que se apresenta á artilharia nem sempre é simples de resolver; e é preciso um esforço para não complicá-lo inutilmente como se faz ainda hoje, quando se redige um paragrapho nos moldes de um como este:

- “—  $\frac{1}{3}$  da artilharia deverá participar dos tiros longinquos;
- $\frac{1}{2}$  em proveito dos P. A.;
- a totalidade diante de L. P. R.;
- $\frac{2}{3}$  no interior da posição;
- $\frac{1}{4}$  na frente da linha de deter”.

Isto não apresenta dificuldades á imaginação, e é de tal forma preciso e completo que quem o redige deve ficar orgulhoso.

Este foi o habito durante alguns annos e ainda hoje é apresentado por alguns como a ultima palavra no assumpto.

Acredita-se que desta forma propõe-se ao artilheiro um problema de arithmetica, cuja solução não apresenta dificuldades.

Mas, é preciso parar com esta moda !

A guerra de estabilisação pode a rigor justifical-a, graças á abundancia de material, mas a guerra de movimento a condena totalmente. Estas fracções de denominadores diferentes, sem levar em conta a constituição interior das unidades de artilharia, tomadas ao pé da letra, impõem o deslocamento de grupos e até de bias.; e, mesmo não levando a rigor, fica-se exposto a fazer movimentos e mudanças do dispositivo no momento mais critico do combate.

E' preciso ter em vista que, se a artilharia levada á frente permanecer em posição, não estará no momento desejado em condições de cumprir a missão em proveito da P. R.; e se fôr deslocada: — ou poderá ser surprehendida em flagrante delicto de manobra e efficazmente batida pelo tiro inimigo, ou então, ella não estará sufficientemente organizada nas novas posições e os tiros de apoio que ella vae fornecer são de qualidade mediocre.

Emfim, e isto é o mais grave, o commando desta artilharia, tão distendida em profundidade e tendo que executar numerosas mudanças de dispositivo e deslocamentos, é praticamente impossivel.

E' tempo de concluir e precisar o assumpto: todas as vezes que os fogos de artilharia devam ser escalonados sobre uma pro-

fundidade tal que os *deslocamentos de material* tornem-se obrigatórios, é necessário:

- fixar, limitando ao "estricto mínimo" a quantidade de unidades que devam executar as missões afastadas;
- fixar o momento de seu recuo;
- fazer toda a organização do tiro e a preparação à retaguarda (com peças mantidas em posição e que sirvam de peças directrizes) afim de que a nova instalação seja rápida e que a participação nos tiros de deter das unidades deslocadas se faça sem estorvo.

Esta questão de deslocamento de materiais antes ou durante o combate, nos leva a dizer algumas palavras sobre o emprego das "unidades nomades", que, com um fim completamente diverso necessitam de deslocamentos análogos.

O receio de desvendar ao inimigo o conjunto do dispositivo da defesa, faz o commando deixar mudar até o momento do ataque a maioria de suas baterias, particularmente as de 75 que realizam os fogos da barragem principal, e fazer com que atirem um certo numero de peças ou secções isoladas (é imperioso atirar para que o inimigo não tome o dispositivo de ataque tranquilamente) de posições diferentes das normaes. O fim é excellente em si e o emprego destas unidades nomades offerece ainda a vantagem de chamar a atenção do serviço de informações inimigo para um grande numero de posições de bateria que não serão ocupadas no momento do ataque e, em consequencia, de dispersar os tiros de contra bateria, o que poderá diminuir sua efficacia.

Aliás, tecnicamente, não apresenta nenhuma grande dificuldade e praticamente as baterias nomades tem prestado grandes serviços.

Mas, não será isto, apenas, uma manobra da guerra de estabilização?

Ter as posições supplementares, ter um systhema de observação organizado para estas posições, ter um sistema de ligações e transmissões é, pode ser mesmo, de municiamento, é dobrar o tempo de duração das operações de reconhecimento e de ocupação da posição. Em guerra de movimento isto será possível?

Além destas razões, segundo o que foi dito precedentemente, ter o material em deslocamento e portanto sob o risco de perdê-lo (o regulamento fixa mesmo as condições de seu abandono)

onde não utilizal-o senão de uma maneira insuficiente, é, evidentemente, apesar das vantagens que apresenta, uma medida a rejeitar.

Collocados ainda no quadro da guerra de movimento, é preciso não temer que uma bateria que atira e que foi assignalada pelo inimigo, seja destruida. As possibilidades da contra bateria são limitadas: é aconselhável não esquecer os exemplos históricos em que, mesmo no periodo de estabilisação, as baterias referidas pelo inimigo, raramente foram reduzidas completamente ao silencio.

Finalmente, para terminar este estudo sobre as posições de bateria, convém dizer algumas palavras sobre a "*dispersão*", no terreno das baterias de um mesmo grupo, processo bastante generalizado no dispositivo defensivo.

A finalidade desta dispersão é ter as baterias em condições de atirar umas mais longes que as outras, ou então para ficar com o dispositivo menos vulneravel.

Tem seus detractores este escalonamento de baterias no interior do grupo, mas é muitas vezes necessário, principalmente quando o agrupamento é constituído de um grupo apenas. Isto, no entanto, não deve servir para todos os casos, não deve formar regra geral.

O "escalonamento em profundidade" de que se fala sempre e com razão, quando se trata da defensiva, deve ser procurado principalmente no escalonamento dos grupos entre si, seja entre grupos de calibres diferentes (o 105 C. atraç do 75, o 105 L na frente do 155 L...), seja no caso de material do mesmo calibre, quando o agrupamento é formado de diversos grupos, seja ainda entre agrupamentos diferentes (um agrupamento de conjunto será vantajosamente collocado atraç dos agrupamentos de apoio directo...)

A pratica, o caso real o têm demonstrado sobejamente, que um grupo não pode ficar bem nas mãos do chefe, não é praticamente commandavel, quando as baterias se afastam uma das outras de mais de 600 a 800 metros.

As experiencias do tempo de paz mostram que, com um comando habil e o pessoal bem instruido, é possivel obter-se boas concentrações com as baterias e mesmo com peças largamente dispersas no terreno; mas em tempo de guerra, com um pessoal que não trabalha mecanicamente e, principalmente em guerra de mo-

vimento, com as transmissões muitas vezes precárias, objectivos imprecisos, baterias imperfeitamente installadas, postos de comando pouco confortaveis — estas concentrações são praticamente irrealizaveis.

### ZONAS DE ACÇÃO

O que acabamos de dizer, representa as condições theoricas do desdobramento dos grupos.

Praticamente, quando o Cmt. dá a ordem de reconhecimento, deve precisar alguma cousa mais.

O sector horizontal de  $60^\circ$ , a que já nos referimos, define as possibilidades em largura de um grupo em posição, deve ser locado no terreno de forma que:

- 1.<sup>o</sup> — seu vertice (posição de bateria) fique situado em um dos pontos que estudamos, quando tratamos do escalonamento em profundidade;
- 2.<sup>o</sup> — seus lados englobem a zona ou as zonas do terreno nas quaes o grupo deve agir.

Estas zonas comprehendem não apenas aquella onde o grupo normalmente agir — *zona de acção normal* —, mas tambem aquella, onde, sem deslocamento de material, elle possa ser chamado a fornecer fogos, seja reforçando unidades vizinhas, seja porque estas zonas estejam inicialmente privadas de fogos — são as *zonas de acção eventual*.

A definição destas zonas deve constar da ordem de reconhecimento. Para os grupos de apoio directo, que não podem ser distraídos de suas missões de apoio de um sub-sector, a zona de acção normal que abrange todo sub sector pode bastar; mas para o agrupamento de acção de conjunto, é necessário fixar claramente as zonas de acção eventual.

Isto será com effeito, tornar o problema invertido, como já vimos, e não aquelle em que collocamos “a priori” sobre o terreno um sistema de artilharia e de sua situação deduzimos as suas possibilidades lateraes; neste segundo caso quasi sempre certas zonas serão insuficientemente batidas, ou mesmo privadas de fogos e isto acarretará para o commando grandes inconvenientes.

## O TERRENO

Não comporta este nosso estudo falarmos da influencia do terreno na escolha das posições: — é uma questão puramente technica.

Trata-se apenas de uma simples observação, a de lembrar que o Cmt. da A. D. deve evitar impôr aos Cmts. de agrupamentos e de grupos, zonas de desdobramento das baterias precisas. Pois, a menos que tenha feito previamente um reconhecimento pessoal muito detalhado e preciso, elle não deve tratar destes locaes na ordem de reconhecimento.

O Cmt. do Grupo, tendo recebido as missões, as zonas de acção, as condições de desdobramento, terá mais latitude para locar suas baterias.

A cada chefe as suas responsabilidades.

### b) *O plano de observação.*

Nunca é demais falar sobre a importancia da observação terrestre na artilharia, tanto no ponto de vista da vigilancia do campo de batalha, como no da regulação do tiro.

Mas é preciso que o chefe não perca de vista, que a observação deve ser organizada e não deixada á escolha e aos cuidados dos executantes.

Com effeito, si cada Cmt. de grupo trabalhar isoladamente, o sistema de observação que elle será obrigado a manter, para assegurar suas missões, será de tal forma estendido em profundidade e largura, exigirá tal quantidade de meios em pessoal e material para a observação e as transmissões, que as possibilidades do grupo estão longe de poder attender.

Sobre este aspecto, um tal sistema mantido por conta própria dos executantes, será dobrado ou mesmo multiplo.

Para evitar estes inconvenientes e estas impossibilidades a autoridade superior deve organizar a observação:

- indicando a cada executante a parte que lhe cabe na instalação da rede;
- determinando quaes os observatorios que deve ocupar;
- impondo as ligações lateraes;
- fornecendo, si fôr o caso, os meios supplementaes necessarios.

Esta organizaçāo, é evidente, não pode ser montada senão apōs o reconhecimento detalhado do terreno e seria impossivel querer apresentar um schema previo.

O que é preciso saber para o memento é que o Cmt. da A. D. em sua ordem dē reconhecimento chama attenção de seus subordinados para o reconhecimento dos observatorios, de forma que cada um delles possa lhe expōr as possibilidades de observaçāo em sua zona e que um plano de conjunto possa em seguida ser traçado por elle de maneira pratica, segura e economica.

## Livros á venda na «A Defesa Nacional»

MORTEIROS, Ten. Gutemberg Ayres . . . . .	9\$000
O DUQUE DE CAXIAS, Cap. Orlando Rangel Sobrinho . . . . .	2\$000
O TIRO DE ARTILHARIA DE COSTA . . . . .	4\$000
IMPRESSÕES DE ESTAGIO NO EXERCITO FRANCEZ — Ten. Cel. J. B. de Magalhāes . . . . .	2\$000
NOTAS DO COMMANDO S/ BTL. NO TERRENO. Com. Audet	3\$000
O OFFICIAL DE CAVALLARIA — Cel. Benicio . . . . .	10\$000
La Recherche des Renseignements . . . . .	3\$000
Aide memoire du chef de Section d'Infanterie . . . . .	6\$500
Guide Tactique du Chef de Groupe . . . . .	3\$500
Manouvre et l'emploi du genie . . . . .	6\$500
R. T. A. P. (reedição de 1936) 1. <sup>a</sup> parte . . . . .	4\$000
MANUAL DO OFFICIAL ORIENTADOR DE ARTILHARIA E. M. E., 1. <sup>o</sup> Fasciculo . . . . .	3\$000
NOTS S/ EMPREGO DA ARTILHARIA, Major Ignacio Verissimo .	10\$000

## Decisões do General Commandante da uma D. I., no que diz respeito ao emprego da sua artilharia (1)

Pelo Cap. MAURELL FILHO  
(Antigo professor da E. E. M.)

### a) *Situação defensiva*

Em um dos ultimos numeros de "A Defesa Nacional", tivemos oportunidade de salientar o nosso modo de vêr, baseado, aliás, na doutrina abraçada pelos nossos regulamentos e na opinião de alguns mestres illustres, sobre o que chamamos "as Decisões do General Commandante de uma D. I., no que diz respeito ao emprego da Artilharia, n'uma situação offensiva".

No referido artigo, promettemos aos camaradas, que tiveram a bondade de perder alguns minutos na sua leitura, o proseguinteamento da discussão do assumpto.

E' o que fazemos, hoje, abusando, talvez, da benevolencia de todos aquelles que se interessam pelas questões attinentes ao emprego da arma de Artilharia.

Na defensiva, tanto quanto na offensiva, os termos do problema a resolver pelo Gen. de Divisão, a respeito da Artilharia, são em numero de 3:

- repartição dos meios;
- missões de fogos;
- servidões de emprego.

(1) O presente trabalho já estava prompto quando appareceu o ultimo numero da "A Defesa Nacional". Constitue elle, aliás, um simples resumo de uma conferencia feita pelo seu autor, em 1935, na E. E. M.

Assim se explica a nenhuma relação das linhas que seguem, com o trabalho ultimamente publicado, sobre o mesmo assumpto, pelo nosso brilhante camarada, Major Djalma Dias Ribeiro.

### A) — REPARTIÇÃO DOS MEIOS:

A repartição dos meios tem repercussão directa sobre a *quantidade* e a *qualidade* dos fogos a fornecer; por isso, é uma decisão que deve engajar a responsabilidade do Gen. de Divisão e que não comporta delegações a quem quer que seja.

Nada autorisa, portanto, ao Gen. de Divisão desobrigar-se, na defensiva, do elevado encargo de *repartir a sua artilharia* em duas fracções:

- uma, a de apoio directo, destinada a trabalhar em intima ligação com a infantaria empenhada;
- outra, a de acções de conjunto, capaz de actuar como fiel da balança em suas mãos: seja para prolongar a acção da primeira, seja para attender ás situações imprevistas, reforçando os fogos da infantaria *onde e quando* se fizerem necessário.

De resto, a necessidade de ser fixada pelo Gen. de Divisão a quantidade de Artilharia collocada em apoio directo de cada um dos sub-sectores, em que se acha dividida a frente a defender pela G. U., é imperiosa, porque a infantaria precisa saber com que cooperação da artilharia pôde contar, para que possa montar o seu proprio sistema de fogos, com acerto.

Nestas condições, aqui, como na offensiva, cumpre ao Gen. de Divisão "fixar o numero, a missão geral e a força dos diversos agrupamentos", restando ao Gen. Cmt. da A. D. o encargo de "constituir-os, dar-lhes o Commando, repartir entre elles as missões, as posições e os observatorios".

### B) — MISSÕES DE FOGOS :

O problema da defensiva é, essencialmente, um problema de fogos: fogos de varias origens estreitamente combinados; fogos organizados em sistema, dentro de uma ideia nítida; fogos regulados e dirigidos por uma só vontade.

Se, por conseguinte, o successo da defesa repousa no valor de um systema de fogos combinados, organziados e mantidos cuidadosa e intelligenteamente, comprehende-se que será sobretudo o que deseja *vêr realizado* como *jogo*, que o Gen. de Divisão deve dizer em sua ordem. Esta é a mais alta expressão da sua vontade e, como tal, não pôde deixar de ser proclamada, de modo claro e insoffismavel, para que fique bem conhecida de todos.

*Mas como exprimir semelhante vontade, de modo a tornal-a tão clara quanto precisa?*

A clareza e a precisão exigidas apparecerão, sem duvida, quando o Gen. de Divisão disser em sua ordem:

- de um lado, *onde* deseja vêr cahir os projectis, enviados por tal ou qual unidade ou conjunto de unidades;
- de outro lado, *quando* se torna opportuno o desencadeamento.

Em outras palavras, o que o Gen. de Divisão deve dizer é: *onde, quando e como* quer que sua Artilharia atire.

Claro está que semelhante asserção não redundava em afirmar-se que o Gen. de Divisão deve regular os detalhes technicos referentes ao emprego da arma; estes são da alçada do Gen. Cmt. da A. D.. A preocupação do Gen. de Divisão, ao contrario, deve visar, apenas, fornecer a este ultimo as indicações necessarias ao estabelecimento do seu *plano de jogos*.

Mas as indicações a fornecer pelo Gen. de Divisão em sua ordem variam de um systema de fogos para outro e estes, na defensiva, são variados, como sabemos.

Com effeito, alem dos tiros *chamados correntes*, dos tiros longinquos de toda natureza e, particularmente, da contra-bateria, si esta estiver a cargo da Divisão, o Gen. terá que montar dois systemas essenciaes de fogo:

- um, o de *contra-preparação*;
- outro, o de *deter*.

O primeiro destes systemas, engaja totalmente a responsabilidade do Chefe e, por isso, deve merecer de sua parte, todo o seu esforço, toda a sua atenção, para que seja regulado, em seu conjunto, de modo claro e preciso; o segundo, — o de deter — cuja importancia é desnecessario encarecer, depende, essencialmente, do systema de fogos da infantaria, ao qual se deve amoldar, e só pôde ser encarado, pelo Gen. de Divisão, de um ponto de vista elevado, por isso que as suas minucias lhe escapam.

### SYSTEMA DE CONTRA-PREPARAÇÃO

Os resultados a esperar de um systema de C. P., estão na estreita dependencia dos 3 factores seguintes:

- “uma judiciosa escolha dos pontos de applicação dos tiros”;
- “uma escolha acertada do momento em que estes tiros devem ser desencadeados”;
- “uma boa repartição dos meios, , de modo a obter *effei-  
tos de massa*”.

Accresce, que pode ser considerada normal a necessidade de decompôr o systema de C. P. em mais de um dispositivo, de maneira a attender, não só á necessidade da concentração successiva dos meios disponiveis, em porções differentes da frente, como tambem á ligação intima do systema á ideia de manobra do Gen. de Divisão.

De resto, nenhum dispositivo de contra-preparação deve ser montado ao acaso; ao contrario, qualquer que elle seja, deve sempre “achar-se ligado a uma ideia bem definida do Chefe”, qual seja, por exemplo, “a defesa de um Sub-Sector ou de um Centro de resistencia”.

Nestas condições, surge uma primeira vontade a ser expressa pelo Gen. de Divisão, a esse respeito: a fixação dos diferentes dispositivos em que se deve decompôr o systema de

Contra-preparação e, bem assim, a idea que deve presidir a organização de cada um destes dispositivos.

A seguir, é necessario que o Gen. de Divisão precise as regiões nas quaes deseja ver applicados os tiros e, além disso, fixe a ordem de urgencia segundo a qual estes tiros deverão ser desencadeados.

Finalmente, no que diz respeito á *escolha* do momento em que deverão actuar os dispositivos de fogos montados, normalmente, o Gen. de Divisão, quando este momento não lhe tenha sido fixado pelo Exercito, reserval-o-á para si; entretanto, si a situação exigir uma delegação desta decisão, o que será frequente na guerra de movimento, o Gen. de Divisão deverá indicar sobre quem ella deverá recahir.

De posse das indicações citadas, ficará o Gen. Cmt. da A. D. em condições de regular os detalhes de execução de cada um dos dispositivos a serem montados e, desse modo, "deverá repartir os tiros de todas as bias, em condições de agir"; "regular o mecanismo destes tiros, cadencia e duração inclusive, de maneira a cobrir com fogos de densidade conveniente as partes essenciaes das zonas abrangidas pelos dispositivos considerados".

### SYSTEMA DE DETER

Comporta, normalmente como sabemos, pelo menos 3 dispositivos: um, á frente da linha mantida pelos Postos Avançados; outro, o essencial, a frente da orla exterior da Posição de Resistencia — ahí incluidos os fogos em toda a zona que medeia entre a linha dos P. A. e a orla exterior da P. R.; finalmente, um terceiro no interior desta ultima posição.

Nenhum desses dispositivos pôde ser concebido, porém, isoladamente; ao contrario, elles constituem uma das peças de um sistema global e complexo de fogos, para cuja constituição correm os fogos das armas automaticas da infantaria com a melhor parte. Os dispositivos de deter da Artilharia devem ser en-

carados como constituindo, apenas, um complemento necessário aos dispositivos de barragem da infantaria, aos quais se devem amoldar para completal-los ou reforçal-los, nas partes julgadas essenciaes.

Assim concebido o sistema de deter da Artilharia, facil será concluir-se que *as minúcias de organização* dos seus dispositivos, só podem ser precisadas de concerto com a infantaria e dentro de cada Sub-Sector. Ellas escapam, portanto, á acção do Gen. de Divisão.

Mas isso não quer dizer que o Gen. de Divisão não possa impôr a sua vontade no estabelecimento do sistema de fogos em apreço. Apenas esta vontade deve pairar bastante alto para que não corra o risco de comprometter a efficacia desejada, por uma invasão das atribuições de outrem, certamente mais ao par das realidades do que elle.

Onde o General de Divisão pôde e deve impôr a sua vontade é, em primeiro logar, na determinação do *numero* e da *natureza* dos dispositivos de deter a realizar; depois, na fixação, no interior de cada um dos dispositivos, dos *pontos essenciaes que deseja ver batidos* e, mesmo, na *indicação dos calibres* que julga necessário applicar nestes pontos.

Extender mais a sua acção, seria penetrar nas minúcias de execução e estas, como sabemos, escapam á sua alçada. Ao Gen. Cmt. da A. D. compete estabelecer-as, dentro da idea fixada pelo Gen. de Divisão e levando em conta as propostas dos Cmts. de Agrupamento, que, de resto, não são mais que a resultante de um entendimento perfeito com os Cmts. de Sub-sectores a quem devem apoiar.

#### OUTRAS MISSÕES DE FOGOS

As preocupações do Gen. de Divisão vão alem dos dois sistemas essenciaes de fogos — contra-preparação e deter. Com efeito, as manifestações de actividade da Artilharia de defesa

não se podem limitar á realização destes dois systemas. Estes se propõem a encarar factos consumados:

— seja que o inimigo realizou, na base de partida o seu dispositivo de ataque e se procura dissocial-o (systema de contra-preparação);

— seja que este inimigo se lançou ao ataque e urge detê-lo (systema de deter).

Mas antes que o inimigo realize o seu dispositivo para o ataque, na base de partida, antes mesmo que elle tome o contacto com a nossa posição, podemos e devemos procurar difficultar-lhe os passos, enfraquecer-lhe as resistencias moraes e materiaes. Em uma palavra: é preciso actuar contra o inimigo o mais longe que nos seja possível.

Esta *acção longinqua*, porém, engaja a responsabilidade do Chefe e só pode ser conduzida, no ambito da D. I., pelo seu Cmt. unico qualificado para decidir da sua oportunidade e da feição que deve tomar.

E o que elle deve precisar, em sua ordem, a esse respeito, é “a *quantidade de material* que deseja attribuir a esta missão e a *partir de que linha do terreno* deseja ver engajada a lucta afastada”.

Como sempre, os detalhes de execução dos tiros ficarão a cargo do General Cmt. da A. D.

### SERVIDÕES DE EMPREGO

Para se obter a realização dos fogos desejados, no momento opportuno e no lugar conveniente, não basta prevel-los; é necessário ainda que se possuam os meios materiaes capazes de fornecer esses fogos e que estes meios sejam dispostos no terreno em condições favoraveis.

Accresce que todo tiro de Artilharia está sujeito a um certo numero de imposições de carácter technico, variaveis — é certo — com a natureza do material, mas que, para qualquer material,

só podem ser satisfeitas dentro de certos limites de alcance. Por outro lado, certas missões de fogos estão na estreita dependencia de uma observação terrestre favoravel e esta só pôde ser conseguida, tambem, dentro de alcances limitados.

Semelhantes verdades, importam em affirmar-se que o escalonamento, no terreno, dos fogos na defensiva — traz como consequencia logica o escalonamento em profundidade do material, uma vez que “não se pode contar com o deslocamento opportuno deste material durante o oembate e que este deslocamento acarretaria uma manobra de munições irrealizavel”.

Resalta, além do mais, do exposto, que o desdobramento ou seja a manobra dos materiaes, deve ser função da manobra dos fogos a realizar, por isso que a condiciona.

Mas, como a manobra dos fogos deve ser montada, em suas linhas geraes, pelo Gen. de Divisão, logico é concluir-se que só este poderá decidir das condições a impôr ao desdobramento.

A decisão do Gen. de Divisão a respeito do desdobramento, só será expressa, porém, de modo claro e preciso, quando elle haja fixado, em sua ordem, a proporção de Art. que deseja vêr bem collocada para cumprir cada uma das missões de fogos previstas.

Nestas condições, caberá ao Gen. de Divisão definir em sua ordem a quantidade de Artilharia que se deverá engajar á frente dos P. A. e aquella que deverá ficar em condições de intervir no interior da P. R., uma vez que, normalmente, toda a Artilharia da defesa deverá poder actuar, em boas condições, á frente da orla exterior desta posição.

De posse de taes indicações, o Gen. Cmt. de A. D. fica habilitado a dar suas ordens de execução, fixando para os agrupamentos e, eventualmente, para os grupos, as respectivas zonas de posições.

Ha, ainda, uma outra servidão importante: aquella que se refere ao aprovisionamento e ao consumo das munições.

Ao Gen. de Divisão cabe fixar, em sua ordem, o valor do aprovisionamento em munições das posições de bateria. Por outro lado, cabe-lhe ainda definir em que ordem de urgencia e, dentro de que limites, as munições creditadas podem ser consumidas. Não esqueçamos que aqui, como alhures ao Gen. de Divisão compete manter em suas mãos e manejar a "torneira das munições".

## Livros á venda na Bibliotheca da A DEFESA NACIONAL

Aide-memoire du mitrailleur . . . . .	7\$000
Essai sur la psychologie de l'Infanterie . . . . .	10\$000
Memento de l'Instructeur Fusilier-Voltig . . . . .	10\$000
Problemes d'Artillerie . . . . .	16\$000
Deux Manœuvres . . . . .	16\$000
Quand et comment Napoleon etc. . . . .	16\$000
Le combat des petites Unités . . . . .	10\$000
Le Leçons de l'Instructeur . . . . .	16\$000
Principes de la Guerre — Foch . . . . .	20\$000
Conduite de la Guerre — Foch . . . . .	20\$000

# SEÇÃO DE INTENDENCIA

Redactor: JOSÉ SALLES

## Serviço de Intendencia

1.º Ten. de Adm. Francisco Guido Wandler

Já tivemos oportunidade de encarecer a necessidade de ser tratada com especial interesse a parte relativa ao C. A., na revisão do R. I. S. G., a qual se está procedendo. Dissemos, então, em outra colaboração, que este regulamento não devia conter dispositivos attinentes ao R. A. C. T. E. M., porque isto seria mutilar a forma deste, tornando-o aleijão, como tambem, por crear verdadeiras antinomias entre regulamentos que, pelo caracter imperativo de suas prescripções, deviam ter sectores de acção perfeitamente circumscriptos pelas coordenadas de espaço e tempo. Mas, as nossas observações passaram como a brisa ligeira.

Não influiram no animo de nossos Licurgos e a prova disto é que o novel Regulamento de Fundos, visando a facil movimentação dos mesmos, crea, entretanto, normas relativas á sua administração nos corpos e estabelecimentos que se lhe não ajustam bem, gerando collisões, carecedoras e hermeneutica nem sempre pacifica.

As funcções, por exemplo, de thesoureiro, almoxarife e aprovisionador sofreram abalo no seu "substratum", por força de directriz excentrica. Por via dessa factura á prestação, temos envez de um corpo de prescripções administrativas uniformes, uma verdadeira colcha de retalhos... E, desse modo, falseado o escopo a attingir por um Regulamento oriundo de qualquer ramo da administração publica: explicar ou completar a lei, o qual para isto deve ter, como condições substanciaes, clareza, sobriedade e precisão, nos seus enunciados. Aliás, estas características provêm das proprias directivas traçadas pela Constituição ao Direito

Administrativo, do qual constitue base, não se perdendo de vista, contudo, que, sendo o Estado detentor de "maior força" no concerto social, precisa ter sua actividade especifica e juridicamente organizada em todos seus departamentos, pois, estamos distanciados da fórmula: "L'état c'est moi". Guiados por esta ordem de considerações, chegamos á conclusão de ser imposta irrevogavel e perennemente á Administração Militar a obrigação de dotar o Exercito de um Regulamento Administrativo constituido por um corpo de dispositivos juridicos administrativos que venha a facilitar, nos corpos e estabelecimentos militares, as funcções daquelles a quem cabe a ardua e esfalfante gestão dos dinheiros e materiaes do Estado.

Attingiríamos, assim, conscientemente, á descentralização funcional vitalizante do organismo do Poder Publico.

Na organização do alludido Regulamento devia, previamente passar para o mesmo toda materia que lhe pertence e se acha esparsa no R. I. S. G., Regulamento de Rancho (pois este faz parte da Administração) bem como a doutrina vigente oriunda do M. G.

A parte estructural poderia ser a seguinte:

**I — CAPITULO: ORGANISACÃO DO C. A. (abrangendo e explicando todos os casos concretos), JURISDICÇÃO E COMPETENCIA.**

**II — CAPITULO: FORMULARIO** (de todos pa-  
peis que digam respeito ao C. A.).

Observamos que, dada sua finalidade pratica, tal regulamento não pôde ser obra de ficção, gerada nos gabinetes multicores... Por outro lado, como nas leis fiscaes, é preciso ter em conta a capacidade do meio tributado...

Nada de velharias inadequadas á época. Devem, tambem, ser evitados o espirito de originalidade e o dogmatismo causador do obscurantismo.

Como se vê, a tarefa não é facil, mas estamos certos, será coroada de exito, si fôr precedida de um metodo de accão positivo, para o que se torna indispensavel a consulta prévia aos orgãos directamente interessados — corpos e estabelecimentos — pelos quaes apresentarão oportunas suggestões os officiaes ahi

affeitos ás lides administrativas e cujo concurso se torna valioso na elaboração de um instituto util e duradouro.

Separados, tanto quanto possível, no sentido material e formal, os dois CAPITULOS, passaria para o primeiro, como dissemos, a parte absorvida pelos outros Regulamentos, assim como a doutrina suppletiva dos avisos e soluções de consultas, subordinando-a "á passagem do homogeneo indifinido para o heterogeneo coordenado".

Para o II Capitulo (FORMULARIO) ha apreciavel cabedal a aproveitar, constituido dos Modelos de 1910 e 1916 no Regulamento de Administração de 1917, revogado, e algo de maçuda collecção de modelos da Extincta Comissão de Inspecção Administrativa. A esta altura chegamos ao ponto nevralgico da questão que tem de ser resolvida por mão de cirurgião...

Trata-se de um corte de "fond en comble" na "papelada", inimiga "numero um" de uma proveitosa administração. Effectivamente, essa "papelada" precisa ser diminuida e simplificada. Com isso serão obtidas duas grandes vantagens: economizar tempo necessário a outros mistéres e attender, embóra indirectamente, os respectivos pedidos, em relatorios annuaes, de majoração da verba "expediente"...

Tambem deve ficar bem claro que o regimen de tres chaves para o cofre do C.A. é uma medida obsoleta que só pôde satisfazer ás consciencias retrogradas, pois, a lei não deve preocupar-se só com o lado existencial de determinado phenomeno, mas, tambem, attender ao lado evolucional do mesmo.

Tal medida, inscripta no actual R. I. S. G., parece ser a reprodução fiel dos bens de orphãos prevendo, na consecução de seus detalhes, a guarda dos mesmos na "caixa de orphãos", fechada sob tres chaves, sendo dellas detentores o juiz, o escrivão e o depositario. Hoje, esse anacronismo desapareceu, porque a lei, melhor orientada, em boa hora o suprimiu. Entre nós vigorou, por algum tempo e sómente em alguns C. A., essa esdruxula providencia. Não se comprehendia, então, o disparate desse preservativo, pois, ao mesmo tempo que tinha que "formar a guarda" para ser rece-

bida ao cofre, quantia insignificante, era outorgada, "ex-vi-legis", ao thesoureiro, atribuição para receber livremente quantias, por vezes avultadas, destinadas ao C. A. O advento do Regulamento de Fundos, consagrando a gestão directa, poiz tudo ás claras. A não ser assim, era preciso, antes de mais nada, riscar da legislação penal a incontrovertida conceituação de peculato, pois, sendo esta perfeitamente feita, dentro do Código Penal Militar, tem o Poder Público a faculdade de, comodamente, fixar as responsabilidades, no decurso do "iter ciminis". Vimos C. A. onde havia pouco dinheiro mas muita fiscalização... Para aposição de um sello de recibo, "vibravam os timpanos" acudindo, pressurosos, o Cmt., Fiscal Administrativo e o Thesoureiro, abandonando suas multiplas occupações. Mas não nos queremos perder em divagações e por isso voltemos a razão de ser destas linhas: o excesso de burocracia do C. A.

Para justificar esta assertiva basta considerar a discutivel utilidade de certos papeis. Porque se fazem ao mesmo tempo e relativos ao mesmo assumpto mapas mensaes e trimestraes? Não bastaria sómente um? Isto é apenas uma amostra esporadica, pois, uma revisão criteriosa irá alem. Achamos que, relativamente com essa providencia, deve ser reduzido o numero de prestações de constas feitas pelos C. A. Nem sempre a maior fiscalização é a melhor. Uma só vez, no fim de cada anno, seriam prestadas contas aos orgãos provedores. Na organização destas, seriam catalogados os recibos passados contra a entrada de fundos ou material. Seriam assim os C. A. repostos na sua verdadeira finalidade: preparar e julgar. Mas, salientamos, o que estamos expondo nada mais é do que um pouco de materia prima para o cinzel dos artistas...

Por isso ficamos por aqui pois não temos proposito de esgotar o assumpto, mas apenas chamar, para o caso, a atenção dos estudosos e competentes afim de colaborarem na elaboração de um Regulamento Administrativo que, por um lado vise tornar menos ardua as funcções administrativas como dissemos atraç, e por outro plasme a razão de ser da tropa: a mobilidade.

# NOTICIARIO E VARIEDADES

## O espirito militar

AFFONSO CELSO

*Em variados sectores de operações espirituais tem-se salientado o Dr. Luciano Pereira da Silva: — administrador, parlamentar, sociologo, belletrista esforçado, estudioso dos problemas essenciais do paiz.*

*Numerosa e fulgente já lhe é a bibliographia, sobre diferentes matérias, revelando sempre lucidez de aprender, e expôr, erudicção, elevação de propósitos, senso das realidades.*

*O seu recente volume — O espirito militar na história dos povos — embora escripta por um civil, testemunha esclarecido empenho em melhorar as condições de segurança nacional, cuja fraqueza lhe afflige em extremo os sentimentos patrióticos.*

*Com apurada sciencia dos factos, clareza e capacidade de synthese, examinou os programmas bellicos e a sua applicação, desde a mais remota antiguidade até a phase contemporanea.*

*Podia o livro trazer, como sub-título: "Compendio histórico de todas as guerras havidas na humanidade".*

*Afigura-se-lhe inevitável nova conflagração, mais terrível que a de 1914; e o Brasil se acha menos armado do que então!*

*A nossa esquadra, sem base naval, dispõe de material quasi imprestável.*

*"O conhecimento dessa miseria — diz o sr. Luciano Pereira da Silva — e os perigos que ella pôde acarretar*

para a honra nacional enregelam os corações dos que amam verdadeiramente o Brasil e tremem pelo seu futuro...

Salva-se apenas o pessoal, a cuja abnegação e zelo deve-se ainda não ter desapparecido completamente dos mares a marinha de guerra brasileira.

Se nas forças de terra, a situação não é tão vergonhosa, nem por isso deixa de ser humilhante.

Dada a nossa população, deveríamos contar com uma reserva de quatro milhões de soldados, instruidos ainda que rudimentarmente.

A que temos não vai a quatrocentos mil.

O nosso material bellico ficou prejudicadíssimo com as revoluções de 1924, 1930 e 1932, sem haver sido renovado.

Não possuimos industria de guerra, nem estradas estratégicas.

A' excepção da China e da India, não se aponta hoje no globo uma nação das proporções do Brasil e com tamanha fraqueza militar; — "pasto imbelle para satisfazer apetites de outrem, cada vez mais vorazes".

O sr. Luciano Pereira da Silva compoz o seu livro em 1922, como simples advertencia; passou a ser, em 1936 um brado de alarma contra os perigos que ameaçam a propria integridade nacional.

Felizmente, á revelia dos governos, e arcando com a má vontade de alguns, vai tomado corpo um movimento de fundo nacionalista, que parece destinado a operar uma transformação radical no carácter dos povos, incutindo-lhe a mistica de Patria, servido por uma disciplina voluntariamente aceita e, por isso, capaz de sublimes realizações.

Obra tonificadora de energias nacionaes e de optimismo cívico — o integralismo — merece quando menos, toda a sympathia e respeito dos brasileiros devotados á Patria, promptos á defesa da ordem social contra audaciosas arremetidas de nefasta origem estrangeira.

Entende o sr. Luciano Pereira da Silva que o desarmamento, em vez de evitar a guerra, traz resultados contraproducentes, negativos, depois de experiencias infelizes.

O pacifismo em absoluto defendem-no argumentos apenas da ordem sentimental, jamais o abonam os ensinamentos da Historia.

Os povos, sem uma unica excepção, só se mostraram grandes e fortes enquanto os animou o espirito militar, entrando em decadencia logo que este lhes faltou.

Cumpre, porém, não confundir espirito militar com o de aggressividade, ou de conquista.

Nunca o espirito militar foi obice á paz, porém, antes, efficaz factor de respeito mutuo entre as nações.

Interiormente, factor de disciplina, acata as liberdades publicas, conducentes ao progresso e ao bem estar geral.

Desenvolver esse espirito no povo importa, ao mesmo tempo, em garantir a estabilidade do governo e a das prerrogativas da collectividade.

Espirito militar e militarismo são coisas antagonicas.

O militarismo consiste na intromissão das classes armadas, como entidade collectiva, nos negocios publicos, arrogando-se o poder de elevar e apear governos, impôr medidas legislativas ou administrativas, de acordo com as suas sympathias ou paixões e em prejuizo das corporações e das autoridades civis ás quaes, constitucionalmente, incumbe prover a tales medidas.

*E' uma dictadura collectiva de uma classe privilegiada, no meio das outras, contra as quaes exerce um despotismo com as proprias armas que foram confiadas por estas para sua defesa e que tal classe volta contra os cidadãos desarmados.*

*O espirito militar, ao contrario, está, em resumo, no conjunto das mais nobres qualidades humanas, creadas na coragem e no destemor de morte, posta, ao serviço da comunhão social, superando impulsos egoistas.*

*Pratica-se em plena paz de multiplas maneiras: organização de grandes emprezas industriaes, construcções de diffíceis vias ferreas, valorização de regiões despovoadas e incultas, fundação de poderosas companhias de transportes, vigorosas campanhas sanitarias, realização de obras vultuosas de irrigação e açudagem em curto tempo, tudo, enfim, que traduz coragem, perseverança, esforço, isto é, verdadeiro espirito militar.*

*As phrases acima exaradas pertencem quasi litteralmente ao sr. Luciano Pereira da Silva, cujas formas de expressão nitidas, elegantes, correctas, não raro eloquentes, dispensam alterações.*

*Ninguem, depois de Olavo Bilac, tratou de assumtos militares com maior segurança de ideas e destreza de estylo.*

*Concordamos cabalmente com os pontos de vista de S. Ex., que, fundadamente propugna o serviço militar obri-gatorio, substituindo as forças armadas profissionaes, não identificadas com a massa social, como o correctivo, o prophylatico do militarismo.*

*Oxalá as normas substanciaes da sciencia e da arte militares prevalecessem na sociedade inteira: disciplina, hierarquia, solidariedade, cooperação, intrepidez, aperfeiçoamento physico, de par com subordinação moral, o*

*culto ardente da Patria, symbolizado na bandeira, a não electividade dos chefes pelos inferiores!*

*Orgãos maximos da ordem, do poderio material, da energia, ás classes armadas cabe nutrir, como ninguem, a consciencia de seus deveres e responsabilidades, dando os maiores exemplos.*

*Eis as idéas que nos levam a acclamar o escripto do sr. Luciano Pereira da Silva, imbuido de sã brasiliade, como nimiamente educativo e opportuno.*

(Do "Jornal do Brasil")

## "MACHADO DE ASSIS"

1.º Ten. UMBERTO PEREGRINO

Confesso o meu peccado. Peguei o "Machado de Assis" de Lucia Miguel Pereira sem muitas esperanças de sahir satisfeito.

Verdade é que estava diante da romancista de "Em surdina", da conselheira e collaboradora do "Boletim de Ariel", mas tambem é verdade que a biographia nunca foi o forte da nossa litteratura e que Machado de Assis consegue ser, pela sua vida plana de chefe de familia e funcionario exemplar e pela sua obra multipla e complexa, uma figura esmagadoramente difficil de estudar com exito. O que resta de interessante é o interior, o caracter e a sensibilidade desse homem, doente, triste e feio que é dono da gloria mias alta e singular da cultura brasileira. Mas ahi mesmo quanta sombra, quantos reflexos desmaiados, quantos desvãos turvos, silenciosos, impenetraveis.

Vencer tudo isso foi o milagre da escriptora Lucia Miguel Pereira.

Seu livro honra, sem duvida nenhuma, o nome de Machado de Assis, em que pesem as restricções do sr. Aggripino Grieco. Destas a que se me afigura mais seria e que endosso integralmente é a da demasiada importancia attribuida á Carolina na obra machadeana. Já antes a autora tinha insistido muito na Maria Ignez dando-lhe assim ares de quem adivinhava o futuro do entea-

do, e pelo livro todo vai se escorando em depoimentos sempre femininos. Ha por ahi talvez um pouco de sexo puxando para sexo... E nem de outro modo se explica aquelle exagerto de botar a Carolina intervindo até "modificar uma ou outra expressão" dos escriptos de Machado de Assis. Vamos que ella os lesse, annotasse as distracções, se encarregasse da ortographia... Não terá sido Machado de Assis o unico a utilizar uma collaboração dessas. Mas só isso.

Acho que desafina muito com o tom equilibrado do livro aquella preocupação de pintar a meninice de Machado de Assis fazendo-o um moleque fanatico de aprender, que se colava ás portas, se esgueirava pelos corredores, tudo para escutar aulas das meninas ricas, ou que arranjava no collegio algum livro emprestado e "atirava-se sofregamente ao volume, ávido de aprender, de saber". O typo do menino-prodigio, de que ha aos centos por ahi... .

Sobre o "baleiro" tenho uma observação absolutamente sem importancia. E' que não posso escutar o nome sem que me accuda a lembrança do moleque espevitado, mettido na farpella caracteristica, o mostruário pendurado na correia que lhe enlaça o pescoço, gritando nos cinemas, nos treis, nas barcas, o pregão estridente: "**Baleiro !**" E me lembro que Machado devia era carregar na cabeça, atravez ruas estreitas e feias de São Christovam, um taboleiro coberto com um panno branco e cantando este outro pregão: **olha a cocada, olha o alfinin, olha a puxa-puxa!**

São palavras civilizadas que pouco suggerem de coisas barbas... Por isto eu nuncia direi que Machado de Assis foi "baleiro". A palavra me engasgaria como si fosse uma mentira.

Do debate de certas questões que já se vão tornando classicas na vida e na obra de Machado de Assis, nem sempre a srta. Lucia Miguel Pereira se terá sahido como era de desejar.

Assim discutindo si Machado de Assis foi ou não algum dia sachristão, entra com este argumento que em absoluto não convence: "militando na imprensa liberal e anti-clerical, não poderia Machado ter sido sachristão". (pag. 43).

Mais adiante, pg. 201) tem palavras assim negando a extensão popular da obra de Machado: "Si nunca foi, como não é e nunca será, um escriptor de grande publico, Machado de Assis se impoz desde o "Braz Cubas" á admiração dos letrados. "O que não a impede, logo quatorze paginas para a frente, de informar: "Até

o exito de livraria, tão raro no Brasil, os seus livros tiveram". E na pagina seguinte: "Foi lido e apreciado. Não só os homens de letras, mas o publico se interessava por elle". Ou ainda: "Não, Machado de Assis não foi, como em regra se affirma, apenas um escriptor para letrados, para espiritos requintados". Desenganadamente sahirá atrapalhadíssimo deste capitulo do livro da srta. Lucia Miguel Pereira, o leitor que busque nelle a sua orientação.

Outro ponto que me deu na vista. A autora começa (pg. 90) reconhecendo que os grandes movimentos contemporaneos de Machado, a Republica e a Abolição, "o deixaram indiferente", mas quando chega no estudo do "Braz Cubas" (pag. 221) vai dizendo muito desembaraçada, que "Machado de Assis, tão accusado de se haver alheiado aos grandes problemas do seu tempo, traçou sem digressões, sem palavras difficeis, a critica da organização servil e familiar de então. Mostrou o mal que fez a escravidão a brancos e negros". Depois, na pagina 236, volta ao assumpto, a propósito da pergunta de Eça, para garantir que Machado não pensava nada da abolição nem da Republica.

Em compensação com que precisão foi situado o papel da natureza na vida e na obra de Machado de Assis!

O facto da banalidade da sua correspondencia não deixou de ser accentuado, embora de carreira e sem maiores explicações. Mas si Machado, como assegura o sr. Agripino Grieco, era "lento na producção", "sahindo-lhe gotta a gotta, com o esforço da ideação e de estilização indiscutivel" tudo aquillo, creio que por ahi se poderia pegar para ensaiar uma explicação desta particularidade. Pelo menos, Rousseau, que tambem escrevia com enorme dificuldade, riscando, apagando, passando a limpo quatro ou cinco vezes os seus manuscripts, se queixava por este motivo da sua incapacidade para a correspondencia, confessando que a carta, por exigir certa rapidez na redacção, resultava sempre para elle em redondo fracasso. Sem esquecer o feitio do homem, o "caramujo", acho que esta circunstancia ajuda a elucidar o caso.

Choca um pouco a insistencia com que a autora se refere à monotonia na obra de Machado de Assis. Entrando com a primeira allusão logo na pagina 11 repete a dose pelas alturas das paginas 110, 145, 190, 274 e talvez outras. Ora, isto repisado assim que é que parece? Seguramente foi carregado um traço que afinal de contas não faz estas marcas na obra machadeana.

Já no final do volume da senhorita Lucia Miguel Pereira a gente esbarra com esta nota meio equivoca: "A extrema delicadesa de Machado de Assis se patenteia mais uma vez no facto de haver recebido essa senhora (Abel Juruá) que lhe era apresentada por Lucio de Mendonça e queria lhe submeter um romance da sua lavra". Mesmo sabendo que Machado de Assis já estava muito doente, esse exemplo da sua "extrema delicadesa" desperta uma malicia que, não acredito tenha sido o movel da srta. Lucia Miguel Pereira...

Tem graça quando a autora de repente se formaliza, assume uma gravidade quasi episcopal, e a proposito das heroínas do seu biographado, entra a deitar moral, aponta "o americanismo perturbando tudo", insinua a volta da mulher ás graças antigas...

A doença de Machado de Assis, comparece no livro em diversas passagens soltas, e apezar de certas fumaças da autora citando gente importante como Mme. Minkowska, evidentemente a questão não foi aprofundada. Nem podia ser de outra maneira. O thema é desses que só por si dão um estudo alentado e exige conhecimentos especializados que não se improvisam.

Mas nenhuma restricção que se faça ao ensaio da srta. Lucia terá muita importancia, porque incidirá sempre em simples detalhes. Estamos na verdade diante de um trabalho serio, honesto e desinteressado, coisa grata de resaltar nesta hora em que a regra é o apressado e o que encerra vantagens...

E' verdadeiramente notável o esforço de comprehensão da autora. Por isto mesmo dá satisfação quando a gente a vê sahindo-se tão bem da interpretação desse homem difficult, fechado, impenetravel. Minto, impenetravel não. Pôde ter sido. Agora depois que a srta. Lucia enfiou resolutamente pelos seus livros revirando-os, desmontando-os, ligando coisas, está quebrado o encanto.

Impressiona o desembaraço e a penetração com que a autora analysa a obra mais desigual, mais variada e mais complexa das nossas letras, mostrando sempre perfeito dominio de toda ella. E' esse, aliás, a meu ver, o aspecto mais interessante e tambem mais meritorio do ensaio. Procurando explicar a origem do humor machadeano, vejam só que observação limpida e franca: "observada em si mesma, a agitação humana tem uma apparencia de inutilidade que a torna burlesca. E conclue: "Foi essa sensação de falta de sentido da vida, aliada a um sentimento de compa-

xão pelos vãos esforços dos homens que fez de Machado de Assis o grande romancista e o grande humorista que se revelou em "Braz Cubas".

Julgo definitivo o estudo dos contos de Machado de Assis, que representam "descontados os dois primeiros volumes, a parte mais perfeita da sua obra". E com que subtileza é fixado o segredo do seu exito neste genero em que foi campeão !

Não sei si conseguirei fazer o elogio que a srta. Lucia Miguel Pereira merece, dizendo que a sua obra impõe Machado de Assis até a quem nunca o tenha lido.

---

## ENGAJAMENTOS E REENGAJAMENTOS

1.<sup>o</sup> Ten. A. PAIVA

### 1.<sup>o</sup> P A R T E

#### E N G A J A M E N T O S

##### A) DE SOLDADOS:

###### 1.<sup>o</sup> — FILEIRA E EMPREGADOS:

- a) **Inicio:** Sempre contada a partir do 1.<sup>o</sup> dia da respectiva incorporação official (na 1.<sup>a</sup> Zona — 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup>, 6.<sup>a</sup>, 7.<sup>a</sup>, 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup> R. M. a primeira incorporação é feita no dia 1.<sup>o</sup> de Novembro, a 2.<sup>a</sup> incorporação far-se-á no 1.<sup>o</sup> dia util do mez seguinte; na 2.<sup>a</sup> Zona: 4.<sup>a</sup> R. M., a 1.<sup>a</sup> incorporação é feita no 1.<sup>o</sup> dia util de Março e a 2.<sup>a</sup> no 1.<sup>o</sup> dia util do mez seguinte; 3.<sup>a</sup> Zona — 3.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> R. M., a 1.<sup>a</sup> incorporação é feita no 1.<sup>o</sup> dia util de Maio e a 2.<sup>a</sup> no 1.<sup>o</sup> dia util do mez seguinte; de acordo com o art. 10.<sup>o</sup> e parag. II do mesmo, tudo do R. S. M.); mesmo que por qualquer motivo for concedido em datas posteriores, devendo sempre ser declarado no despacho e na publicação official o seguinte: "Concedo de acordo..... e a contar de.... 1.<sup>o</sup> dia da incorporação official" (Parag. 1.<sup>o</sup> do art. 9.<sup>o</sup> do R. S. M.). — Exemplo: Um soldado requereu

engajamento em Outubro de 33, mas por qualquer motivo só foi concedido em Fevereiro de 34; no despacho do requerimento e na publicação oficial devem constar que iniciou o engajamento em 1.º de Novembro de 33 e não na data do despacho; isto é: em Fevereiro de 1934; adoptando até a seguinte expressão commumente empregada: "Concedo engajamento, por dois annos de acordo com a Letra B do Art. 42 do R. S. M., a contar de 1.º de Novembro de 1933". Em.... Fevereiro de 1934". (Supondo na 1.ª Zona).

- b) **Duração:** Dois annos (Letra B do art. 9.º e art. 42 tudo do R. S. M.).
- c) **Fim:** Sómente no fim de um 1.º periodo de instrucção, mesmo que assim exceda a duração nominal dos dois annos. (Parag. 2.º do art. 9.º do R. S. M.). Exemplo: Um soldado engajou no dia 1.º-XI-1933, apesar do seu engajamento terminar a 1.º de XI de 1935, só será licenciado em 29-V-1936. (Supondo na 1.ª Zona cujo fim do 1.º Periodo de instrucção é no dia 29-V-1936).
- d) **Quantidade:** Só pode existir no effectivo total de soldados, numa Companhia, Esquadrão ou Bateria, 8 soldados engajados, sendo que na Bateria de Dorso ou Campanha 4 delles devem ser conductores; e na Cia. de Engenharia 11 soldados engajados. (Letra B do art. 42.º do R. S. M. e avisos ns. 149 de 23-III-1936 e 248 de 22-V-1936).
- e) **Observações:** Os ns. acima foram determinados do seguinte modo: A letra b do artigo 42.º do R. S. M., fixou o n.º de engajados de 12 na Cia., Esquadrão ou Bia. (dos quaes 6 conductores na Campanha ou Montanha), e 16 na Cia. de Engenharia. Esta doutrina foi confirmada pela letra a do Aviso n.º 234 de 3-IV-1934, declarando que: "A Bia. só pode annualmente ter em seu effectivo total, como engajados um total de 12 homens (soldados) não especialistas (subentende-se que quer se referir a soldados de fileira). Suspensos todos os engajamentos de acordo com os Avisos ns. 606 e 617 de 24 e 29 de Setembro de 1935, foram posteriormente concedido com a interpretação destes dois ultimos, pelo de n.º 419 de 23-III-36, mais na proporção de  $\frac{2}{3}$  dos elementos engajáveis, isto é  $\frac{2}{3}$  dos ns. fixados pela letra b do art. 42.º do R. S. M. e Aviso 248 de 22-V-1936, resultando os ns. já citados.

Exemplo: Uma Bia. tem um efectivo de soldados de fileira e empregados igual a 60 soldados, de acordo com a legislação em vigor sómente 8 soldados destes 60 podem ser soldados engajados.

Uma Bia. tem 6 soldados engajados no dia 41 de Outubro de 1933, e pergunta-se: quantos engajamentos podem ser concedidos no dia 1.º de Novembro do mesmo anno? Resposta: — Sómente 2 para completar o n.º fixado. Conclui-se que devem ser concedidos tantos engajamentos quantos são as vagas de soldados engajados e não o n.º total delles, annualmente.

- e) **Condições:** Boa conducta civil e militar, edade maxima 28 completa, e aptidão physica comprovada em inspecção de saúde. Art. 42.º do R. S. M.).

## 2.º — ESPECIALISTAS

- a) **Inicio:** O mesmo que de fileira, excepto aos especialistas aceitos como voluntarios em qualquer época do anno, e neste caso será contado da data em que tiver completado o seu tempo de serviço a que estiver obrigado; mesmo, si por qualquer motivo for concedido em datas posteriores. (Parag. 1.º do Art. 9.º do R. S. M.). Quanto ao tempo de serviço obedece o seguinte: si a incorporação fôr no 1.º Periodo de instrucção, o tempo de serviço será igual ao da classe incorporada, e si fôr depois será igual ao da classe a ser incorporada no anno seguinte. (Parag. 2.º do art. 40 do R. S. M.). Os especialistas que podem ser aceitos como voluntarios em qualquer época do anno, são os constantes do art. 40 do R. S. M. e são os seguintes: Art. 40. Os especialistas (artifices, corneteiros, musicos, telegraphistas, etc.). Exemplo: a) **Um telegraphista é incorporado como voluntario**, de acordo com o art. 40 do R. S. M. de 10-IV-933, o inicio do seu engajamento (caso haja), será contado a partir de 10-IV-934, mesmo que seja concedido em data posterior fazendo a declaração já citada para o soldado de fileira. b) **Um telegraphista é incorporado como voluntario**. De acordo com o art. 40 do R. S. M. no dia 22-VII-933, o inicio do seu engajamento caso haja será a partir do dia 22-VII-934. (Supondo o tempo de serviço para voluntarios e sorteados incorporados neste anno

ser de 12 meses. Este tempo é variável e determinado anualmente pelo Ministério da Guerra de acordo com o art. 9.º do R. S. M.).

- b) **A duração:** A mesma que a de fileira (2 anos).
- c) **Fim:** O mesmo que o de fileira, mesmo para especialistas que trata o art. do R. S. M.. Exemplo: Para o caso a acima: o telegraphista termina seu tempo de engajamento em 10-IV-936, mas só será licenciado (caso não seja reengajado) no dia 29-V-936 (fim do 1.º período de instrução). Exemplo: Para o caso b acima o telegraphista termina o seu tempo de engajamento em 22-VII-936, mas só será licenciado (caso não seja reengajado) no dia 29-V-937 (fim do 1.º período de instrução).
- d) **Quantidade:** Só pode existir no efectivo de uma Bia., Esquadra, seja de Infantaria ou Engenharia,  $\frac{2}{3}$  do efectivo total de soldados especialistas, engajados. (Art. 42.º do R. S. M., e avisos ns. 234 de 3-IV-934, 149 de 23-III-936 e 248 de 22-V-936).

**Observação:** O R. S. M. nada determinou claramente sobre o nome de especialistas a respeito deste assumpto; mas a letra b do aviso n.º 234 de 1934 já citado, firmou doutrina declarando que: "Pode-se engajar todos os especialistas até o total dos respectivos quadros, de acordo com a letra c do art. 42.º e 40.º do R. S. M. e art. 301 do R. I. S. G.: "Em aviso n.º 580 de 19-IX-935 foi concedido a partir de Janeiro de 1936, que se mantivesse como engajados 20 % do efectivo de cada uma dessas unidades de Artilharia de Costa. Esta concessão se refere sómente a Artilharia de Costa sendo solicitada pelo Cmt. do D. A. C.

Suspensos todos engajamentos pelos avisos ns. 606 e 617 de 1935 e novamente concedido pelo de n.º 149 de 1936, mas sómente na proporção de  $\frac{2}{3}$  dos elementos engajáveis, isto é,  $\frac{2}{3}$  do efectivo total dos respectivos quadros. Julgo que o aviso n.º 580 citado se refere a praças engajadas que terminam o tempo e não se podem reengajar, sendo concedido então continuar a servir como engajadas.

Exemplo: Uma Bia. tem um efectivo total de soldados especialistas, igual a 21 (Computando todos os soldados especialistas, como telemetristas, observadores, etc.), destes 21

soldados sómente  $21 \times \frac{2}{3} = 14$ ) 14 soldados podem ser engajados.

Exemplo: A Bia. acima possue em 31 de Outubro de 1933, 9 soldados especialistas, pergunta-se quantos engajamentos podem ser concedidos em 1.<sup>o</sup> de Novembro de 1933 (1.<sup>a</sup> Zona)? Resposta: 2 engajamentos, que completam com os 9, os 11 soldados engajados previstos.

Segue-se a mesma observação dos soldados de fileira.

- e) **Condições:** As mesmas que ao de fileira.

3.<sup>o</sup> — ARTIFICE, CLARINS, TAMBORES, MUSICOS, PESSOAL DO SERVIÇO DE INTENDENCIA, MATERIAL BELLICO, SAÚDE E VETERINARIO.

- a) **Inicio:** O mesmo que de especialistas.  
 b) **Duração:** Idem.  
 c) **Quantidade:** Idem.  
 d) **Fim:** Idem.  
 e) **Condições:** Idem.

### B) — CABOS E SARGENTOS

1.<sup>o</sup> — Todos os cabos e sargentos (fileira, especialistas, artifícios, empregados, musicos, etc.)

- a) **Inicio:** O mesmo que o de soldados observando o estabelecido para as diferentes classificações (fileira, especialistas, etc.)  
 b) **Duração:** Idem.  
 c) **Fim:** Idem.  
 d) **Quantidade:** Só pode existir no efectivo de uma Bia., Esquadrão ou Cia. de Infantaria ou Engenharia,  $\frac{2}{3}$  do efectivo total de cabos ou sargentos engajados. (Letra a do Art. 42 do R. S. M. e aviso 149 de 1936).

**Observação:** A quantidade acima, foi determinada de acordo com a letra a do art. 42.<sup>o</sup> que concedia o engajamento para os cabos e sargentos até o total do respectivo quadro. Para se cumprir esta disposição regulamentar pode-se obedecer o seguinte: — 1.<sup>o</sup>, Somar todos os cabos ou sargentos existentes no efectivo e verificar os  $\frac{2}{3}$ , para se determinar quantos cabos ou sargentos podem estar servindo como enga-

jados. Exemplo: Uma Bia. tem no seu efectivo 70 sargentos (computando de fileiras, especialistas, artífices, etc.), destes 70 sómente ( $70 \times \frac{2}{3} = 47$ ), podem estar servindo como engajados; segue-se o mesmo critério para os cabos. 2.º — Somar todos os cabos ou sargentos da mesma classificação e determinar os  $\frac{2}{3}$ , pois assim se faz uma distribuição mais equitativa. Exemplo: Uma Bia. tem no seu efectivo 70 sargentos, dos quais 30 são de fileiras, 20 especialistas, 10 empregados e 10 artífices. Determinando os  $\frac{2}{3}$  de cada uma das classificações, obtém-se:  $30 \times \frac{2}{3} = 20$ ,  $20 \times \frac{2}{3} = 13$ ,  $10 \times \frac{2}{3} = 7$  e  $10 \times \frac{2}{3} = 7$ , isto é, a Unidade em apreço só pode ter 20 sargentos de fileira, 13 sargentos especialistas, 7 sargentos empregados e 7 sargentos artífices, servindo como engajados. Segue-se o mesmo critério para os cabos.

Para se determinar quantos engajamentos podem ser concedidos anualmente, procede-se da maneira indicada para os soldados, observando sómente as quantidades.

- e) **Condições:** As mesmas que as de soldados.

## 2.º P A R T E

### PRIMEIRO REENGAJAMENTO

#### A) DE SOLDADOS

##### 1.º — FILEIRAS E EMPREGADOS.

- a) **Inicio:** Não pode reengajar. Excepto os que tem reengajamento especial. (Contingentes, etc.).  
 2.º — ESPECIALISTAS
- a) **Inicio:** Sempre contado a partir da data em que terminar o engajamento, mesmo si por qualquer motivo fôr concedido em data posterior, fazendo sempre a declaração já citada.
- b) **Duração:** Tres anos (letra b art. 9.º do R. S. M.).
- c) **Fim:** O mesmo que o engajamento.
- d) **Quantidade:** Só podem existir no efectivo de uma Bateria, Esquadrão, Companhia de Infantaria ou de Engenharia,  $\frac{2}{3}$  do efectivo total de esoldados especialistas reengajados (letras g e h do parag. 2.º do art. 42 do R. S. M. modif. pelo dec. 19.507 de 18-12-30 que concedia o reengajamento até o total do quadro. Suspensos pelos avisos ns. 606 e 617 de

1935 foram restabelecidos pelo n.º 149 de 1936, mas na proporção de  $\frac{2}{3}$  dos elementos engajaveis, isto é,  $\frac{2}{3}$  dos elementos engajaveis, isto é  $\frac{2}{3}$  do total do respectivo quadro.

Exemplo: Uma Bateria tem no seu efectivo 10 soldados especialistas, destes sómente  $(10 \times \frac{2}{3}) = 7$  podem estar servindo como soldados reengajados. Para se determinar quantos reengajamentos podem ser concedidos, procede-se de maneira analoga como para os engajamentos.

- e) **Condições:** Na Artilharia, Cavallaria e Engenharia, os unicos especialistas que podem ser reengajados, são os telegraphistas e os especialistas de saúde e veterinaria. (Letra g do parag. 2.º do art. 42 do R. S. M. modificado). Na infanteria: Os telegraphistas, especialistas de saúde e veterinaria e os especialistas de carros de combate (letra h do parag. 2.º do art. 42 do R. S. M. modificado).

Na Aviação: Todos os especialistas (idem). Boa conducta civil e militar e aptidão physica comprovada em inspecção de saúde.

Entende-se por telegraphistas sómente os manipuladores de telegraphia electrica com ou sem fio, isto é, os telegraphistas e radiotelegraphistas, unicos do pessoal das transmissões. (Aviso n.º 635 de 24-XII-936).

### 3.º — ARTIFICES, CLARINS, CORNETEIROS E MUSICOS

- a) **Inicio:** O mesmo que de especialistas.  
 b) **Duração:** Idem.  
 c) **Fim:** Idem.  
 d) **Quantidade:** Idem.  
 e) **Condições:** Boa conducta civil e militar e aptidão physica comprovada em inspecção de saúde.

### B) CABOS

#### 1.º — FILEIRA, ESPECIALISTAS, EMPREGADOS, PESSOAL DOS SERVIÇOS DE INTENDENCIA E MATERIAL BELLICO.

- a) **Inicio:** O mesmo que dos soldados especialistas.  
 b) **Duração:** Dois annos, pois qualquer cabo da classificação acima só pode ter no maximo 5 annos de serviço (letra f do parag. 2.º do art. 42 do R. S. M. modificado e Aviso n.º 635

de 24-XI-936). Ora, contando 1 anno de serviço como voluntario ou sorteado, 2 para o engajamento, ficam 2 annos para o 1.º reengajamento, completando assim os 5 annos de serviço.

- c) **Fim:** O mesmo que os soldados especialistas.
- d) **Quantidade:** Só podem existir no efectivo de uma Bateria Esquadrão e Cia. de Inf. e Engenharia,  $\frac{2}{3}$  do efectivo total (Letra h do parag. 2.º do art. 42 do R. S. M. e aviso 149 de 1936).
- e) **Condições:** Boa conducta civil e militar, aptidão physica comprovada em inspecção de saúde, e possuir o curso de candidatos a Sargentos. (Letra f do parag. 2.º do art. 42 do R. S. M. mod. e Avisos 635 de 24-11-936).

## 2.º — MUSICOS, CORNETEIROS, CLARINS E ARTIFICES

- a) **Inicio:** O mesmo que o dos soldados especialistas.
- b) **Duração:** Idem.
- c) **Fim:** Idem.
- d) **Quantidade:** Idem.
- e) **Condições:** Bôa conducta civil e militar e aptidão physica comprovada em inspecção de saúde.

## C) S A R G E N T O S

### FILEIRA, ESPECIALISTAS, EMPREGADOS, ARTIFICES, MUSICOS, ETC.

- a) **Inicio:** o mesmo que o dos cabos.
- b) **Duração:** 3 annos (letra b) do art. 9.º do R. S. M. e aviso 12-6-934.
- c) **Fim:** Idem (o mesmo que o dos cabos).
- d) **Quantidade:** Só podem existir no efectivo de uma bateria, esquadrão e companhia de infantaria e engenharia,  $\frac{3}{4}$  do efectivo total de sargentos rengajados pela primeira vez. (letra a do parag. 2.º do art. 42 do R. S. M. modificado). Exemplo: Uma bateria tem no seu efectivo total 20 sargentos (3.º, 2.º e 1.º) de fileira, especialistas, etc. Destes sómente  $(20 \times \frac{3}{4}) = 14$  podem estar servindo como rengajados pela 1.ª vez (letra a do parag. 2.º já citada).

Segue-se sempre, para determinar-se quantos reengajamentos podem ser concedidos, o já estabelecido anteriormente.

Havendo mais candidatos do que vagas, procede-se a uma selecção (letra a do parag. 2.º do art. 42 já citado).

- e) **Condições:** Boa conducta civil e militar e aptidão physica comprovada em inspecção de saúde.

## SEGUNDO REENGAJAMENTO

### A) SOLDADOS

#### 1.º — FILEIRA E EMPREGADOS

Obedece o estabelecido para o 1.º reengajamento.

#### 2.º — ESPECIALISTAS, MUSICOS, CORNETEIROS, TELEGRAPHISTAS, ARTIFICES, PESSOAL DE SAU'DE E VETERINARIA.

- a) **Inicio:** O mesmo que o 1.º reengajamento.  
 b) **Duração:** 3 annos (letra b do art. 9.º do R. S. M.)  
 c) **Fim:** O mesmo que para o 1.º Reengajamento.  
 d) **Quantidade:** Idem.  
 e) Para os especialistas as mesmas estabelecidas para o 1.º reengajamento de especialistas, quanto aos demais, boa conducta civil e militar e aptidão physica comprovada em inspecção de saúde.

### B) CABOS

#### 1.º — FILEIRA, ESPECIALISTAS, EMPREGADOS, PESSOAL DOS SERVIÇOS DE INTENDENCIA E MATERIAL BELLICO.

Não podem ser reengajados pela 2.ª vez (letra f do parag. 2.º do art. 42 do R. S. M.), visto não poderem exceder de 5 annos de serviço.

#### 2.º — MUSICOS, CORNETEIROS, CLARINS E ARTIFICES

- a) **Inicio:** O mesmo que o do 1.º Reengajamento.  
 b) **Duração:** O mesmo que o do 2.º reengajamento de soldados especialistas.

- c) **Fim:** O mesmo que o do 1.º reengajamento.
- d) **Quantidade:** Idem.
- e) **Condições:** Idem.

### C) S A R G E N T O S

FILEIRA, ESPECIALISTAS, EMPREGADOS, ARTIFICES, MUSICOS, ETC.

- a) **Inicio:** O mesmo que o do 1.º reengajamento.
- b) **Duração:** 4 annos (aviso n.º 126 de 1934).
- c) **Fim:** O mesmo que o do 1.º Reengajamento.
- d) **Quantidade:** O mesmo que o do 1.º reengajamento, substituindo-se os  $\frac{3}{4}$  por  $\frac{2}{3}$  (letra b do parag. 2.º do art. 42 do R. S. M. mod.)
- e) **Condições:** Boa conducta civil e militar e aptidão physica comprovada em inspecção de saúde.

## TERCEIRO REENGAJAMENTO

### A) C A B O S E S O L D A D O S

Depois do 2.º reengajamento continuarão a servir por reengajamentos sucessivos, observando-se as condições estabelecidas, até a exclusão do exercito de 2.ª linha, isto é, até a idade de 44 annos, excepto os musicos, que servirão até completarem 25 annos de serviço — os que completaram 10 annos de serviço em 1934 — (Aviso 243 de 1935).

### B) S A R G E N T O S

FILEIRA, ESPECIALISTAS, ARTIFICES, EMPREGADOS E MUSICOS, ETC.

- a) **Inicio:** O mesmo que o de 2.º reengajamento.
- b) **Duração:** Idem.
- c) **Fim:** Idem.
- d) **Quantidade:** a mesma que para o 2.º reengajamento, substituindo-se os  $\frac{2}{3}$  por  $\frac{1}{2}$  (letra c do parag. 2.º do art. 42 do R. S. M. mod. e Aviso 126 de 1934).
- e) **Condições:** As mesmas que para o 2.º reengajamento.

**Observações:** Apezar de ser previsto para os Sgts o 3.º reengajamento, pela letra c do parag. 2.º do art. 42 citado, subsiste a duvida, pois ao terminar o 2.º reengajamento, já completaram 10 annos de serviço e por conseguinte (de acordo com a letra d do referido artigo) servirão independente de reengajamento. A presente duvida será tambem esclarecida.

Depois de completarem 10 annos de serviço, servirão independente de reengajamento, desde que satisfaçam as condições de boa conducta civil e militar e aptidão physica comprovada em inspecção, até completarem 25 annos de serviço (letra d do parag. 2.º do art. 42 R. S. M.).

### TERCEIRA PARTE

#### ENGAJAMENTO E REENGAJAMENTO ESPECIAL

Na exposição acima, estes não foram computados. São elles os seguintes:

- a) Nas formações e contingentes especiaes, será permittido a permanencia nas fileiras, por engajamentos successivos até  $\frac{2}{3}$  do effectivo de praças, desde que o interessado não exceda de 9 annos de serviço e satisfaça os requisitos de valides physica comprovada cuidadosamente e tenha boa conducta. Os graduados e especialistas dessas formações têm os seus engajamentos regulados pelo Decr. 19507 de 18-XII-930 (Aviso 149 de 26-3-36).
- b) A' matricula nas Escolas ou cursos de sargentos corresponderá um previo compromisso de engajamento por 5 annos e, quanto aos engajamentos posteriores, serão concedidos de acordo com o R. S. M. (atr. 22 da Lei do Ensino Militar — Dec. 23.126 de 21-VIII-33).
- c) Os Sargentos possuidores do Curso de Equitação Especial serão engajados até completarem 45 annos de idade, desde que satisfaçam as condições de aptidão physica e boa conducta (Aviso 572 de 1935).

As praças pertencentes aos estabelecimentos, repartições e diversos orgãos de instrucción, a que se refere a presente lei,

serão engajadas e reengajadas; os sargentos devem possuir pelo menos 3 anos de serviço nos corpos de tropa da arma de origem e os cabos 1 anno nos respectivos postos. (Art. 59 da Lei do O. Q. E. e Dec. 24.287 de 24-V-34).

A's unidades escolas não se extendem as exigencias da ultima parte do art. 59; serão constituidas de praças engajadas e reengajadas dos corpos de tropa da arma correspondente, podendo receber 40 % de voluntarios e conscriptos. (Art. 60 da lei de O. Q. E. E. e decreto supra).

## ENGAJAMENTO E REENGAJAMENTO DE RESERVISTAS

### (1.ª Categoria)

- a) Prohibido para os corpos de tropa, visto não estar amparado na legislação em vigor (Aviso n.º 3 de 1932). Excepção feita ao 1.º G. O. (Aviso 91 de 2-VII-935), ao Parque Central e ao Deposito Central de Aviação (Aviso 700 de 7-12-35).
- b) Permitido para os contingentes especiaes, escoltas de divisão de brigada e grupamento (Aviso 173 de 7-3-34 e art. 43 do R. S. M. e aviso 247 de 20-4-35) — observando-se o estabelecido no aviso 149 de 23-3-36.

## ALGUMAS DISPOSIÇÕES

- a) Ficam suspensos os engajamentos e reengajamentos para fóra das corporações dos interessados (Aviso 835 de 23-12-31).
- b) Não devem ser aceitos como engajados reservistas casados e nem ser permitido em consequencia o casamento depois de incluido. (Aviso 508 de 31-7-35).
- c) Poderão reengajar-se sómente as praças casadas em data anterior ao aviso 508, devendo ser excluidas as que hajam casado ou fossem casadas quando engajadas após aquella data (Aviso 396 de 24-6-35).
- d) Para as praças que possuem o C. I. T. R. — não é obrigatorio o reengajamento por 5 annos exigido para a matricula, mas

sim o tempo de serviço fixado pelo R. S. M. (Aviso 261, pg. 1167 — Bol. Ex. n.º 70).

- e) **Permanencia de praças** — Voluntarios de contingentes especiaes, podem servir sem tempo determinado.

### ENGAJAMENTOS E REENGAJAMENTOS NOS CONTINGENTES ESPECIAES

**Inicio** — Da data da publicação.

**Duração** — De 3 annos, podendo haver novas concessões de reengajamento, mas até completar 9 annos de serviço (exetuando os graduados, especialistas e especialisados de qualquer natureza, cuja permanencia continuará assegurada até sua exclusão para o Exercito de 2.ª linha (Avisos n.º 140 de 23-III-36, 593 de 5-II-36 e 661 de 5-XII-36).

**Quantidade** — Os contingentes compõe-se-ão de  $\frac{2}{3}$  de praças engajadas e outro terço de praças voluntarias (reservistas de 1.ª categoria e sorteados — Avisos 149, 593 e 661, citados. Exemplo: um contingente de 60 praças, terá 40 engajadas e 20 voluntarias.

**Vencimentos e outras vantagens** — Das praças engajadas e reengajadas são os de praças engajadas e reengajadas e das voluntarias as estabelecidas para o voluntario (aviso 661 citado).

As praças voluntarias poderão passar para a situação de engajadas quando houver vaga nos  $\frac{2}{3}$ , recebendo nesta classificação todas as vantagens;

Exemplo: — No contingente citado, (40 praças engajadas e reengajadas) duas praças foram excluidas; logo passarão duas das 20 voluntarias para engajadas, sendo aceitos dois reservistas para a classe de voluntarios.

**Fim** — No primeiro periodo de instrução. (Aviso 5 de 31-10-36). As praças poderão servir sem tempo após o tempo de serviço, com as vantagens do voluntariado (Aviso 329 de 10-6-36).

**Excepção** — feita aos contingentes de fronteiras que obedecem ao R. S. M.

## Secretario de A DEFESA NACIONAL

Por ter preferido servir no E. M. da 8.<sup>a</sup> R. M., deixou o cargo de Secretario da revista o Capitão **Lima Figueirêdo**.

**Lima Figueirêdo**, nos seus dois annos e meio de secretariado, foi a columna mestra do exito da revista. Nella imprimio os traços marcantes de sua grande personalidade: -- espirito esclarecido e lucido, servido por cultura polymorpha e invulgar, dedicado á profissão como poucos, conhecedor perfeito da tarefa do jornalista e dotado de inexgotavel capacidade de trabalho. Muito e muito lhe deve a "Defesa" na phase renovadora, iniciada em 1935 e todos os nossos leitores e colaboradores tambem lhe são devedores pelo carinho com que elle procurava attender ás necessidades de uns e aos desejos de outros, conscio das responsabilidades da revista para com todo o Exercito.

Por isso fazemos publico dos nossos sinceros agradecimentos ao digno camarada, que mesmo de longe continuará a trabalhar muito pela "A Defesa" e estamos certos que os nossos leitores e colaboradores nos acompanharão de boa mente nesses sentimentos.

---

Em sessão de 2 do corrente do Conselho de Administração de "A Defesa Nacional" foi eleito secretario da revista, em substituição a Lima Figueirêdo, o Capitão Aluizio de Miranda Mendes, auxiliar do ensino da Escola de Estado Maior e um dos nossos antigos colaboradores.

O Capitão Aluizio está desde então em função.

# COMPANHIA ACUMULADORES PREST-O-LITE

Prest-o-lite Battery Co. Inc. New York

Fabrica e Escriptorio — Rua 21 de Abril, 39

Telephone 9-2895 — Caixa Postal, 2302

São Paulo-Brasil — Endereço Telegraphico "C A P" — São Paulo



#### DISTRIBUIDORES

Mestre e Blagé - Rio, S. Paulo, B. Horizonte, P. Alegre  
Irmãos Abonchar - S. Paulo e Santos  
S. A. Kimmel - Rua Pedro Ivo — Curyba  
Vieira da Cunha - Praça Barão Lucena-Recife-Pernambuco

## BALANÇAS

Para qualquer fim

## FILIZOLA

Fabrica fundada em 1896

**Av. Vantier, 49 - S. PAULO**



Saudando em V. Ex., a distinta classe militar da Nação, collocamos ao seu dispôr a nossa Matriz em S. Paulo e a nossa filial no Rio para tudo o que se relacione com *Vestuários em geral, Moveis, Tapetes, e todos os artigos indispensaveis ao conforto e belleza do lar.*

**MAPPIN STORES**

— A Sua Casa Predilecta —

**S. Paulo**  
P. Patriarcha, 2

**Rio de Janeiro**  
Rua Botafogo, 360

**INDUSTRIA E COMMERCO DE TECIDOS**

**Varam, Gasparian & Cia.**

**Panos militares em geral**

**Tecelagem: Rua Taquary, 155**

**Fiação de lã penteada**

**Rua Lopes Continho, 315**

**SÃO PAULO**



## MOINHO INGLEZ

RIO DE JANEIRO

MOINHOS DE TRIGO

FÁBRICAS DE TECIDOS

Av. Rio Branco, 1000

tel. 24-1400/3

CAIXAS POSTAIS

466-740

EM TANCS. "EPIDERMIST"

ESCRITÓRIOS  
Rua da Quitanda, 106-110  
Tel. 23-2130

# PRODUÇÃO DIÁRIA 15000 SACOS

UNICO DISTRIBUIDOR DE

BISCOITOS

**AYMORE**



MASSAS

**AYMORE**

SEÇÃO DE VENDAS:

FARINHAS: 23-1081 BISCOITOS, MASSAS: 23-2732

**C. Mechanica e Importadora de S. Paulo.**

**Officinas Metallurgicas  
e Mechanicas**

**FABRICACÃO DE MACHINAS  
PARA QUALQUER PRODUCTO**

**RIO DE JANEIRO**

R. da Alfandega, 34  
TEL. 23-1655

**SÃO PAULO**

Rua Boa Vista, 1  
TEL. 2-7185

**SANTOS**

R. Sen. Feijó, 39  
TEL. 2315

**Fabrica de Casimiras Kowarick**

**F. KOWARICK & C.**

**GRANDE PREMIO NAS EXPOSIÇÕES NACIONAIS DE 1908 E 1922**

**Fabrica na Estação de Santo André  
(EST. DE SÃO PAULO)**

**Escriptorio : S. PAULO - Rua 3 de Dezembro, 17-2.<sup>o</sup>  
Caixa do Correio, 66 — Telephone : 2-1776**

**Endereço Telegraphico : BERKO**

**CODIGOS: A. B. C. 5.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> EDIÇÃO, RIBEIRO, BORGES, MORSE E MASCOTE**

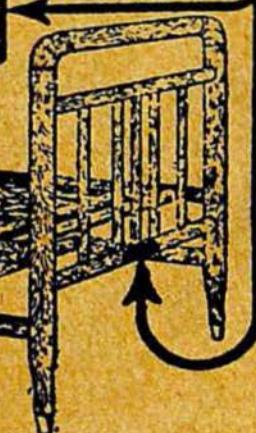
**Panos Militares para Officiaes  
de qualquer typo**

A CAMA ADOPTADA PELOS QUARIEIS:  
HYGIENICA — RESISTENTE — CONFORTAVEL

NAS SUAS COMPRAS PREFERAM SEMPRE A  
"CAMA-PATENTE"



COM ESTA MARCA



MATRIZ: Rua Rodolpho Miranda, 2 — SÃO PAULO

Telegrammas: LISBRUNO — SÃO PAULO

Pilares: Rio de Janeiro — Belo Horizonte — Porto Alegre — Bahia — Recife

### Grande Fabrica de Móveis e Serraria Portonovense

Comércio de Madeira em alta escala

Dispõem de modernos processos de secagem de madeira.

Appropriada oficina para execução de esquadrias

**JOSÉ MERCADANTE & Cia.**

**PORTO NOVO — Telephone 83 — Minas**

Escriptório no Rio: Rua Theophilo Ottoni, 113 — Phone 43-5225 e 43-5825

Representantes da Sociedade Anonyma Fabrica de Papel Santa Maria

### FERNANDO HACKRADT & CIA.

Representantes

**SÃO PAULO**  
R. São Bento, 217  
2.º andar  
Caixa Postal 948

do  
SYNDICATO DO  
AZOTO  
Berlim (Alemanha)

**RIO DE JANEIRO**  
Rua São Pedro, 45  
Caixa Postal 1633

**ADUBOS CHIMICOS E ORGANICOS**



MEDALHA DE OURO TORINO, 1911

GRANDE PREMIO

ROSARIO DE STA. FÉ, 1926

GRANDE PREMIO

RIO DE JANEIRO 1922

Carmeiras, Pelicas, Mestiços, Vaquetas, Bezerros,  
Chromo, Buffalo, Portos, Solas, Raspas, Vernizes, etc.

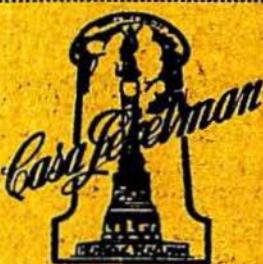
## CORTUME FRANCO-BRASILEIRO

SOCIEDADE ANONYMA

End. Tel. "FRANBRA" — Códigos: "Ribeiro"  
A. B. C 5th. - A. Z.

São Paulo: Avenida Água Branca, 170  
Caixa Postal, 2 J — Phones 5-2174 - 5-2175 - 5-2176

AGENCIAS: RIO DE JANEIRO — MINAS GERAES  
PARANA — RIO GRANDE DO SUL  
BAHIA — PERNAMBUCO — PARÁ



MOVEIS MODERNOS DE TODOS OS ESTILOS  
CONGOLEUM "SELLO DE OURO"  
LINOLEUM LANCASTER  
Tapeçaria em geral  
IMPORTAÇÃO DIRECTA  
HENRIQUE PEKELMAN  
TELEFONE: 5-4437  
DEPÓSITO: Rua Maria Thereza, 39A a 39B  
Largo do Arouche, 82, 84 e 86 (Esquina da Rua Maria Thereza) — SÃO PAULO —

## As Lonas "LOCOMOTIVA"

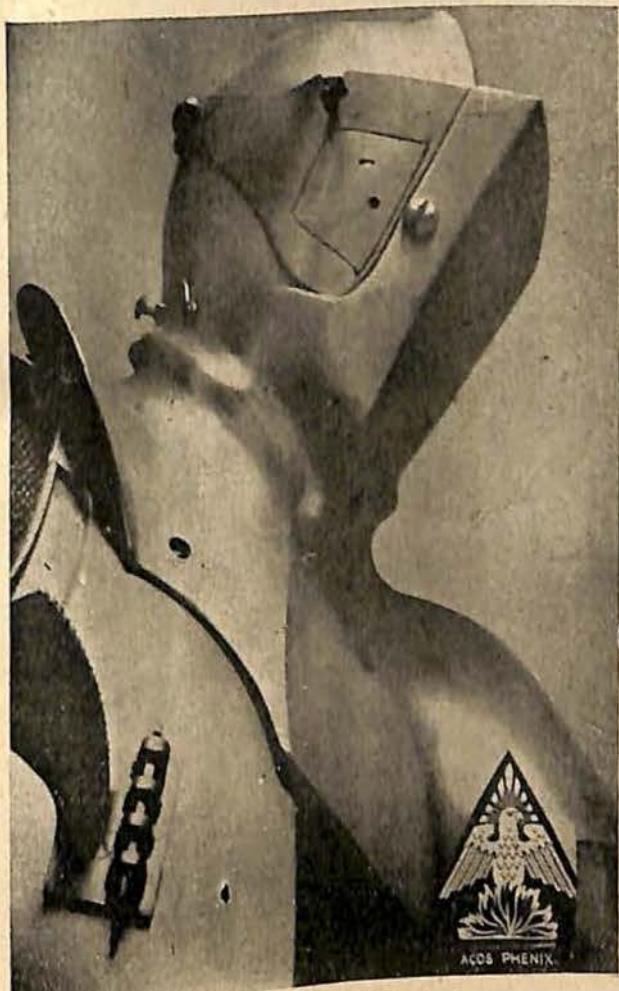
são as únicas verdadeiramente impermeáveis.

Exijam esta marca.

São Paulo Alpargatas Company

# AÇOS PHENIX

Os aços de responsabilidade para todos os fins.  
USINAS DE AÇO SCHOELLER BLECKMANN STAHLWERKE A. G. AUSTRIA



Unicos e exclusivos representantes :

Panmental Sociedade Technica Ltda.

RUA SÃO PEDRO, 120 — TELEPHONE 43-4609 — RIO DE JANEIRO

São Paulo: União de Máquinas Ltda. — Rua Florencio de Abreu, 88

Porto Alegre: Alberto Wenigastver :—: Rua Dr. Flores, 349

# VARTA ACCUMULATOR

ACCUMULADORES ESPECIAES PARA  
AVIÕES  
CARROS DE ASSALTO  
SERVIÇO DE CAMPO

Accumuladores Cadmio — Nickel  
DE AC para todos fins

**VARTA DO BRASIL LTDA. - Av. Graça Aranha, 49**  
Edificio Castello — Telep. 42-2878 — Rio de Janeiro

## CASA CONTEVILLE

FUNDADA EM 1854

RIO DE JANEIRO

Machinas para officinas mechanicas = Carrinhos e elevadores,  
« BARRETT » para almoxarifados  
REBOLOS « NORTON »

INSTALAÇÕES COMPLETAS PARA FABRICAÇÃO DE:  
OLEUM, ACIDO SULFURICO, SULFATOS ALCALINOS,  
ACIDO CHLORHYDRICO, SULFURETO DE CARBONO,  
OXYGENIO E ACETYLENO  
REPRESENTANTES DE:

**RHEINMETALL - BORSIG. A. S. - Duesseldorf**

Aços de todas as qualidades e para todos os fins.

**KIRCHNER & C.º - Leipzig.**

Serras e Machinismo completos para trabalhar madeira.

Correspondencia: Rua da Alfandega, 94-98

Telephones: 23-0311 23-3824 e 23-0410

FÁBRICA DE BALANÇAS: Rua Gothenburg 14-16-Tel. 28-6975

# CASAS Antoine GROS

MATRIZ São Paulo Rua Visconde do Rio Branco 616  
FILIAL " Praça da Rep. 16 Posto de Serviço  
" " Av. Rangel Pestana 2140 - id.  
Santos Rua Senador Feijó 208 - id.

PNEUS NOVOS Das Melhores Marcas

SUPER RECAUTCHUTAGEM com garantia de 15.000 kilos

ACCUMULADORES "Antoine GROSS"

AJUSTE DE FREIOS e renovação das Iona-

SERVIÇOS DE ELECTRICIDADE

LAVAGENS E LUBRIFICAÇÃO "Mobiloil"

ACCESSORIOS EM GERAL

FABRICA DE BORRACHA

ARTEFACTOS Para vulcanisadores

OS POSTOS  
DE  
SERVIÇOS  
FICAM  
ABERTOS  
SEM  
INTERRUPÇÃO

NOTA: Os senhores Assignantes da Revista "A DEFESA NACIONAL" gozam de preços excepcionais em toda Nossas CASAS.

## Superioridade Provada

**D**Os products Atlantic provam a sua superioridade na estrada, com factos. É a victoria de Toms River, onde 6 carros fizeram quasi 1.000.000 de kls. sem falhas no motor e sem qualquer limpeza de carvão, acaba de ser confirmada, aos olhos dos brasileiros, pelo triumpho impressionante de Coppoli e Caru' no Circuito da Gavea. Os products Atlantic significam economia e protecção sem igual para o seu carro.

# ATLANTIC

Gazolina — Motor Oil — Lubrificação

# PAES

Para alimentação  
de seus filhos

exigi de seu fornecedor :

## Leite Condensado "VIGOR"

O de maior rendimento  
e o mais puro.

## Sociedade Commercial e Constructora Ltda.

Architectos -- Engenheiros -- Empreiteiros -- Constructores

**SÃO PAULO**

Rua Libero Badaró, 51 -- Sob.

8. Andar - Telephones 2-4195 2-4196

Companhias Francezas de Navegação Chargeurs Réunis et Sud-Atlantique

Serviço de Passageiros — Viagens extra rápidas pelo luxuoso paquete

"MASSILIA"

Serviço postal rápido pelos paquetes tipo "ILHAS" conforto, segurança, coxinhas e vinhos afamados

2 saídas por mês do Rio de Janeiro para a Europa. 2 saídas por mês do Rio de Janeiro para o Rio da Prata

PARA INFORMAÇÕES, DIRIGIR-SE

AGÊNCIA GERAL DO RIO DE JANEIRO

AVENIDA RIO BRANCO, 11-13 — Caixa Postal 346 — Tel. 23-1965

SANTOS: Rua 15 de Novembro, 186 São Paulo: Rua S. Bento, 33-A  
TEL. 2-009

## Salitre do Chile

(nitrato de sodio 99, 2%) para agricultura  
e para industria.

Agentes: Arthur Vainna & Cia. Ltda.

todos os materiaes para lavoura.

Rua S. Bento, 100  
SÃO PAULO

Rua da Alfandega, 59  
RIO DE JANEIRO

**HAUPT & CO. - RIO DE JANEIRO**

RIO DE JANEIRO  SÃO PAULO  
FUNDADA EM 1823

**Artilharia — Munição — Polvoras.**

Representantes de:

**ANTIEBOLAGET BOFORS**

**BOFORS - SUECIA**



## Uma das 5 qualidades essenciaes a um lubrificante perfeito

O automobilista devorando kilometros multiplica progressivamente o consumo do oleo. O calor produzido pela velocidade torna mais fina a pellicula do lubrificante. E, ao afluir com abundancia, muito oleo passa á camera de conibustão onde se queima. Isto constitue, com os derrames, a causa principal do excessivo consumo de oleo na grande velocidade.

Não desperdiçará oleo, com ESSOLUBE, porque seu "corpo" lhe permite resistir a altas temperaturas, sem volatizar-se inutilmente. ESSOLUBE circula sempre, e não se perde.

Se outro oleo annuncia condição identica, pode carecer de algumas das outras qualidades de ESSOLUBE, não menos importantes. ESSOLUBE possue todas as cinco propriedades que a sciencia affirma como essenciaes a uma lubrificação correcta.

Na proxima vez que necessitar de oleo, encha o carter com Essolube. Observe sua protecção e rendimento.



COMPENSA USAP

# Essolube

O "AZ" DOS LUBRIFICANTES



STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL

## Accumuladores "WILLARD"

usado nos serviços de transporte do Exercito e Marinha.

## Motocycletas "INDIANA"

usada pela Directoria de Transito de S. Paulo.

## Geradores "PIONER E BLUE DIAMOND"

para fornecimentos de luz e carregar baterias em campanha.

**DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO — HORACIO M. LANE  
Rua Pedro Americo, 32-C. Postal, 1658  
S. PAULO**

Entre as 70 entidades de Aviação Militares e Commerciaes, espalhadas por todo o mundo, que usam os lubrificantes da Socony-Vacuum Oil Company, Inc., destaca-se a

**AVIAÇÃO MILITAR BRAZILEIRA**



# **Mobil oil**

AERO OILS

**Productos da :**

**SOCONY-VACUUM OIL COMPANY, INC., N. YORK**

**Agentes exclusivos: Theodor Wille & Cia. Ltda.**

**Avenida Rio Branco, 79/81 — Rio de Janeiro**



# A S/A Fabricas "ORION"

FUNDADA EM 1898

PRODUZ

## Os melhores artefactos de borracha

Rua Joaquim Carlos, 91  
SÃO PAULO

## Ceskoslovenská Zbrojovka

AKC.

SPOL.

BRNO.

Fabrica Tchecoslovaca de Armas S. A.  
Brno. — TCHECOSLOVACIA

C. Z.

Fabricantes de fuzis,  
metralhadoras  
e munições

# Oleo Combustivel (FUEL OIL)

para fornos e fornalhas

# Oleo Diesel

Para motores de combustão interna

# Qan - Am Motor Oil

ECONOMIA SEGURANÇA

CONSERVAÇÃO UNIFORMIDADE

Kerozene

Gazolina

# The Caloric C°

Avenida Presidente Wilson, 118 — Tel. 22-5133

— RIO DE JANEIRO —

A' venda na "A Defesa Nacional"

## Quadros Muraes

do Dr. Carlos Alberto Gonçalves

## O Brasil com todos os seus productos

Auxiliar poderoso da instruccion geral

Preço: 25\$000



## FEIRA INTERNACIONAL DE AMOSTRAS

LEIPZIG -:- ALLEMANHA



A EXPOSIÇÃO que concentra para seis dias 220 MIL VISITANTES, representantes de comércio alemão e estrangeiro, e 20 MIL EXPOSITORES duas vezes por ano — principios de Março e fins de Agosto.

EXPOSIÇÕES ESPECIAES em halls das recentes invenções industriais e de máquinas modernas, de máquinas ultramodernas para construções civis, técnicas e de estradas de rodagem.

Em 23 palácios da Feira do Centro da Cidade e em 17 pavilhões da grande Feira Técnica, num terreno de uns 300.000 m. q., expõem-se centenas milhares de amostras.

Delegado Oficial no Brasil da Feira de Leipzig:

Av. Rio Branco, 69/77-2.º-sala 11

— T. H. K A M P S —

Caixa Postal 1597 — Rio de Janeiro

# A DEFESA- NACIONAL

12

é do Exercito.

Trabalhar para ella

é trabalhar pelo

Exercito.

---

Mandem suas colaborações

Bolos e Doces só de sabor inegalável

com a

# FARINHA

# “ESPECIAL” DO MOINHO FLUMINENSE S.A.



em  
saquinhos  
de  
5 kg



## Proteger a Indústria Nacional é operar para a grandeza do Brasil



## INDANTHREN

Tem-se applicado para tingir o BRIM VERDE OLIVA, a tricoline cinzenta, a MESCLA e as LONAS. para o uso do EXERCITO E MARINHA  
Os corantes

## INDANTHREN

— As cores dos tecidos tintos com —

## INDANTHREN

Satisfazem plenamente as condições de solidez e  
resistencia exigidas pelos Ministerios da Guerra e  
Marinha



Brasão de Armas da Marca Roechling



Brasão de Armas da Marca Buderus

# Aços Roechling

Aços finos de maior rendimento para todos os fins  
e ferramentas, arames e chapas de aço

## Instalação de tempera

Aços Roechling Buderus  
do Brasil Limitada

### RIO DE JANEIRO

Rua General Camara, 136  
Teleph. 23-5742  
Caixa Postal, 1717  
End. Telegr. ROECHLING

### SÃO PAULO

Rua Florencio de Abreu, 65  
Teleph. 2-3441 e 2-3442  
Caixa Postal, 3928  
End. Telegr. ROECHLING

AVENIDA JULIO DE CASTILHOS, 265  
(Esquina da Praça Visconde Rio Branco)  
Caixa Postal N. 563  
Endereço Telegraphico: «ROECHLING»  
Telephone 50.59

PORTO ALEGRE

# CASA BROMBERG

Bromberg & Cia.

SÃO PAULO

Caixa Postal 756



Machinas e aços das usinas "KRUPP", Essen. — Oleos e graxas da "SUN OIL COMPANY", Philadelphia. — Frezas, brocas, alargadores, machos, etc., de "R. STOCK & C.", Berlim. — Gachetas e armações para vapor. — Serras para metal e madeira marca "CÃO". — Correia de couro nacional e estrangeira, correia balata "LINDA", correia de lona e borracha laminada marca "BULL DOG" e "O PODEROSEN". —

Artigos para Galvanoplastia. — Rebolos "ALEGRITE", para aço. — "CARBORUNDUM", para ferro. — Esmeril e outros artigos para machinas de arroz. — Moinhos. — Enxadas "AGUIA", e "COLONO". — Machados "COLLINS". — Pulverisadores "COLONO". — Ferragens e ferramentas para todos os fins. — Limas

"CAVEIRA". — Arsenico. — Verde Paris venenoso. — Arseniato de chumbo. — tintas. — Oleo de linhaça. — Artigos sanitarios. — Connexões. — Tubos galvanizadores. — Arame de todos os typos. — Telhas de zinco. — Chapas galvanizadas e pretas. — Arados "RUD SACK" e "O PODEROSEN". — Material agricola em geral. — Artigos para apicultura.

Machinas para matar formigas "COLONO". — Formicidas. — Motores electricos. — Dynamos. — Fita insolunte "LEADER". — Material electrico em geral. — Machinas e accessorios para o ramo graphico. — Typos allemaes "SCHELTER & GIESECKE". — Machinas em geral, para todas as instalções e officio.



Filial no RIO

Rua Gen. Camara, 37

Caixa Postal, 690



“UM PRODUCTO DA  
S. A. FÁBRICA VOTORANTIM  
Rua 13 de Novembro, 47 - Phone 2-5144  
SÃO PAULO”

**N**AS construções em que o senhor entra com a sua responsabilidade, lembre-se que a qualidade do material é a garantia única da exactidão dos seus cálculos.

Empregue, sempre, um material de confiança absoluta: Empregue **CIMENTO VOTORAN**.

Pureza, homogeneidade, resistência.

**O CIMENTO VOTORAN SE ENQUADRA  
NAS MELHORES ESPECIFICAÇÕES  
EUROPEAS E NORTE AMERICANAS**

# **“BOYES”**

SOCIEDADE ANONYMA  
**SÃO PAULO**

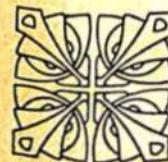
Escriptorio: RUA BOA VISTA, 1 — 10.<sup>o</sup> andar  
Caixa Postal, 335 — Telephone: 2-1574  
Telegr.: BOYES — Codigos: Ribeiro, Bentley's  
— e Mascoffe, 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> edição —

---

## Fabrica S. Bernardo

**Santo André**

Telephone 216



## Fabrica Arethusina

**PIRACICABA**

Telephone, 18

---

## **Tecidos Brancos e Tintos Brins, Xadreses**

**Algodãoosinhos de todos os tipos lisos  
e trançados, cobertores e flan. de  
algodão, pannos para colchões, etc.**

# C. I. "Souza Noschese" S/A.

Fabricantes de artigos sanitarios  
e domesticos

**São Paulo - Rua Julio Ribeiro, 243**  
**TELEGRAMMAS: FUNDIÇÃO -- Cx. Postal 920**

**Tels. 9-0378 Vendas**  
**9-0379 Contabilidade**  
**9-2167 Compras**

**Loja - Rua Libero Badaró 580**  
**Tel. 2 - 2966**

---

**FILIAL EM SANTOS:**

**Rua João Pessoa, 138 -- Tel. 2055**

---

Representante no Rio de Janeiro:

**A. SOUZA NOSCHESE**  
**Rua General Camara, 134 -- Tel. 23-1079**



**Lamina Gillette Azul**  
a mais resistente e economica!

# Gillette



TELEGRAMMAS  
"METALMA"

CODIGOS :  
Borges, Ribeiro, Liebes e Mascotte  
1.ª e 2.ª E

**Metallurgica Matarazzo S/A**

Rua Carneiro Leão, 439

PHONES: 2-9664—2-9106

Calxa Postal, 2.400

**Secção Metallgraphica**

Lataria branca e lytographada de todos os typos e para  
todos os fins desejados. Cartazes lytographados  
para reclames, etc.

**Secção Brinquedos**

Fabricação em larga escala de brinquedos de folha de  
flandres litographadas, simples, com corda, etc.

**Secção Artefactos de Aluminio**

Modernas instalações para fabricação de todo e qualquer  
artefacto de aluminio.—Fabricantes das afamadas marcas

"Rochedo", "Imperador" "Matarazzo" "Combate" e "Martello"

# CASA DODSWORTH **MANFREDO COSTA & CIA.**

IMPORTADORES

ENGENHEIROS CIVIS, ELECTRICISTAS E HYDRAULICOS

SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO — BRASIL

## Secção de Machinas e Material Ferroviario

REPRESENTANTES DE:

Associação de Fabricas de Tornos "V. D. F."

Gebr. Boehringer G. m. b. H., Goeppingen

Franz Braun A. G., Zerbst

Heidenreich & Harbeck, Hamburg

H. Wolhenberg K. G. Hannover

*Tornos rapidos "Standard - V. D. F." — Tornos revolver e automaticos — Machinas para frezar engrenagens — Plainas para engrenagens — Plaina de mesa a um e dois montantes — Tornos frontaes — Machinas de furar radial — Machinas especiaes*

Maschinenfabrik Weingarten, Weingarten

*Tesouras, Prensas e Puncções*

Wilhelm Hegenscheidt A. G., Ratibor

*Tornos para rodeios de vagões e locomotivas*

Friedrich Schmaltz G. m. b. H., Offenbach

*Machinas para rectificar*

Wanderer - Werke A-G, Chemnitz

*Frezas de precisão de qualquer typo*

Les Ateliers Métallurgiques S-A, Nivelles & Les Usines,

Forges et Fonderies de Haine, St. Pierre

*Locomotivas, carros passageiros, vagões de carga — Material Ferroviario em geral — Pontes e superestructuras metallicas*

*Machinas de solda A E G — Electrodos FREDOTTI*

*Importadores de material para alta e baixa tensão — Material telephonico — Chaves desligadoras — Fios e cabos para electricidade — Escovas de carvão para dynamos e motores — Especialidades electricas — Fábricação*

R. VISCONDE DE INHAUMA, 62

End. Telegraphico: DOSRIO Telephones 23-4589 e 23-2757  
RIO DE JANEIRO

Matriz — São Paulo: Rua Bôa Vista, 82



Accumuladores electricos  
para todas as applicações



## **Electrochimica Saturnia S/A**

**Rua Ministro Ferreira Alves, 48  
- SÃO PAULO -**

**A MAIOR FABRICA DE ACCUMULADORES DA AMERICA LATINA**

### Fabrica de Casimiras Kowarick

# **F. KOWARICK & C.**

**GRANDE PREMIO NAS EXPOSIÇÕES NACIONAIS DE 1908 E 1922**

**Fabrica na Estação de Santo André  
(EST. DE SÃO PAULO)**

**Escriptorio : S. PAULO - Rua 3 de Dezembro, 17-2.<sup>o</sup>**

**Caixa do Correio, 66 — Telephone : 2-1776**

**Endereço Telegraphico : BERKO**

**CODIGOS: A. B. C. 5.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> EDIÇÃO, RIBEIRO, BORGES, MORSE E MASCOTE**

**Panos Militares para Officiaes  
de qualquer typo**

**Cia Mechanica e Importadora de S. Paulo.**

**Officinas Metallurgicas  
e Mechanicas**

**FABRICAÇÃO DE MACHINAS**  
**PARA QUALQUER PRODUCTO**

**RIO DE JANEIRO      SÃO PAULO      SANTOS**  
R. da Alfandega, 34      Rua Boa Vista, 1      R. Sen. Feijó, 39  
TEL. 23-1655      TEL. 2-7185      TEL. 2315

**INDUSTRIA E COMMERCIO DE TECIDOS**

**Varam, Gasparian & Cia.**

**Panos militares em geral**

**Tecelagem: Rua Taquary, 155**

**Fiação de lã penteada**

**Rua Lopes Coutinho, 315**

**SÃO PAULO**

# CASA CONTEVILLE

FUNDADA EM 1854

RIO DE JANEIRO

Machinas para officinas mechanicas = Carrinhos e elevadores,  
« BARRETT » para almoxarifados

REBOLOS « NORTON »

INSTALLAÇÕES COMPLETAS PARA FABRICAÇÃO DE:  
OLEUM, ACIDO SULFURICO, SULFATOS ALCALINOS,  
ACIDO CHLORHYDRICO, SULFURETO DE CARBONO,  
OXYGENIO E ACETYLENO

REPRESENTANTES DE :

**RHEINMETALL - BORSIG. A. S. - Duesseldorf**

Aços de todas as qualidades e para todos os fins.

**KIRCHNER & C.º - Leipzig.**

Serras e Machinismo completos para trabalhar madeira.

Correspondencia: Rua da Alfandega, 94-98

Telephones: 23-0311 23-3824 e 23-0410

FÁBRICA DE BALANÇAS: Rua Gothenburg 14-16-Tel. 28-6975

# VARTA ACCUMULATOR

ACCUMULADORES ESPECIAIS PARA  
AVIÕES  
CARROS DE ASSALTO  
SERVIÇO DE CAMPO

Accumuladores Cadmio — Nickel  
DEAC para todos fins

**VARTA DO BRASIL LTDA. - Av. Graça Aranha, 49**

Edificio Castello — Telep. 42-2878 — Rio de Janeiro

Os Artefactos  
de  
Borracha



MERECEM A MAXIMA CONFIANÇA PORQUE  
SÃO FABRICADOS COM A MELHOR  
BORRACHA BRASILEIRA

**SIA FABRICA "ORION"**  
FUNDADA EM 1898  
Rua Joaquim Carlos, 91  
SÃO PAULO

**COMPANHIA ACUMULADORES PREST-O-LITE**  
Prest-o-lite Battery Co. Inc. New York

Fabrica e Escriptorio — Rua 21 de Abril, 39  
Telephone 9-2895 — Caixa Postal, 2302  
São Paulo-Brasil — Endereço Telegraphico "CAP" — São Paulo

**Prest-O-Lite**  
Storage  Battery

DISTRIBUIDORES

Mestre e Blagé - Rio, S. Paulo, B. Horizonte, P. Alegre  
Irmãos Abonchar - S. Paulo e Santos  
S. A. Kimmel - Rua Pedro Ivo — Curyba  
Vieira da Cunha - Praça Barão Lucena-Recife-Pernambuco



Carneiras, Pelicas, Mesticos, Vaquetas, Bezerros,

Chromo, Buffalo, Porcos, Solas, Raspas, Vernizes, etc.

## CORTUME FRANCO-BRASILEIRO

SOCIEDADE ANONYMA

MEDALHA DE OURO TORINO, 1911

End. Tel. "FRANBRA" — Codigos: "Ribeiro"  
A. B. C 5th. - A. Z.

GRANDE PREMIO  
ROSARIO DE STA. FÉ, 1925

GRANDE PREMIO  
RIO DE JANEIRO 1922

São Paulo: Avenida Agua Branca, 170  
Caixa Postal, 2 J — Phones 5-2174 - 5-2175 - 5-2176

AGENCIAS: RIO DE JANEIRO — MINAS GERAES  
PARANÁ — RIO GRANDE DO SUL  
BAHIA — PERNAMBUCO — PARÁ

## Superioridade Provada

**O**S productos Atlantic provam a sua superioridade na estrada, com factos. É a victoria de Toms River, onde 6 carros fizeram quasi 1.000.000 de kls. sem falhas no motor e sem qualquer limpeza de carvão, acaba de ser confirmada, aos olhos dos brasileiros, pelo triumpho impressionante de Coppoli e Caru' no Circuito da Gavea. Os productos Atlantic significam economia e protecção sem igual para o seu carro.

# ATLANTIC

Gazolina — Motor Oil — Lubrificação



Saudando em V. Ex., a distinta classe militar da Nação, collocamos ao seu dispôr a nossa Matriz em S. Paulo e a nossa filial no Rio para tudo o que se relacione com *Vestuários em geral, Moveis, Tapetes, e todos os artigos indispensaveis ao conforto e belleza do lar.*

**MAPPIN STORES**

— **A Sua Casa Predilecta —**

S. Paulo  
P. Patriarcha, 2

Rio de Janeiro  
Rua Botafogo, 360

# Sociedade Commercial e Constructora Ltda.

Architectos -- Engenheiros -- Empreiteiros -- Constructores

**SÃO PAULO**

**Rua Libero Badaró, 51 -- Sob.**

**8. Andar - Telephones 2-4195 2-4196**

# COM UM MOTOR

## as Vantagens de 2!

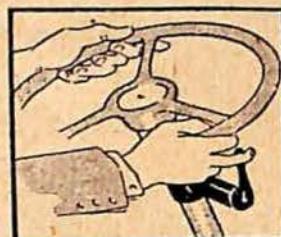
Diferencial Duplo, novo equipamento facultativo, oferece economia máxima sem sacrifício da potência.

INDO um Chevrolet não preciso ter dois carros, um motor grande, para alta cia, outro, com motor menor trabalhar com economia. O Chevrolet, que sempre tinguiu pela reunião dessas inades, é agora ainda mais joso, com o novo Diferencial Duplo (equipamento facultativo).

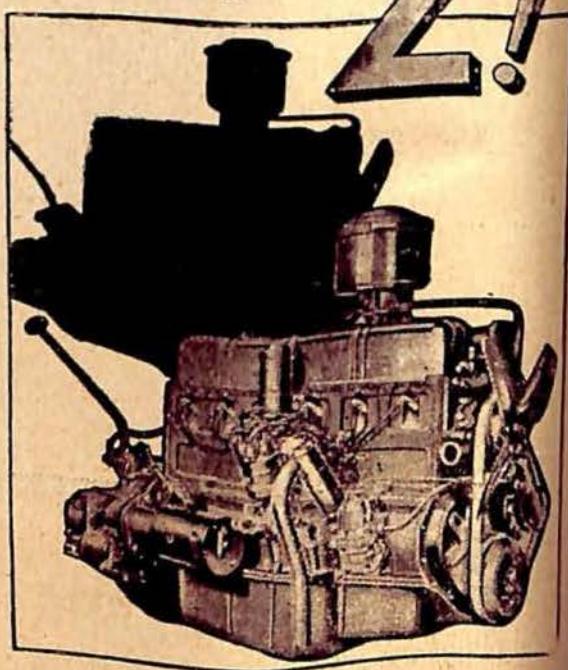
carros velozes trabalham uma razão do eixo traseiro, é, com certo numero de des do motor, para uma rodas. Nos carros econômicos, são menores as rotações notor. agora, com o novo Diferencial Duplo, o Chevrolet trabalha duas razões, de maneira a economizar, ao mesmo tempo,

a máxima efficiencia e a maior economia. Com um simples toque numa alavanca de mão, o Sr. pode diminuir as rotações do motor, mantendo a mesma velocidade. E isto quer dizer: economia de gasolina, desgaste menor, funcionamento mais suave.

E' facil ver a vantagem de possuir esse carro, o unico completo da sua classe. Peça, na primeira agencia Chevrolet, uma demonstração do Diferencial Duplo do famoso Chevrolet de 1937.



Basta um toque na alavanca de mão, para mudar a rotação do motor.



### COMO FUNCIONA

As rodas do carro podem estar girando a 96 kms., enquanto o motor trabalha a 70. O Diferencial Duplo tem duas engrenagens, uma para alta velocidade e máxima potencia, e outra (2,8 rotações para uma das rodas), que dá a mesma velocidade com menor esforço do motor e menor dispendio de gasolina.

## CHEVROLET para 1937

Agentes nas principaes cidades do Brasil